

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

**FELIPE VINÍCIUS DE PAULA ABRANTES**

**A BOLA NO “PÉ DO MORRO”: o futebol como campo de possibilidades  
de lazer no Morro do Papagaio em Belo Horizonte – MG**

Belo Horizonte  
2021

**Felipe Vinícius de Paula Abrantes**

**A BOLA NO “PÉ DO MORRO”: o futebol como campo de possibilidades de lazer no Morro do Papagaio em Belo Horizonte – MG**

Tese apresentada à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos do Lazer, pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer.

Linha de pesquisa: Identidade, sociabilidades e práticas de lazer.

Área de concentração: Cultura e Educação

Orientador: Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva

Belo Horizonte  
2021

Abrantes, Felipe Vinícius de Paula  
A161b A bola no “pé do morro”: o futebol como campo de possibilidades de lazer no  
2021 Morro do Papagaio em Belo Horizonte – MG. [manuscrito] / Felipe Vinícius de  
Paula Abrantes – 2021.  
202 f.: il.

Orientador: Silvio Ricardo da Silva

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de  
Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 142-149

1. Lazer – Teses. 2. Futebol – aspectos sociais – Teses. 4. Interação  
social – Teses. I. Silva, Silvio Ricardo da. II. Universidade Federal de Minas  
Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III.  
Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage, CRB 6: n° 3132, da  
Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DO LAZER

## **ATA DA 77ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO**

### **FELIPE VINÍCIUS DE PAULA ABRANTES**

Às 14h00min do dia 29 de outubro de 2021 reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho “A BOLA NO PÉ DO MORRO”: O futebol como campo de possibilidades de lazer no Morro do Papagaio em Belo Horizonte – MG”, requisito final para a obtenção do Grau de Doutor em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

<b>Membros da Banca Examinadora</b>	<b>Aprovado</b>	<b>Reprovado</b>
<b>Prof. Dr. Silvio Ricardo Silva (Orientador)</b>	<b>x</b>	
<b>Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli (UFMG)</b>	<b>x</b>	
<b>Prof. Dr. Leonardo Turchi Pacheco (UNIFAL)</b>	<b>x</b>	
<b>Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo da (UFPEL)</b>	<b>x</b>	
<b>Profa. Dra. Sarah Teixeira Soutto Mayor (UFJF)</b>	<b>x</b>	

Após as indicações o candidato foi considerado: **APROVADO**

O resultado final foi comunicado publicamente, para o candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 29 de outubro de 2021.

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **Sarah Teixeira Soutto Mayor, Usuário Externo**, em 17/11/2021, às 14:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Silvio Ricardo da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 17/11/2021, às 15:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leonardo Turchi Pacheco, Usuário Externo**, em 17/11/2021, às 16:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Carlos Rigo, Usuário Externo**, em 22/11/2021, às 22:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jose Alfredo Oliveira Debortoli, Professor do Magistério Superior**, em 26/11/2021, às 14:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1082229** e o código CRC **FC8079FE**.

Dedico esse trabalho à todos os brasileiros e brasileiras que vivem em aglomerados, favelas e comunidades. Pessoas que com suor, inteligência e criatividade sustentam esse país. Lutemos sempre para que chegue o dia do reconhecimento do valor dessa gente. Continuem ensinando a todos que queiram aprender: CEP não define caráter de ninguém.

## **AGRADECIMENTOS**

Estas páginas, certamente estão entre as mais importantes dentre as que compõem esse trabalho. Importante pois, sem a presença dessas pessoas as quais me dirijo, essa tese não seria uma realidade. Além da relevância acadêmica, a contribuição de todos se estende também para o crescimento humano. Portanto, expresso nessas linhas esse sentimento de gratidão.

Primeiramente, à força da natureza, às leis que regem esse planeta, que convencionamos a chamar de Deus, pela minha vida, família e saúde.

Agradeço imensamente aos meus pais: Marlene e Carlinhos. Estes dois são as melhores pessoas que eu já pude conhecer em minha vida. Muito obrigado! Toda minha trajetória não seria possível sem vocês.

Aos meus irmãos, Laura e Gustavo. Pelo apoio, carinho e incentivo. Pela compreensão em meus momentos de ausência e afastamento. Amo vocês.

À Grazielle, por estar sempre ao meu lado. Agradeço pelo companheirismo, pelo apoio, pelo afeto, pelo incentivo, pelos conselhos. Por não deixar que os momentos difíceis se tornassem longos. Te amo!

Ao Silvio, pela sua orientação competente, didática e que sempre foi capaz de aprimorar o trabalho que estava sendo feito. Agradeço pela paciência e compreensão que exige de você. Agradeço por ter acreditado em mim desde o momento em que eu era apenas mais um “naquele bando de estudantes do Silvio...” Obrigado acima de tudo, pela amizade!

Aos professores Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli e Dr. Luiz Carlos Rigo pelas valiosas contribuições no momento de qualificação e avaliação final dessa tese. Sem o carinho e a dedicação que depositaram neste trabalho, certamente o resultado não seria o mesmo.

À professora Dra. Sarah Teixeira Soutto Mayor pela leitura e contribuições no início

dessa jornada e também em seu momento derradeiro. E ao professor Dr. Leonardo Turchi Pacheco por aceitar contribuir com essa pesquisa e participar desse momento de conclusão de jornada.

Aos professores: Dra. Marina de Mattos Dantas e Dr. Luciano Pereira da Silva pela leitura deste trabalho e por se colocarem à disposição para composição da banca examinadora como membros suplentes.

À todos(as) professores e professoras do nosso PPGIEL, pela dedicação e a constante busca pela excelência acadêmica. Luciano, Hélder, Chris, Zé Alfredo, Cléber, Rafael, Elisângela, Élcio, Victor, Maria Cristina e todos outros que não tive o contato próximo em disciplinas, mas que certamente também contribuem muito para o sucesso do programa. Levarei os ensinamentos e as inspirações vindas de cada um de vocês, sempre!

Aos queridos amigos e companheiros do Pé de Cachorro F.A.C.B. Vocês sabem que a nossa formação humana, acadêmica e profissional sempre foi e continua sendo pautada pelas trocas de ideias, de experiências e de incentivos... *Ubuntu!* “*Sou o que sou pelo o que nós somos*”. Foi grande a minha sorte de encontrar com vocês nas veredas dessa vida. Muito obrigado: Andrezão, TJ, Luizinho, Marlon, Luciano, SaintClair, Luiz, Yuri, Bocha, Gui, Jean e Maranhão.

À todos os amigos do GEFuT. Aqueles que já saíram e aqueles que ainda estão no grupo. Este trabalho também é de vocês. Aqui está materializado todo apoio, ideias, sugestões, críticas e aprendizado acumulados durante esses 15 anos no nosso grupo. Muito obrigado!

À todos os “vei” do PET pela amizade, carinho e apoio.

Ao Danilo, pelo imenso profissionalismo e dedicação ao PPGIEL. Um grande parceiro, que está sempre pronto para salvar o dia. Muito obrigado!

À Bárbara Mendonça pelo competente trabalho de revisão dessa tese.



À toda a família Paula e Abrantes. Meus tios e tias, primos e primas. Por sempre poder contar com o apoio de vocês! Obrigado!

Aos meus queridos amigos de turma do Doutorado em Estudos do Lazer. Aprendi muito com vocês. Agradeço a oportunidade de ter podido conhecê-los. Espero encontrá-los sempre nos caminhos dessa vida. Um agradecimento especial ao Thiago TCC, que também teve como tema de estudo o futebol, nessa “maratona de velocidade” chamada doutorado.

À Carol pelo apoio e pelas frutíferas conversas sobre política e educação. Esperançar!

À Beth, Vanessa, Valdemar, Lu, May e Eduardo, pelo carinho e por me ajudar alargar o sentimento de família.

À Nina e ao Raul, pelo companheirismo e por me ajudar tornando os dias mais leves.

Aos queridos colegas de trabalho: professoras, professores, funcionários administrativos e dos serviços gerais, supervisoras e corpo diretivo da Escola Municipal Jacinta Enéas Orzil em Santa Luzia. Muito obrigado pelo apoio!

À CAPES pela concessão da bolsa por meio do Programa de Demanda Social que auxiliou bastante a realização desta pesquisa.

À sociedade brasileira que, por meio do pagamento de seus impostos, possibilita a existência e a manutenção da Universidade em nosso país. Assim como permitiu que esse trabalho se realizasse com auxílio da bolsa.

À todos da comunidade do Morro do Papagaio, do Prouter, da Associação Esportiva, da Associação Atlético Santa Lúcia, enfim todos que contribuíram e participaram desta pesquisa. De modo especial ao Sr. Evaristo, Robertão e Evandro que me deram a força e apoio necessários. Muito obrigado! Sem a participação de vocês e da comunidade esse trabalho seria inviável!

A primeira condição para modificar a realidade consiste em conhecê-la.  
(Eduardo Galeano, 1971)

## RESUMO

Essa pesquisa teve como objetivo central analisar a presença do futebol na comunidade do Morro do Papagaio, em Belo Horizonte, bem como assimilar de quais formas essa prática se manifesta como uma alternativa de atividade de lazer e sociabilidade para moradores do aglomerado e frequentadores do Parque Jornalista Eduardo Couri. Como objetivos auxiliares o estudo buscou compreender o futebol comunitário como elemento catalisador de outras atividades e vivências de lazer no parque, entender a organização de jogos e torneios e sua relação com a comunidade, analisar o funcionamento dos clubes de futebol amador presentes no aglomerado e identificar os usos que são feitos no parque de modo geral. Para tanto, o trabalho lançou mão de métodos afeitos às pesquisas etnográficas, como a observação participante e os subsequentes registros no caderno de campo (MAGNANI, 1997), entrevistas, registros de imagens e de diálogos com os moradores da comunidade. Os dados obtidos foram organizados previamente para posterior análise. A interpretação das informações se deu à luz da proposta de descrição densa (GEERTZ, 1989). Para isso, as pistas para essa interpretação, dadas pelos “nativos” foram seguidas e utilizadas para a análise. No momento da análise dos dados foram elencadas categorias de organização e interpretação do material, sendo: a relação comunidade/futebol, sociabilidade e lazer no parque, pertencimento comunitário/clubístico e usos e apropriações que são feitos no Parque Jornalista Eduardo Couri. Os principais resultados que a pesquisa atingiu, revelam como a comunidade do Morro do Papagaio se organiza e de certa forma garante que o lazer seja vivenciado pelas pessoas do local. Para isso, o futebol comunitário se mostrou um importante aliado. A existência e a organização de equipes de futebol na comunidade, os torneios e festivais que acontecem no parque são largamente utilizados pela população como uma forma de acessar momentos de lazer e fruição. A relação entre a comunidade e o futebol comunitário se mostrou bastante intensa, no caso da equipe do Prointer fica ainda mais perceptível essa questão, e fez com que o clube fosse entendido como uma expressão de pertencimento à comunidade, um pertencimento comunitário. Além disso, a investigação permitiu, a partir da realidade encontrada no Prointer, fazer uma reflexão mais ampla acerca do futebol de mulheres no Brasil. Em relação aos usos do parque que são feitos, para além dos campos de futebol, a pesquisa mostrou que existe uma espécie de barreira social entre os diferentes grupos que usam o equipamento público. Essa diferenciação na apropriação, se refere tanto aos locais que eles acessam, quanto às atividades escolhidas por esses grupos, para o lazer dentro do parque. Acerca do papel do poder público no fomento do lazer para a população, entendo que há uma falta de sensibilidade e competência por parte deste ente administrativo, em compreender as demandas da comunidade e assim propôr políticas públicas que contemplem essas expectativas.

**Palavras-chave:** Futebol. Futebol comunitário. Lazer. Equipamento urbano.

## ABSTRACT

The main objective of this research was to analyze the presence of football in the community of Morro do Papagaio, in Belo Horizonte, as well as to assimilate the ways in which this practice manifests itself as an alternative leisure activity and sociability for residents of the cluster and visitors to Parque Jornalista Eduardo Couri. As auxiliary objectives, the study sought to understand community football as a catalyst for other activities and leisure experiences in the park, understand the organization of matches and tournaments and its relationship with the community, analyze the functioning of amateur football clubs present in the cluster and identify the uses that are made in the park in general. For this purpose, the work made use of methods used to ethnographic research, such as participant observation and subsequent records in the field notebook (MAGNANI, 1997), interviews, image records and dialogues with community residents. The data obtained were previously organized for further analysis. The interpretation of the information took place in the light of the proposal of a dense description (GEERTZ, 1989). For this, the tips for this interpretation, given by the "natives" were followed and used for the analysis. At the time of data analysis, categories of organization and interpretation of the material were listed, namely: the community/football relationship, sociability and leisure in the park, community/club membership and uses and appropriations that are made in the Parque Jornalista Eduardo Couri. The main results obtained by the survey reveal how the Morro do Papagaio community organizes itself and in a way ensures that leisure is experienced by local people. For this, community football proved to be an important ally. The existence and organization of football teams in the community, tournaments and festivals that take place in the park are widely used by the population as a way to access moments of leisure and enjoyment. The relationship between the community and community football proved to be quite intense, in the case of the Printer team, this issue is even more noticeable, and made the club to be understood as an expression of belonging to the community, a community belonging. Furthermore, the investigation allowed, based on the reality found in Printer, to make a broader reflection on women's football in Brazil. Regarding the uses of the park that are made, in addition to the soccer fields, the research showed that there is a kind of social barrier between the different groups that use public equipment. Both, with regard to the places they access, and in relation to the activities chosen by these different groups, for leisure within the park. Regarding the role of public authorities in promoting leisure for the population, I understand that there is a lack of clarity on the part of this administrative entity, in understanding the demands of the community and thus proposing public policies that address these expectations.

**Keywords:** Football. Community football. Leisure. Urban equipment.

## RESUMEN

El objetivo principal de esta investigación fue analizar la presencia del fútbol en la comunidad de Morro do Papagaio, en Belo Horizonte, así como asimilar las formas en que esta práctica se manifiesta como una actividad alternativa de ocio y sociabilidad para los vecinos del aglomerado y visitantes del Parque Jornalista Eduardo Couri. Como objetivos auxiliares, el estudio buscó entender el fútbol comunitario como catalizador de otras actividades y experiencias de ocio en el parque, comprender la organización de juegos y torneos y su relación con la comunidad, analizar el funcionamiento de los clubes de fútbol amateur presentes y identificar los usos que se hacen en el parque en general. Para ello, el trabajo hizo uso de métodos utilizados para la investigación etnográfica, como la observación participante y registros posteriores en el cuaderno de campo (MAGNANI, 1997), entrevistas, registros de imágenes y diálogos con residentes de la comunidad. Los datos obtenidos se organizaron previamente para su posterior análisis. La interpretación de la información se realizó a la luz de la propuesta de una descripción densa (GEERTZ, 1989). Para ello, se siguieron y utilizaron para el análisis las pistas para esta interpretación, dadas por los "nativos". En el momento del análisis de los datos se enumeraron las categorías de organización e interpretación del material, a saber: la relación comunidad / fútbol, sociabilidad y ocio en el parque, membresía comunidad / club y usos y apropiaciones que se realizan en el Parque Jornalista Eduardo Couri. Los principales resultados obtenidos por la investigación revelan cómo la comunidad de Morro do Papagaio se organiza y de alguna manera asegura que la gente local viva el ocio. Para ello, el fútbol comunitario resultó ser un aliado importante. La existencia y organización de equipos de fútbol en la comunidad, los torneos y festivales que se realizan en el parque son ampliamente utilizados por la población como vía para acceder a momentos de esparcimiento y disfrute. La relación entre la comunidad y el fútbol comunitario resultó ser bastante intensa, en el caso del equipo Prointer, este tema es aún más notorio, e hizo entender al club como una expresión de pertenencia a la comunidad, una pertenencia a la comunidad. Además, la investigación permitió, a partir de la realidad encontrada en Prointer, hacer una reflexión más amplia sobre el fútbol femenino en Brasil. En cuanto a los usos del parque que se realizan, además de las canchas de fútbol, la investigación mostró que existe una especie de barrera social entre los diferentes grupos que utilizan las instalaciones públicas. Tanto en lo que respecta a los lugares a los que acceden, como en lo que respecta a las actividades elegidas por estos diferentes colectivos, para el ocio dentro del parque. En cuanto al rol de las autoridades públicas en la promoción del esparcimiento de la población, entiendo que existe una falta de claridad por parte de esta entidad administrativa, en la comprensión de las demandas de la comunidad y así proponer políticas públicas que atiendan estas expectativas.

**Palabras-clave:** Fútbol. Fútbol comunitario. Ocio. Equipamiento urbano.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Relação de entrevistados para a pesquisa. ....	31
Figura 1: Planta topográfica de Belo Horizonte (1893).....	37
Figura 2: Moradias no Morro do Papagaio em 1974.....	40
Figura 3: Casas de madeira e amianto no Morro do Papagaio em 1980.....	41
Figura 4: Parque Jornalista Eduardo Couri no ano de sua inauguração.....	46
Figura 5: O parquinho no ano de inauguração do Parque Jornalista Eduardo Couri. Morro do Papagaio ao fundo. ....	47
Figura 6: Altimetria de Belo Horizonte .....	49
Figura 7: Logomarca do evento.....	51
Figura 8: Ação do Dia das Crianças realizado pela Rádio 98FM.....	53
Figura 9: Evento do Dia das Crianças realizado pela 98FM.....	53
Figura 10: Troca de figurinhas em 2014.                      Figura 11: Troca de figurinhas em 2018. ....	58
Figura 12: Mapa do Parque Jornalista Eduardo Couri; destaque para os locais retratados nesta pesquisa. ....	59
Figura 13: Prointer em jogo da final do Campeonato Mineiro Amador – 2019.....	73
Figura 14: Futebol comunitário bricolado à noite. Juiz “improvisado” no meio do campo.....	74
Figura 15: Partida de futebol comunitário amador sendo realizada no campo velho...	76
Figura 16: Pelada dos veteranos .....	78
Figura 17: Time do Prointer no campo novo em 2018 .....	86
Figura 18 – Clube, comunidade e pertencimento comunitário.....	89
Figura 19: Divulgação do Samba na Barragem .....	90
Figura 20: Time do Prointer/Aglomerado Santa Lúcia e alguns torcedores da comunidade aguardando o início de uma partida – Taça das Favelas 2018. ....	92
Figura 21: Escala: futebol profissional/amador. O diletantismo do futebol feminino no Brasil. ....	96
Figura 22: Comparativo entre Campeonato Mineiro Feminino 2015 e 2020. ....	97
Figura 23: Mapa de “divisão territorial” no uso do Parque Jornalista Eduardo Couri	119
Figura 24: Trecho da pista de caminhada entre os campos e lagoa.....	122
Figura 25: Biquinha .....	124
Figura 26: Moradores pescando na lagoa da Barragem Santa Lúcia .....	126
Figura 27: Localização da sede da Casa do Beco no Morro do Papagaio.....	129

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ANF – Associação Nacional de Favelas  
APCBH – Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte  
CONMEBOL – Confederação Sul-americana de Futebol  
COEP – Comitê de Ética em Pesquisa  
CRAS – Centro de Referência de Assistência Social  
CUFA – Central Única das Favelas  
DFA – Departamento de Futebol Amador  
FIFA – Fédération Internationale de Football Association  
FJP – Fundação João Pinheiro  
FMF – Federação Mineira de Futebol  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano  
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada  
IVS – Índice de Vulnerabilidade Social  
PBH – Prefeitura de Belo Horizonte  
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios  
PRODABEL – Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte  
SFAC – Setor de Futebol Amador da Capital  
SMEL – Secretaria Municipal de Esporte e Lazer  
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido  
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais  
UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância  
URBEL – Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO: FAVELIZAÇÃO, DIREITOS SOCIAIS, FUTEBOL E LAZER .....</b>	<b>17</b>
1.1 Objetivo geral .....	22
1.2 Objetivos específicos .....	22
1.3 Justificativas que embasaram a realização do estudo .....	23
1.4 Metodologia .....	24
1.4.1 Cuidados éticos.....	32
1.5 Estrutura do texto .....	33
<b>2 RECONHECENDO O TERRENO: O HISTÓRICO DA COMUNIDADE E DO PARQUE.....</b>	<b>36</b>
2.1 O Morro do Papagaio (Aglomerado Santa Lúcia): primeiras casas e construções.....	38
2.2 Fazendinha: a casa mais antiga de Belo Horizonte.....	42
2.3 Construção da Barragem Santa Lúcia e do Parque Jornalista Eduardo Couri.....	44
2.4 Momento atual e dados sociodemográficos da comunidade e do Parque .....	47
2.5 Ações privadas e políticas públicas de lazer na comunidade e no Parque .....	50
2.6 Lazer e uso espontâneo do Parque .....	56
<b>3 O LAZER E O FUTEBOL NO PARQUE E NA COMUNIDADE ...</b>	<b>60</b>
3.1 O terraço: coração do Parque Jornalista Eduardo Couri...	64
3.2 Os “futebóis” comunitários no Parque .....	71
3.3 O horário nobre no campo novo: a pelada dos veteranos .....	77
<b>4 PROINTER .....</b>	<b>83</b>
4.1 O Prointer e o pertencimento comunitário.....	84
4.2 O Prointer e os desafios de um futebol diletante .....	94
<b>5 ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA DA BARRAGEM SANTA LÚCIA. </b>	<b>104</b>
5.1 História da Associação, relações e atribuições “fora das quatro linhas” .....	106
5.2 Ações dentro e fora de campo: festivais, torneios e resenhas.....	112
<b>6 PARA ALÉM DA BOLA ROLANDO: OUTROS USOS E APROPRIAÇÕES DO PARQUE E AÇÕES DA COMUNIDADE .....</b>	<b>117</b>
6.1 Uma barreira (in)visível: as diferentes formas de apropriação do Parque pelo “pessoal do Morro” e os “bacanas do asfalto” .....	118
6.2 Por nós, para nós: outras manifestações culturais desenvolvidas pela e para a comunidade.....	126



6.2.1 Casa do Beco.....	129
6.2.2 Eu Amo Minha Quebrada.....	132
6.2.3 Futebol de Rua.....	134
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>138</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>142</b>
<b>SITES CONSULTADOS .....</b>	<b>150</b>
<b>APÊNDICE A BANCO DE IMAGENS.....</b>	<b>152</b>
<b>APÊNDICE B TCLE ENTREVISTA PESQUISA .....</b>	<b>170</b>
<b>APÊNDICE C TERMO DE ANUENCIA ASSOCIAÇÃO.....</b>	<b>171</b>
<b>APÊNDICE D TERMO DE ANUÊNCIA PROINTER .....</b>	<b>172</b>
<b>APÊNDICE E TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....</b>	<b>173</b>
<b>ANEXO A MAPA PARQUE JORNALISTA EDUARDO COURI .....</b>	<b>194</b>
<b>ANEXO B DOCUMENTAÇÃO DE APROVAÇÃO JUNTO AO COEP/UFMG .....</b>	<b>195</b>

## **1 INTRODUÇÃO: FAVELIZAÇÃO, DIREITOS SOCIAIS, FUTEBOL E LAZER**

O processo de favelização ocorre, principalmente, em razão da ocupação e da expansão sem planejamento das grandes e médias cidades brasileiras, entre outros fatores. A favelização é um complexo fenômeno social que, por ser desencadeado por múltiplos fatores, é de difícil solução para o poder público e para a sociedade civil organizada. A meu ver, o principal desafio que vem a reboque do processo de favelização não é a desvalorização financeira das regiões onde estas comunidades se situam, mas sim o preocupante déficit de serviços que deveriam ser oferecidos pelo poder público a fim de garantir os direitos sociais básicos dos cidadãos que ali se encontram. Em outras palavras, para essa parcela de brasileiros, o acesso aos diversos serviços públicos ainda é precário. Com esse cenário em mente, podemos considerar que a oferta de atividades de lazer – pensando-as como direito social – geralmente também é insatisfatória.

Refletindo sobre essa realidade, em um âmbito local, podemos apoiar essa observação na base de dados oriunda do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>1</sup>, referente ao último censo realizado no Brasil, no ano de 2010. Tais dados foram atualizados e revisados por outras pesquisas e outros estudos – como é o caso da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) publicada no ano de 2013. Segundo os resultados deste estudo, mais de 300 mil belo-horizontinos vivem em aglomerados subnormais<sup>2</sup>. Esse número representa aproximadamente 12% da população da capital, que se encontram nestas condições de moradia.

A cidade de Belo Horizonte possui mais de 200 favelas, sendo as maiores e mais antigas o Aglomerado da Serra, o Morro das Pedras, a Cabana do Pai Tomás, o Aglomerado Vista Alegre, a Vila Cemig e o Aglomerado Santa Lúcia, conhecido também como “Morro do Papagaio” (PAIVA; GOLGHER, 2009).

---

<sup>1</sup> Dados levantados no Censo 2010 e compilados e detalhados no PNAD (2013) do Município de Belo Horizonte realizado em 2011.

<sup>2</sup> Como são nominadas tecnicamente locais com ocupação habitacional que estão sujeitas aos problemas urbanos e sociais favelas, vilas e ocupações urbanas.

Atualmente o Morro do Papagaio conta com mais de 25 mil moradores, em quase 6 mil domicílios, ainda segundo os dados apontados pela PNAD (2013) e obtidos pela Prefeitura de Belo Horizonte (PBH). A comunidade se originou da junção de algumas favelas da região: a Vila Estrela, a Vila Santa Rita de Cássia, a Vila São Bento (também conhecida como “Bicão”) e a Vila Barragem Santa Lúcia. Com o crescimento de todas essas vilas, elas passaram a formar um grande e único aglomerado de moradias: o Aglomerado Santa Lúcia<sup>3</sup>. Mais adiante, no Capítulo 2, nos aprofundaremos mais no contexto histórico dessa comunidade.

Como disse anteriormente, serviços básicos que são direitos de todos os cidadãos são escassos ou até mesmo inexistentes em muitos aglomerados subnormais – e essa realidade também é observada nas favelas de Belo Horizonte. Faço tal afirmação com base no que observei durante um ano de trabalho no Morro do Papagaio<sup>4</sup>, bem como no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,680 da comunidade, semelhante ao de países que enfrentam graves problemas sociais e econômicos, conforme divulgado pela PNAD (2013).

O ano em que tive a oportunidade de trabalhar nessa comunidade foi 2012. À época, trabalhava no Esporte Esperança<sup>5</sup>, um projeto de esporte e lazer da PBH vinculado à Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL). O público-alvo desse projeto era crianças e adolescentes, e a metodologia de trabalho consistia na apresentação das modalidades esportivas coletivas e individuais em formato de oficinas. As atividades ocorriam nos campos de futebol e na quadra poliesportiva do Parque Jornalista Eduardo Couri, também conhecido como “Parque da Barragem Santa Lúcia”.

Os equipamentos utilizados (campos, quadra e parquinho) ficam próximos à parte baixa do Morro do Papagaio (o “pé do morro”) e são muito utilizados pelas pessoas da comunidade<sup>6</sup>. Por esse motivo, esses locais se destacaram no decorrer da pesquisa. Mostraram-se importantes para a vivência de lazer dos moradores da comunidade por

---

<sup>3</sup> Os moradores do aglomerado referem ao mesmo como “Morro do Papagaio” mesmo sendo o morro apenas uma seção do aglomerado.

<sup>4</sup> Anteriormente ao trabalho de pesquisa de campo e às incursões feitas para o curso de doutorado.

<sup>5</sup> Mais informações a respeito deste projeto se encontram na Parte II desta tese.

<sup>6</sup> Também se encontram no Parque Jornalista Eduardo Couri: lagoa (barragem), aparelhos de academia a céu aberto, *playground*, pista de caminhada e corrida, bares, quiosques, bancos, gramados, esplanada e estacionamento.

se constituírem como *loci* simultaneamente concretos e simbólicos para o encontro das pessoas da comunidade e de outros locais próximos.

Em que pese a relevância apontada, entendo que faltam, por parte dos órgãos públicos, propostas de ações de animação cultural<sup>7</sup> no Parque Jornalista Eduardo Couri. Esse era um dos objetivos secundários do programa Esporte Esperança; no entanto, a iniciativa enfrentou alguns obstáculos, que descrevo a seguir.

Ao desenvolver o trabalho do Esporte Esperança, percebi que havia uma flagrante dificuldade em conseguir crianças e jovens interessados em se inscrever no projeto, ainda que houvesse insistente divulgação feita por mim e pelo Sr. Evaristo (morador do Morro do Papagaio que compunha a dupla de trabalho). Essa experiência corroborou a ideia de Melo (2008; 2009) sobre a existência de um número cada vez maior de projetos sociais dentro das comunidades, o que acaba gerando, entre outros desafios, uma disputa pela presença e participação de crianças.

O Esporte Esperança tinha como objetivo central apresentar aos jovens da comunidade o maior número possível de modalidades esportivas; assim, não se restringia a uma única prática, como o futebol. As crianças e os jovens, porém, não tinham o Esporte Esperança como primeira opção para suas atividades esportivas, porque davam preferência para iniciativas que tinham o futebol como principal (ou única) opção. Essas outras iniciativas<sup>8</sup> eram organizadas e executadas pelos moradores do Morro do Papagaio e pela Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia<sup>9</sup>.

Isso significa que o projeto proposto pelo poder público era o menos acessado, pois não atendia à demanda da comunidade. Nesse caso, a "ausência" do governo fez com que as pessoas se organizassem e criassem por iniciativa própria a oferta que faltava

---

<sup>7</sup> Concordo com Melo (2004) e entendo a animação cultural como “um processo de educação estética, de educação das sensibilidades, o que pode permitir aos indivíduos desenvolverem o ato de julgar e criticar a partir do estabelecimento de novos olhares sobre a vida e a realidade” (p. 14). Ou, ainda de acordo com Melo (2002), “uma intervenção pedagógica que tem a cultura como sua preocupação e estratégia central” (p. 103).

<sup>8</sup> Algumas dessas iniciativas foram objeto desta pesquisa e serão analisadas no Capítulo 4.

<sup>9</sup> Essa Associação é uma organização comunitária que assume a responsabilidade pela manutenção, organização de horários e outras demandas dos campos do parque. A Associação também organiza torneios, jogos e festas. A ela foi dedicado um capítulo desta tese.

– no caso, o futebol.

Todo esse fato é um exemplo que evidencia o futebol como uma importante opção de vivência de lazer da população em várias regiões do Brasil. E aqui falo do futebol em seu aspecto mais amplo, em suas mais diversas matrizes (DAMO, 2007) e em seu engajamento no torcer. Penso o futebol (tanto na prática quanto na assistência) como manifestação e atividade de lazer, pois, concordando com Gomes (2004), entendo o lazer como uma dimensão cultural que se constitui por meio da vivência lúdica.

A comunidade do Morro do Papagaio foi central na investigação desta pesquisa – de modo específico, o uso que as pessoas da comunidade (e de outras regiões da cidade) fazem do Parque Jornalista Eduardo Couri, bem como do futebol que se insere nesse contexto. O parque, os campos, os bares e as arquibancadas que estão dentro desse equipamento foram por mim compreendidos como “pedaço” (MAGNANI, 1998), uma vez que o Parque se encontra, literal e socialmente falando, entre a casa (o Morro do Papagaio) e a rua<sup>10</sup>. Nele, as pessoas do Morro não só estabelecem e estreitam vínculos afetivos e de sociabilidade, mas também produzem e mantêm uma cultura que retroalimenta esses vínculos. Toda essa cultura é muito rica e diversa, ainda que este trabalho tenha buscado focar a análise no futebol comunitário.

Assim, foi importante perceber quais sentidos são atribuídos pelos moradores ao Parque Jornalista Eduardo Couri, quais são os usos e os desusos que fazem da comunidade, quais são as maneiras de manifestação das atividades e os momentos de lazer no pedaço, bem como qual é o papel do futebol em toda esta teia de relações. As relações da comunidade tornaram o conceito de sociabilidade caro para este estudo, uma vez que o diálogo com o lazer foi o que nos mostrou como ocorre a interação social entre os moradores do Morro do Papagaio: crianças, adolescentes, jovens e adultos, sejam homens, sejam mulheres.

Para Simmel (1983), a base das relações sociais humanas (ou seja, o que nos permite viver em sociedade) é a “sociação”, as mais diversas formas de os sujeitos se relacionarem uns com os outros. Ainda para Simmel (1983), a forma lúdica de sociação é denominada “sociabilidade”. Esse conceito se aproxima do objeto central

---

<sup>10</sup> Aqui, entendo “rua” como espaço público do estranho, do outro, daquele que está fora da comunidade. Em outras palavras, um local impessoal e alheio ao cotidiano da comunidade.

deste estudo: a vivência lúdica entre moradores do Morro do Papagaio (principalmente) e moradores de outros locais durante o tempo do não trabalho no equipamento de lazer público que é o Parque Jornalista Eduardo Couri.

Ressalto que o conceito de “sociabilização” trabalha com a ideia de grupo social. Por isso, nesta investigação, foi importante observar os sujeitos como grupo social. A interação do grupo ocorreu, no caso investigado, durante a atividade de lazer escolhida e vivenciada no Parque. O entendimento dos moradores como grupo social ficou bastante evidente ao longo da pesquisa de campo, principalmente quando se referiam à própria comunidade procurando mostrar seus pontos positivos – diferentemente do que ocorre, na maior parte das vezes, na abordagem da mídia tradicional sobre as favelas e os aglomerados.

Especialmente por essa característica, pensei ser pertinente não fazer inferências ou levantar questionamentos, mesmo que de forma paralela à pesquisa, que fizessem menção aos problemas da comunidade com a criminalidade (a não ser que algum fato ocorresse na minha presença). Mas saliento que em nenhum momento presenciei atitudes que pudessem se configurar como crimes.

Essa decisão foi necessária porque, ao longo do percurso do doutorado, alguns colegas comentavam que seria necessário tratar da criminalidade e das suas consequências na vivência de lazer observada. Inicialmente, concordei e pensei que realmente teria de tratar desse viés. Mais tarde, contudo, essa expectativa não se confirmou, e “forçar” o debate dessa temática seria ir contra o sentimento expresso pelos moradores como grupo social do Morro do Papagaio. Como grupo, eles têm quase um acordo tácito em mostrar a comunidade por ângulos diferentes daqueles comumente expostos ao restante da cidade.

Busquei, também, verificar a influência do futebol no desencadeamento de outras atividades de lazer no Parque eleitas pelos moradores do Morro do Papagaio.

Em resumo, este trabalho buscou fazer uma análise, em um tempo-espaco específico, sobre a forma como os sujeitos se apropriam do equipamento urbano Parque Jornalista Eduardo Couri e descrever os resultados das sociabilidades decorrentes

dessa apropriação.

Diante do exposto, foi possível elaborar alguns questionamentos relevantes, que nos auxiliaram no percurso desta pesquisa, especialmente nas ações em campo e na escrita desta tese. Os mais significativos foram: Como o futebol se manifesta como atividade de lazer para os moradores do Morro do Papagaio (e de outros locais) que frequentam o Parque? Para além do futebol, quais outras atividades de lazer essas pessoas realizam no Parque? O futebol é um elemento aglutinador e desencadeante dessas outras vivências de lazer? Existe uma sociabilidade que é favorecida pela presença do futebol no Parque? Como o Parque é utilizado em seus diferentes setores? E por quem? O sentimento de pertencimento é catalisado pelo futebol comunitário?

Saliento que este trabalho que não foi feito com a pretensão de que seja tomado como prescrição de atividades de lazer para moradores de aglomerados. O intuito deste fazer científico é contribuir com um importante debate no campo do lazer e, quem sabe, auxiliar pessoas para que se organizem ainda mais como comunidade – não somente para que elas mesmas supram as eventuais faltas de políticas públicas de lazer, mas também para que saibam cobrar o pleno atendimento desses direitos. Para os gestores, anseio que esta leitura possa apoiar a elaboração de iniciativas públicas nas cidades, principalmente de esporte e lazer, de forma abundante e igualitária para todas as regiões, sejam centrais, sejam periféricas.

### **1.1 Objetivo geral**

Os objetivos centrais deste trabalho são analisar a presença do futebol na comunidade do Morro do Papagaio, em Belo Horizonte, assim como compreender de que maneiras esse esporte se manifesta como opção de lazer e sociabilidade para os moradores do Morro que são frequentadores do Parque Jornalista Eduardo Couri.

### **1.2 Objetivos específicos**

- Compreender de que forma o futebol comunitário desencadeia outras

atividades e vivências de lazer para os frequentadores do Parque Jornalista Eduardo Couri;

- Descrever como são organizados jogos e torneios de times amadores e como é a relação da comunidade com eles;
- Analisar a dinâmica de funcionamento dos clubes de futebol amador presentes no Morro do Papagaio;
- Identificar e analisar os usos do no Parque Jornalista Eduardo Couri pelos moradores do Morro do Papagaio e dos bairros vizinhos.

### **1.3 Justificativas que embasaram a realização do estudo**

A importância do estudo do lazer nas periferias de Belo Horizonte está relacionada ao fato de que o lazer, um direito social como tantos outros, ainda não é garantido satisfatoriamente em comunidades como a do Morro do Papagaio. Por isso, é pertinente que busquemos compreender melhor essa significativa parcela da população Belo-horizontina e entender seus anseios e suas demandas. O exemplo do programa Esporte Esperança é emblemático, pois considerou apenas uma parte da forte relação entre a comunidade do aglomerado e o futebol. Provavelmente, se esta realidade fosse conhecida ou considerada pelos gestores públicos, a estratégia de entrada do projeto poderia ocorrer de outra maneira e, aos poucos, conseguir aumentar o universo de vivências esportivas dos moradores.

Outro aspecto que se mostrou importante durante a pesquisa de campo foi conhecer a forma como os moradores se organizam. Essa compreensão da comunidade pode ser profícua na tentativa de aumentar as ações<sup>11</sup> governamentais de oferecimento de políticas públicas e atividades de lazer. Com esse tipo de conhecimento, acredito que as iniciativas do poder público para esporte, lazer e outras áreas podem ser pensadas de forma mais vinculada ao que anseia a comunidade.

No que se refere ao estudo em grandes cidades, Magnani (2002) ressalta o valor da pesquisa antropológica no contexto urbano. Segundo o autor, a grande riqueza é a

---

<sup>11</sup> Durante a pesquisa de campo, observei que nenhuma ação de lazer foi realizada pelo poder público no Parque Jornalista Eduardo Couri, salvo a *Copa Centenário de Futebol Amador Wadson Lima*, que acontece anualmente e é realizada pela SMEL. No ano de 2020, o torneio não ocorreu devido à pandemia de Covid-19. Atualmente, o programa Esporte Esperança não acontece mais no Parque.



possibilidade de estudar a cidade, não a considerando como apenas um pano de fundo, mas sim ampliando as interpretações sobre ela, com base em um conhecimento e um diálogo com os seus mais diferentes atores sociais em suas interações, trocas e conflitos. Para ele,

o que se propõe é um olhar de perto e de dentro, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc. Esta estratégia supõe um investimento em ambos os pólos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise. (MAGNANI, 2002, p. 18).

Ressalto que são diversos os fatores que tornaram essa investigação pertinente. Primeiramente, vejo como uma contribuição para a já consolidada relevância do campo científico dos estudos sobre futebol. Este estudo abordou um futebol amador, periférico, comunitário, que não é tão recorrente nos estudos sobre futebol quanto o futebol espetacularizado (SOUZA *et al.*, 2019), por exemplo. Vale frisar também a pertinência e a relevância que o futebol e o torcer possuem em nosso país e em nossa sociedade.

Desta maneira, penso que são necessários e urgentes mais estudos, investigações e discussões acerca do tema. Os estudos sobre futebol nos campos das ciências humanas e do lazer conquistaram um relevante espaço, e a presente pesquisa dialogou com essa temática ao longo de sua realização.

Também precisamos entender melhor a cidade como equipamento de lazer (MARCELLINO *et al.*, 2006) e reconhecer como os cidadãos nela inseridos a ocupam e a transformam. Compreender a cidade resulta em compreender melhor as pessoas que nela vivem e as suas demandas.

#### **1.4 Metodologia**

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo etnográfico. Utilizei ferramentas de pesquisa afeitas a esse tipo de pesquisa no trabalho de campo, na análise de dados e na escrita do texto da tese. Cabe, ainda, ressaltar o caráter qualitativo deste

trabalho. Desta forma, esse foi o tratamento dado no momento de analisar os dados obtidos.

Neste trabalho, as pessoas que residem no Morro do Papagaio e que utilizam os campos de futebol do Parque Jornalista Eduardo Couri nos momentos de lazer são centrais. Pessoas oriundas de outros logradouros da cidade certamente também se fizeram presentes e utilizaram o espaço. Mas, nesta pesquisa, foi predominante a participação dos moradores da comunidade, seja em relação às entrevistas concedidas, seja em relação aos diálogos transcritos entre pessoas presentes nos campos e em outros ambientes do Parque.

A população que participou deste estudo foi formada majoritariamente por homens. Penso que esse fato é reflexo de uma sociedade patriarcal, que entende como legítima a ocupação de determinados espaços públicos (sobretudo os que dizem respeito ao futebol) apenas por homens. A liderança da organização dos horários dos campos, o controle do uso dos vestiários, o comando dos bares e até mesmo a participação no torcer do futebol comunitário eram majoritariamente masculinas. Cabe ressaltar, porém, a presença de times de mulheres nos campos, bem como o protagonismo do time feminino Prointer Futebol Clube<sup>12</sup> na comunidade.

Sobre os instrumentos utilizados na investigação, destaco o largo uso do caderno de campo, com abundantes anotações do que foi observado nos dias de pesquisa *in loco*. Muitas dessas anotações não farão parte do texto, mas certamente me ajudaram a compreender o universo pesquisado e, possivelmente, podem compor trabalhos futuros. Arrisco dizer que o caderno de campo foi o principal instrumento desta pesquisa. Para exemplificar o potencial metodológico para a coleta de dados desse recurso, recorro a Magnani (1997, p. 8), que diz o seguinte sobre o caderno de campo:

ao registrar nas linhas, os relatos de viagem, o particular contexto em que os dados foram obtidos, permite captar uma informação que os documentos, as entrevistas, os dados censitários, a descrição de rituais, – obtidos por meio do gravador, da máquina fotográfica, da filmadora, das transcrições – não conseguem transmitir.

---

<sup>12</sup> Clube sediado no Morro do Papagaio, cujo presidente é o Sr. Evaristo. É o clube amador mais conhecido da comunidade.

Portanto, o uso do caderno teve o objetivo de realizar a caracterização da comunidade, do seu cotidiano, da forma como os seus moradores usufruem do tempo de lazer, da presença do futebol comunitário, das formas de apropriação do Parque Jornalista Eduardo Curi, da relação entre as pessoas presentes nos eventos e jogos, dos serviços públicos existentes, do comércio local, entre outros. Tudo isso com a finalidade de que o texto tivesse os elementos mais ricos possíveis dessa dinâmica social.

Uma técnica de uso do caderno de campo de que lancei mão foi a descrição densa<sup>13</sup> (GEERTZ, 1989). Nesse sentido, busquei um melhor entendimento do tempo-espço da comunidade, dos equipamentos de lazer presentes e do futebol em meio a este "caldo cultural", a fim de alcançar uma interpretação da cultura dos cidadãos da comunidade e do futebol como fenômeno sociocultural.

Penso que a característica que mais se destaca quando se adota o método da descrição densa é assumir o uso da linguagem própria das pessoas da comunidade investigada. A terminologia e as denominações utilizadas por vezes se afastam dos conceitos atuais e recorrentes no meio acadêmico ou do discurso oficial do poder público, mas fiz essa escolha e, portanto, deixo aqui explicitado o caminho tomado.

Um exemplo do exposto é o termo "comunidade". Existe, entre alguns estudiosos (VALLADARES, 2005; PEREIRA, CASTRO e CHEIBUB, 2019) e algumas organizações sociais das periferias<sup>14</sup> (principalmente do Rio de Janeiro), uma discussão que busca privilegiar o uso da palavra "favela". Há nessa ação um ato político, uma tentativa de retirar da palavra "favela" uma possível conotação negativa,

---

<sup>13</sup> Segundo Geertz (1989) para uma descrição densa é necessário que os diálogos e as conversas sejam interpretadas pelos próprios interlocutores do diálogo original, já que a sua cultura está inserida no discurso. Além da linguagem, também se consegue, por meio da observação da rotina e dos hábitos das pessoas do local pesquisado, um melhor entendimento de horários e/ou lugares para se estar e das circunstâncias em que é possível fazer intervenções para a pesquisa de maneira mais ou menos contundente. Assim, como propõe Geertz, procurei o auxílio de um "nativo" da comunidade para a interpretação desses dados. O Sr. Evaristo foi o contato mais próximo que tive no Morro do Papagaio. Ele é bastante envolvido com a cultura do futebol na comunidade, além de conhecer um grande número de pessoas. Também contei com uma proximidade profícua do Robertão, que, assim como o Sr. Evaristo, é morador da comunidade, é bastante envolvido com o futebol amador e tem presença constante no Parque.

<sup>14</sup> A Associação Nacional de Favelas (ANF) aborda esse tema em uma publicação *on-line* disponível em [www.anf.org.br/favelas-ou-comunidades/](http://www.anf.org.br/favelas-ou-comunidades/)

ou mesmo a vergonha das pessoas que moram nestes locais de usarem tal termo<sup>15</sup>. Contudo, no caso do Morro do Papagaio, a palavra “comunidade” é a de uso mais recorrente e de mais fácil entendimento pelas pessoas. Por outro lado, não observei, em nenhum momento, alguém com vergonha nem alguma situação de melindre no uso do substantivo “favela” – embora tenha percebido ser uma palavra menos presente. Dessa forma, utilizei ambas as palavras para me referir ao Morro do Papagaio.

O próprio nome “Morro do Papagaio” é outro exemplo. Para o poder público, o nome correto é “Aglomerado Santa Lúcia”, sendo Morro do Papagaio apenas uma seção desse aglomerado. Porém ninguém com quem conversei citou, sequer uma vez, a denominação “Aglomerado Santa Lúcia”. A forma como todas as pessoas nomeavam a comunidade era “Morro do Papagaio”.

Outro exemplo desse fato que gostaria de destacar é a maneira como as pessoas da comunidade especificam o futebol e as equipes de mulheres. Tenho ciência dos trabalhos e das discussões acadêmicas que pontuam a modalidade como “futebol praticado por mulheres” (GOELLNER; KESSLER, 2018) e compreendo a importância da linguagem neste sentido. Contudo, na comunidade pesquisada, a maneira como se expressam acerca dessa prática é “futebol feminino”. Obviamente, eles se expressam da forma como o senso comum, a federação e a grande mídia se referem ao futebol praticado por mulheres. Em vista disso, no capítulo sobre o Printer, principalmente, procurei usar essas duas formas de escrita (“futebol praticado por mulheres” e “futebol feminino”), atentando para os momentos em que cada uma seria mais interessante ou adequada.

A questão central que se coloca, portanto, é a interpretação. Apoiando-me em Geertz (1989), acredito que a cultura é, antes de tudo, uma teia de significados que a humanidade cria e estabelece por meio de suas relações. Assim, um estudo de cunho antropológico não é apenas experimental, mas sim (e sobretudo) interpretativo, pois nele se busca compreender os significados presentes em toda a trama social

---

<sup>15</sup> Além dos fatos narrados, existe também o entendimento de que houve uma imposição para que se denominassem as favelas como “comunidades”, em razão da influência da Igreja Católica. Assim, usar a palavra “favela” é uma forma de resistência a essa imposição.

estudada.

Portanto, se fez necessária uma grande aproximação, uma intensa imersão no objeto de pesquisa, assim como em pesquisas participantes, nas quais o pesquisador se envolve e se identifica com seu objeto. Essa imersão foi feita desde o início de 2018 até meados de 2020, aos finais de semana, no Parque Jornalista Eduardo Couri. Devido à pandemia de Covid-19, algumas entrevistas e fotos foram feitas apenas ao final do ano de 2020.

Com base no que havia observado durante períodos anteriores<sup>16</sup>, percebi que nos finais de semana existe intensa utilização do equipamento urbano e maior ocorrência de jogos de futebol nos campos. Em relação aos horários, a ida para o Parque Jornalista Eduardo Couri se deu nos períodos da manhã e/ou tarde. A anotação no caderno de campo do que foi observado foi feita por notas no celular e por gravações de áudio. Todo esse material foi utilizado para a composição dos relatórios de pesquisa de campo.

No que se refere à identificação ou ao anonimato dos sujeitos na tese, foi dada aos participantes a opção de serem ou não identificados no texto, conforme seu desejo. Entendo que o processo de escrita etnográfica, no limite, é uma forma de escrita coletiva. Nesse sentido, eu, como pesquisador, analisei e descrevi o que foi observado da vivência daquela população e, como uma singela demonstração de agradecimento à abertura e ao acolhimento que tive, deixei que a escolha da identificação ou anonimato fosse feita pelos voluntários. Assim, identifiquei no texto os nomes das pessoas que quiseram ser nomeadas, tanto nas entrevistas quanto nos diálogos realizados com outras pessoas ou mesmo com o pesquisador. Nos diálogos em que não tive a oportunidade de conversar e explicitar às pessoas sobre a pesquisa, não realizei a identificação dos interlocutores.

Os sujeitos de pesquisa que foram os principais contatos dentro da comunidade

---

<sup>16</sup> Antes de iniciar a pesquisa de campo, tive um período de imersão de “pré-pesquisa de campo”, isto é, um estudo exploratório. Com essa experiência, compreendi que o interessante seria centrar esforços de pesquisa de campo nos finais de semana, momento em que o uso do Parque e de suas imediações no Morro do Papagaio são muito mais relevantes do que nos dias de semana.

(Sr. Evaristo e Robertão<sup>17</sup>), pelo protagonismo que possuem no local, são referências para muitos moradores da comunidade. Sua identificação nos trechos de conversas e nas entrevistas foi previamente autorizada por eles. Foi elaborado também um termo de consentimento específico para ambos.

Vivenciar a cultura estudada é o passo básico que entendo ser necessário, e isso acarretou o uso de instrumentos e técnicas pertinentes e afeitas a este tipo de estudo. Sabe-se que é preciso esforço metodológico e intelectual para que as observações e as anotações resultem em uma descrição densa, que consiga transmitir ao leitor as relações ali estabelecidas.

Isso posto, acredito na abordagem denominada por Magnani (2002) como “de perto e de dentro.” Em um artigo com esse mesmo título, o autor fala da importância de pesquisas no contexto urbano – a antropologia urbana. As atividades de lazer e sociabilidade nas cidades, os seus grupos sociais e os eventos que nela acontecem são campos férteis para investigação e aprofundamento do conhecimento acerca das próprias cidades.

Dentre os trabalhos no campo da antropologia, destaco dois que investigam o esporte e as relações por ele propiciadas. São importantes referências para o presente estudo: a primeira pelo fato de explicitar a necessidade de imersão no campo escolhido para a pesquisa e a segunda por mostrar a real possibilidade de se realizar o estudo com qualidade em mais de um *setting*. Como o parque é amplo, entendi ser pertinente ressaltar esses diferentes “locais” em que a pesquisa de campo foi realizada.

O primeiro deles é um denso estudo etnográfico de Wacquant (2002) no qual o próprio pesquisador se inseriu no mundo do boxe e se tornou um aprendiz da modalidade. Essa inserção pode conferir qualidade ao trabalho e não prejudica o seu caráter científico. Assim, também adotei esse tipo de abordagem no trabalho.

O segundo estudo, realizado por Damo (2007), mostra como um trabalho etnográfico

---

<sup>17</sup> Robertão pode ser considerado um “diretor de infraestrutura” (ainda que informal) da Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia. Ele também possui um bar próximo aos campos do Parque e treina a equipe da Associação Atlética Santa Lúcia.

não precisa, necessariamente, ser feito de forma restrita a um único local de análise e pesquisa. É perfeitamente possível um estudo etnográfico, com o rigor necessário, em mais de um local. O Parque apresentou vários locais de interesse para o estudo, com diferentes sujeitos presentes e diferentes práticas.

Outro momento fundamental da pesquisa foi o de ouvir os sujeitos que fazem parte do universo estudado. Para tanto, adotei como ferramenta de trabalho a realização de entrevistas. As entrevistas foram realizadas presencialmente e a distância, por meio de recursos tecnológicos como aplicativos de celular e computadores. Nelas procurei ouvir, de forma mais atenciosa do que nas falas que compuseram as anotações do caderno de campo, algumas “vozes da comunidade”. As entrevistas foram utilizadas por se adequarem ao tipo de pesquisa feita.

Segundo Santos (1999), nas entrevistas o entrevistado tem a possibilidade de falar de forma livre. Assim, é possível tanto atender os aspectos considerados relevantes pelo pesquisador quanto abrir a possibilidade de se obterem dados igualmente relevantes, mas que não tinham sido considerados no momento de organizar e pensar o roteiro das entrevistas.

A entrada no campo permitiu uma inserção na cultura do aglomerado. Assim, foi possível obter maior e melhor leitura do cenário, o que possibilitou a construção de um roteiro de pesquisa específico para cada entrevistado, bem como metas que as entrevistas buscaram alcançar.

As entrevistas foram realizadas em meados de 2020, algumas no segundo semestre. Participaram da pesquisa, concedendo entrevistas, 12 pessoas: o Sr. Evaristo, o Robertão, alguns peladeiros (da pelada dos veteranos), as jogadoras do Prointer, os líderes comunitários e uma artista da companhia Casa do Beco. Provavelmente, muitas outras pessoas poderiam ter sido entrevistadas e também teriam auxiliado bastante o trabalho. Contudo, as informações que obtive foram importantes e satisfatórias, de acordo com os objetivos traçados.

A seguir, apresento um quadro com o resumo das informações acerca dos entrevistados. As pessoas que autorizaram estão identificadas nominalmente ou da

forma como são conhecidas na comunidade.

Quadro 1: Relação de entrevistados para a pesquisa.

	<b>Entrevistado</b>	<b>Atuação na comunidade</b>	<b>Mora no Morro?</b>
1	Sr. Evaristo	Prointer (direção)	Sim
2	Robertão	Associação esportiva	Sim
3	Carol	Casa do Beco	Sim
4	Carol	Prointer (ex-jogadora do time)	Não
5	Bárbara	Prointer (ex-jogadora do time)	Não
6	Marcelly	Prointer (ex-jogadora do time)	Não
7	“Peladeiro 1”	Pelada dos veteranos	Sim
8	“Peladeiro 2”	Pelada dos veteranos	Sim
9	“Peladeiro 3”	Pelada dos veteranos	Sim
10	Júlio Fessô	Eu amo minha quebrada	Sim
11	Prezinho	Futebol de rua	Sim
12	Evandro “Presidente”	Pelada/Associação Esportiva	Sim

Além do caderno de campo, das anotações de observações e interpretações e das entrevistas com os sujeitos selecionados, o registro imagético também foi um recurso valioso para o trabalho, pois auxiliou o processo de descrição e caracterização dos locais de pesquisa. Assim, ao longo de todos os capítulos, quando pertinente, estão disponibilizadas imagens que podem enriquecer a leitura e a compreensão do que foi abordado textualmente.

A escolha por esse recurso narrativo foi feita em virtude de as imagens serem capazes de comunicar e reter informações que, por vezes, podem passar despercebidas ou serem registradas de forma incompleta no caderno de campo. As fotografias, além de ajudarem bastante na descrição do espaço pesquisado, complementam também a narrativa do uso do Parque. Todas as imagens elencadas (de minha autoria e de terceiros) foram aquelas que possibilitaram elementos para melhor entendimento da dinâmica cultural abordada nesta pesquisa.

Além das fotos ao longo do texto, acrescentei um banco de imagens<sup>18</sup> como elemento

<sup>18</sup> Tanto o banco de imagens, quanto sua forma de organização foram inspirados no trabalho de Sautchuk (2007) em sua tese: O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá).



pós-textual, para que seja possível aprofundar conhecimentos sobre o Parque e a comunidade.

Essas foram as ferramentas de pesquisa acessadas para a realização do trabalho. Essa escolha metodológica evidencia o tipo de informação obtida, bem como o tipo de pesquisa realizada. Entendo que, assim, o trabalho construído conseguiu descrever e interpretar o fenômeno social do futebol – o futebol comunitário – e a sua contribuição para o lazer da população pesquisada.

Em relação à análise dos dados obtidos, fiz uma separação do material levando em consideração os objetivos traçados. Os trechos de entrevistas, as transcrições de diálogos, as anotações de fatos observados e as fotografias foram organizadas<sup>19</sup> em grupamentos de assuntos pertinentes ao propósito investigado<sup>20</sup>.

Foram elencados os seguintes grupamentos para análise: materiais contendo informações sobre a relação comunidade-futebol; dados com referência à sociabilidade e ao lazer de modo amplo; grupo de dados que abordaram a questão do pertencimento (comunitário ou clubístico); e conjunto de dados que trataram da apropriação e dos usos feitos no Parque Jornalista Eduardo Couri. Após serem aglutinados nesses grupos, o material foi analisado à luz da literatura correlacionada ao tema circunscrito no dado em questão.

#### 1.4.1 Cuidados éticos

Esta pesquisa foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (Coep-UFMG) por meio do Parecer n.º 3.340.242, na seção Anexos ao final desta tese. No momento da realização da pesquisa foram tomados os cuidados éticos exigidos para este tipo de instrumento de coleta de dados. Assim, menores de 18 anos não participaram da população pesquisada em entrevistas e registros de depoimentos. Além disso, os voluntários que

---

<sup>19</sup> Para essa organização utilizei um programa editor de texto. Cada transcrição (do caderno de campo ou das entrevistas), fotografia e anotação de diálogo foi inserida no arquivo pertinente ao assunto a que fazia referência. Para cada dado inserido no arquivo foi registrada a data de obtenção do material no campo de pesquisa.

<sup>20</sup> Penso ser uma escolha pertinente, uma vez que a análise por grupos com informações semelhantes é um dos processos para a interpretação da realidade estudada (MORAES, 1999), como requer que seja feito em um estudo etnográfico.

participaram do trabalho concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o preencheram e assinaram, resguardando todos os seus direitos (no caso das entrevistadas).

Em relação aos dados imagéticos, o intuito central foi fazer o registro do espaço e dos seus usos. Assim, as imagens registradas não tiveram como objetivo mostrar as pessoas que porventura estivessem utilizando o espaço público. A maioria das imagens obtidas não permite fazer a identificação das pessoas presentes. As imagens presentes no banco de imagens (seção Anexos, ao final da tese) seguem esses mesmos cuidados ou possuem autorização dos autores das fotos para uso neste trabalho.

Os registros imagéticos que permitiram a visualização e a identificação de crianças e adolescentes passaram por um processo de desidentificação dos rostos registrados. Todos os termos utilizados e o documento comprovante da aprovação obtido junto ao Coep-UFMG se encontram nos anexos.

## **1.5 Estrutura do texto**

Após o Capítulo 1, que se encerra com o presente tópico, a tese é composta por mais cinco partes.

No Capítulo 2 (Reconhecendo o terreno: o histórico da comunidade e do parque), são abordados aspectos históricos da cidade de Belo Horizonte, da região em que se encontram a comunidade do Morro do Papagaio e o Parque Jornalista Eduardo Couri e da construção da Barragem Santa Lúcia. Os subtópicos: 'Morro do Papagaio (aglomerado Santa Lúcia): primeiras casas e construções'; 'Fazendinha: a casa mais antiga de Belo Horizonte' e 'Construção da barragem Santa Lúcia e do Parque Jornalista Eduardo Couri', abordam este viés. Neste capítulo ainda existe a discussão acerca das atuais intervenções urbanas na comunidade, dos usos feitos no parque para o lazer, bem como dos dados sociodemográficos da comunidade. Tais discussões estão contidas em "Momento atual e dados sociodemográficos da comunidade e do Parque"; "Ações privadas e políticas públicas de lazer na comunidade e no parque" e "Lazer e uso espontâneo do parque. Os dados foram

obtidos em pesquisas documentais de acervos públicos da cidade de Belo Horizonte, além de estudos publicados por autores que investigaram temas relacionados.

No Capítulo 3 (O lazer e o futebol no parque e na comunidade), analisei a maneira como o futebol se apresenta como uma atividade de lazer para os moradores do Morro do Papagaio e como ele se faz presente no Parque. A seção “O terrão: coração do Parque Jornalista Eduardo Couri” traz uma relevante discussão sobre o futebol como alternativa para o lazer da população presente no parque. A seção “Os ‘futebóis’ comunitários no parque” identifica e conceitua os diferentes futebóis amadores observados durante o trabalho. Essa análise parte das matrizes do futebol de Damo (2007), e aqui essas diferentes formas de apropriação do futebol foram classificadas como submatrizes do futebol comunitário. E finalmente em “O horário nobre no campo novo: a pelada dos veteranos” analisa esse tradicional encontro entre os “peladeiros” moradores do Morro do Papagaio, evidenciando como se organizam e as atividades de lazer que acontecem propiciadas pela partida de futebol.

Dediquei o Capítulo 4 da tese ao Prointer, especialmente à equipe feminina. Assim, o tópico “Prointer e o ‘pertencimento comunitário’” aborda como o Prointer é tomado pela comunidade como um símbolo de representação de si mesma. Para tanto foi cunhado o termo **pertencimento comunitário** uma vez que entendi que o pertencimento clubístico não bastaria para explicar a relação: moradores-comunidade-clubes. Já em “O Prointer e os desafios de um futebol ‘dileteante’” tem a finalidade de evidenciar os desafios impostos ao futebol praticado por mulheres no Brasil, especialmente o futebol amador que em alguns momentos tem os clubes cobrados como se fossem pertencentes ao futebol profissional. Nesta seção entendo e explico que o futebol feminino está em uma fase de diletantismo, onde não podemos considerar os clubes com equipes femininas como totalmente profissionais e nem completamente amadoras.

O Capítulo 5 (Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia) faz uma análise da associação composta pelos moradores do Morro do Papagaio. O surgimento e a organização da Associação é tratada na “História da Associação, relações e atribuições fora das 4 linhas”. Os torneios, os festivais e as atividades para além do futebol (opções de lazer para a comunidade) que a associação organiza são

abordados na seção “Ações dentro e fora de campo: festivais, torneios e resenhas”.

Finalmente, o Capítulo 6 (“Para além da bola rolando: outros usos e apropriações do Parque e ações da comunidade”) faz uma análise dos usos do Parque de maneira geral. Em “Uma barreira (in)visível: as diferentes formas de apropriação do Parque pelo ‘pessoal do Morro’ e os ‘bacanas do asfalto””, há uma análise das diferenças desses usos pelos diferentes grupos sociais que estão ali presentes. Em seguida, apontadas iniciativas de pessoas da comunidade que promovem ações culturais e de lazer diversas para a comunidade. (“Por nós, para nós: outras manifestações culturais desenvolvidas pela e para comunidade”).

Finalizando a tese, as Considerações Finais e o Banco de Imagens contribuem para uma síntese do que foi apresentado ao longo da pesquisa.

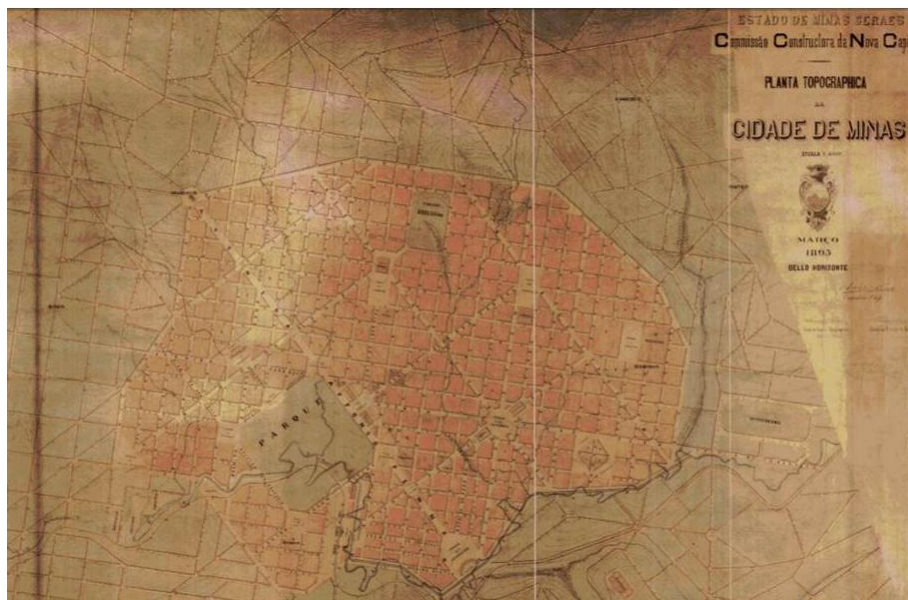
## 2 RECONHECENDO O TERRENO: O HISTÓRICO DA COMUNIDADE E DO PARQUE

Regiões espoliadas, ou apenas esquecidas, devagar ou depressa se convencem de que vivem em situação de minoridade política, daí a vontade de emancipação. Milton Santos (1987). (SANTOS, 2000)

Segundo Passos (2016), Belo Horizonte foi a primeira cidade planejada do Brasil. Foi pensada para ser a capital do estado de Minas Gerais e deslocar o centro do poder público de Ouro Preto – cidade que, além de territorialmente esgotada, representava, simbólica e concretamente, um Brasil Colonial. Ouro Preto era muito diferente do país e da capital que os governantes almejavam. O historiador Arrais (2010) aponta esse como um dos principais motivos da criação de uma nova capital. Para o autor, a maior parte dos historiadores converge ao entender a construção de Belo Horizonte como efeito de um paradigma da filosofia positivista, bem como da influência do pensamento urbanístico moderno, quase hegemônico, a partir de meados do século XIX (ARRAIS, 2010).

Essa filosofia, associada ao pensamento urbanístico, resultou não somente na crença de ser necessária a construção de uma nova capital, mas também na própria forma de construção e planejamento da cidade. Podemos ver, a seguir, a planta topográfica elaborada em 1893 pela Comissão Construtora da Nova Capital, que evidencia como a cidade foi pensada em linhas retas, organizadas e separadas por setores (comercial, industrial e residencial).

**Figura 1: Planta topográfica de Belo Horizonte (1893).**



Fonte: Atlas Histórico de Belo Horizonte (Fund. João Pinheiro, 1997).

É possível observar, também, que a cidade planejada estava circunscrita a uma grande via que estabelecia os limites da nova capital: a Av. do Contorno. Por isso, cabe perguntar: Como se deu a ocupação dos territórios que extrapolam esse limite? Como se deu a construção da cidade que não constava nos planos, nas plantas e nos projetos dos engenheiros e arquitetos? A dinâmica desse processo nos ajuda a compreender como e por que comunidades como o Morro do Papagaio (Aglomerado Santa Lúcia) surgiram em Belo Horizonte.

Temos, assim, no cerne deste capítulo, o propósito de evidenciar a construção histórica dessa comunidade – onde os trabalhos de campo desta pesquisa ocorreram –, principalmente no que se refere às vivências de lazer de seus moradores no Parque Jornalista Eduardo Couri.

O presente capítulo é necessário, porque, sendo o estudo de tipo etnográfico, apresenta o local onde a pesquisa de campo ocorreu. O intuito é aqui fazê-lo, ao mesmo tempo, ampla e detalhadamente. Pretendo que esta parte da tese auxilie o leitor a sentir-se imerso durante a leitura dos relatos, das entrevistas, das descrições, enfim, dos dados e das conseqüentes análises presentes no trabalho.

Para tanto, lanço mão dos dados resultantes de consultas ao Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH), bem como da observação e das anotações realizadas no caderno de campo. Consta também uma pesquisa bibliográfica seguida de análise referente aos trabalhos desenvolvidos no Morro do Papagaio e no Parque Jornalista Eduardo Couri. É oportuno dizer que é também neste capítulo que tratarei do contexto histórico do surgimento desses locais.

## **2.1 O Morro do Papagaio (Aglomerado Santa Lúcia): primeiras casas e construções**

Como dito anteriormente, a cidade de Belo Horizonte foi planejada e devidamente organizada por setores. Contudo, os trabalhadores mais empobrecidos, como aqueles que auxiliaram na construção da cidade ou que vinham de cidades do interior, não tinham seu lugar na nova capital. Dessa forma, suas famílias não encontraram alternativa senão construir a vida fora do limite estabelecido pela planta da cidade (a Av. do Contorno).

As décadas que se seguiram à inauguração da capital assistiram ao surgimento de vários bairros, antigamente chamados de “colônias agrícolas”, que, posteriormente, se incorporaram ao município de Belo Horizonte, passando a ser denominados “seções suburbanas” por volta da década de 1920 (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1997). É o caso dos atuais bairros Padre Eustáquio, Carlos Prates, Calafate e Santo Antônio (antiga Colônia Afonso Pena).

Certamente já existiam construções nesses locais, mas naquele período mais pessoas passaram a integrá-los, estabelecendo vínculos com a capital. Assim, esse movimento populacional “urbanizou” os locais mais distantes, aumentando a cidade de Belo Horizonte – e demarcando, de forma nítida, as áreas centrais e as áreas periféricas.

Segundo publicação do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (2008), após alguns anos de expansão da capital foram surgindo bairros ditos “nobres” fora dos limites da Av. do Contorno. Dois deles são vizinhos à comunidade do Morro do

Papagaio: o Santo Antônio e o Santa Lúcia.

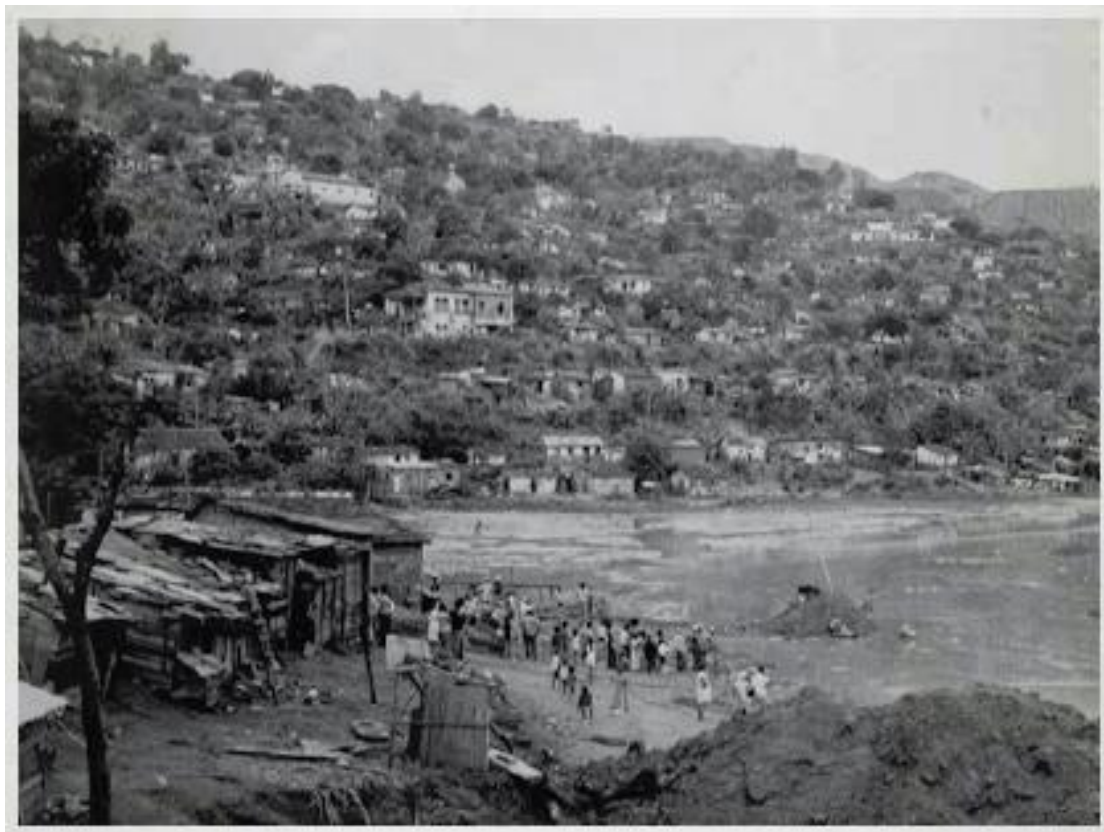
O Bairro Santo Antônio viu a sua população aumentar de forma significativa no final da década de 1930, período em que uma linha de bonde foi construída para ligá-lo ao centro da cidade (Bairro do Comércio). Antes disso, essa colônia agrícola abrigava apenas casas simples (chamadas “cafuas”), que logo deram espaço a construções mais elaboradas. Outro fator que impulsionou a ocupação do Bairro Santo Antônio e o valorizou foi a inauguração da sede social do Minas Tênis Clube em 1940 (ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE, 2008).

O Bairro Santa Lúcia, por sua vez, era Colônia Coração de Jesus. Assim como o Bairro Santo Antônio, era pouco povoado e tinha casas simples. A maioria dos seus moradores era oriunda de cidades do interior e tinha pequenas plantações e criações de animais. A mudança no perfil do Santo Antônio refletiu no Santa Lúcia graças à proximidade de ambos. Finalmente, a abertura da Av. Prudente de Moraes modificou ainda mais o perfil de moradia do Bairro Santa Lúcia, que passou a abrigar muitos prédios e casas onde antes havia abundância de terrenos para plantações.

Nesse cenário, temos também o surgimento da comunidade do Aglomerado Santa Lúcia. “Espremido” entre o Bairro Santo Antônio e o Bairro Santa Lúcia, temos o morro que serviu de refúgio para a população pobre que se viu expulsa dos bairros citados anteriormente.



**Figura 2: Moradias no Morro do Papagaio em 1974**



Fonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (2008)

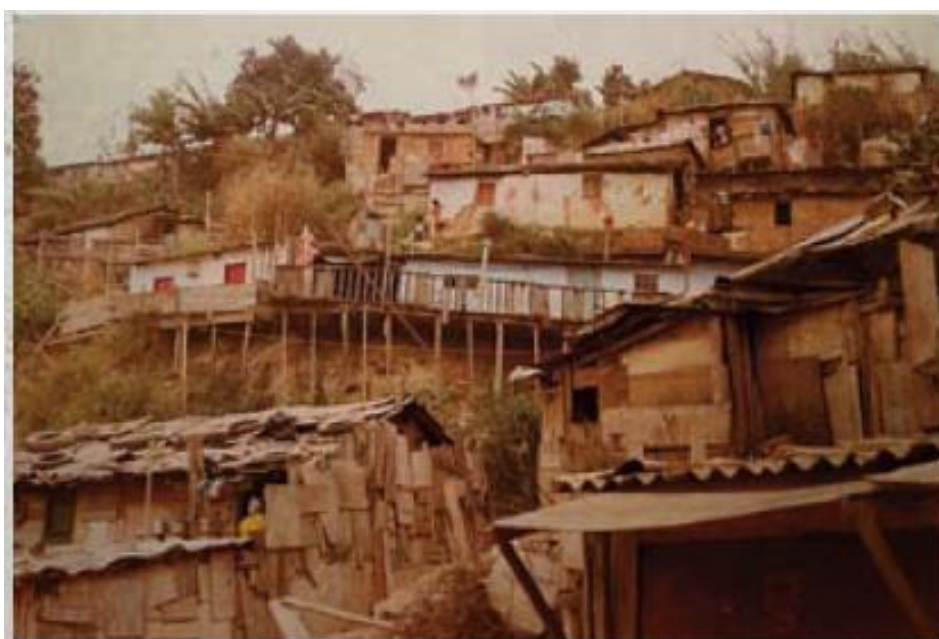
O Aglomerado Santa Lúcia, como dito no início desta tese, é formado por algumas vilas e comunidades. O material levantado até o momento permite apontar que o surgimento delas aconteceu principalmente na década de 1950:

Na década de 1950, era apenas mato e uma vila que começava a se formar. Era a Vila Barragem Santa Lúcia, parte do Morro do Papagaio. Ali foram construídas casas muito pobres, feitas pelos próprios moradores. Eles utilizavam-se de materiais baratos ou que podiam ser retirados da própria natureza. Algumas moradias eram de pau-a-pique, outras de adobe, outras de madeira. (ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE, 2008, p. 26)

O processo de formação do Aglomerado teve, ainda, um outro impulsionamento. A fim de dar lugar ao lago da Barragem Santa Lúcia, muitas famílias foram desapropriadas e deram início a uma nova comunidade que integrou o Aglomerado, como consta no trecho a seguir:

Na Vila Estrela e na Vila Santa Rita de Cássia, que também compõem o Morro do Papagaio, essas mesmas habitações podiam ser vistas. Na década de 1950, com a construção da Barragem Santa Lúcia, no início do Córrego do Leitão, muitos dos moradores da vila formada ali tiveram de ser retirados. Para abrigar essas e outras pessoas removidas das demais ocupações pobres da cidade, a Prefeitura construiu o Conjunto Santa Maria. Na sua luta diária pela moradia, os habitantes das vilas e favelas de Belo Horizonte, mais uma vez, viram-se obrigados a deixar seus lares e buscar novas habitações. (ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE, 2008, p. 26)

**Figura 3: Casas de madeira e amianto no Morro do Papagaio em 1980**



Fonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (2008)

Um fato interessante é que os campos e, conseqüentemente, a relação da comunidade com o futebol não tiveram início somente com o advento do Parque Jornalista Eduardo Couri. Ainda nos primeiros anos da comunidade, os moradores já faziam campos de futebol. O trecho a seguir, da entrevista com o Sr. Evaristo, mostra um pouco do processo de conquista dos campos que, hoje, estão presentes e são utilizados pelos moradores:

Antes de eu chegar aqui, o campo, lá para a década de 60 e poucos... 70... era aí onde é a lagoa hoje. Aí eles acabaram com o campo aqui da lagoa e fizeram aí onde hoje é o quartel. Ficamos muito tempo ali usando o campo onde é o quartel. Aí eles resolveram fazer o quartel lá e acabou com o campo e fizeram outro campo pra nós ali na beira da lagoa... em frente aqueles predinhos ali... [...] na quina da quadra ali. Ali foi um campo. Ficou mais ou menos um ano. Mas ele era muito baixo, na beira da taboa. Aí quando chovia ele ficava muito alagado. Cheio d'água... a gente tinha que tá dentro da taboa toda hora pegando bola... né... (Entrevista com Sr. Evaristo. 29/11/2020).

Por meio da fala do Sr. Evaristo percebemos que o interesse pelo futebol comunitário existe há muito tempo na comunidade, bem como evidencia que os moradores precisaram se organizar por diversas vezes para não permitir a simples extinção dos campos. No total, foram construídos cinco campos: dois deles permanecem até os dias atuais e três campos mudaram de local e deixaram de existir posteriormente. Também é manifesta a disputa pelo direito à ocupação e ao uso do espaço público:

Com muito custo eles fizeram esse aí para nós **[campo velho]**. Fizeram esse aí e acabou com aquele de lá **[da taboa]**. Esse foi feito na década de 80... em oiteenta e nooove... por aí... e em 94 eles fizeram esse aqui **[campo novo]** pra gente. Aí nós ficamos com os dois. (Entrevista com Sr. Evaristo. 29/11/2020. Grifos nossos.)

Nessa fala, fica perceptível que os dois campos existentes atualmente no Parque fazem parte desse processo de desconstrução, construção, mudanças e disputas por espaço para lazer. Podemos inferir que a comunidade viu a necessidade de se organizar para evitar novas perdas e mudanças, uma vez que a Associação Esportiva foi criada no ano de 1989, temporalmente próxima à inauguração do campo velho<sup>21</sup>.

## 2.2 Fazendinha: a casa mais antiga de Belo Horizonte

Além de ser um dos maiores aglomerados de Belo Horizonte, a comunidade do Morro do Papagaio carrega uma importância histórica para a cidade. Um dos símbolos dessa relevância é a Fazendinha, a casa mais antiga de Belo Horizonte. O casarão era sede da Fazenda Cerrado, a principal das redondezas no final do século XIX (CAMILO, 2016).

A casa está situada no Morro do Papagaio. Sua construção data de um período em que ali se encontravam apenas pessoas que trabalhavam para abastecer a capital com mantimentos e produtos de utilidade doméstica. Assim, naquele período, o bairro ainda era um povoado que não pertencia à cidade, permanecendo dessa forma até o

---

<sup>21</sup> O chamado “campo velho” é um campo secundário usado principalmente como alternativa em dias de grande número de jogos marcados no campo principal, conhecido como “campo novo”. O campo novo, portanto, é o que tem maior demanda de uso por parte dos times. A comunidade usa as expressões “campo novo” e “campo velho” para nomear os campos de futebol, e assim o farei doravante no texto desta tese.

momento em que Belo Horizonte expandiu seus limites territoriais.

Após o parcelamento<sup>22</sup> do terreno da Fazenda Cerrado, intensificaram-se os negócios imobiliários que deram origem aos bairros que hoje se encontram naquela região (Santa Lúcia, Santo Antônio, São Bento, Luxemburgo e Cidade Jardim), bem como a ocupação de terrenos que formaram as vilas e as favelas que compõem o Aglomerado Santa Lúcia (PEREIRA, 2012).

A Fazendinha se mantém como a única construção remanescente do período rural que se mantém de pé. Por sua importância histórica, foi tombada em nível municipal, tornando-se patrimônio histórico de Belo Horizonte no ano de 1992.

Apesar desse reconhecimento e importante passo, atualmente a Fazendinha se encontra bastante danificada e necessita de cuidados e restaurações para se manter com símbolo da história de Belo Horizonte. Muitos moradores requerem, junto ao município, que ações sejam tomadas para a reforma e a preservação do local. Há a ideia de que o casarão poderia se tornar um centro cultural para a comunidade. Por outro lado, os atuais moradores da Fazendinha são resistentes a intervenções do poder público, por temerem serem removidos após uma revitalização (PEREIRA, 2012).

Desde o ano de seu tombamento, a Fazendinha se encontra com avarias em sua estrutura. O processo de deteriorização promovido pelo tempo é contínuo. Esse fato evidencia tanto a invisibilização da comunidade quanto o alcance limitado do poder público e de suas políticas para com as comunidades de favelas e aglomerados.

Pude perceber, em conversas com moradores da comunidade do Morro do Papagaio, que, de modo geral, eles possuem certo conhecimento acerca da construção. A maioria sabe que se trata de uma casa antiga, e muitos conhecem (mesmo que “de vista”) a atual proprietária. No entanto, quando falei do tombamento e de que a construção pode ser considerada uma das mais antigas da cidade, percebi a surpresa de alguns deles.

---

<sup>22</sup> Loteamento da terra feito pelo poder público municipal.

Segundo Pereira (2012, p. 88), consta no documento que registra o imóvel como bem tombado<sup>23</sup> que

o Casarão da Barragem é descrito como construção de estilo “ecletico 1.ª fase com influência neoclássica”, de uso residencial tanto na origem como na atualidade, e tombado integralmente em nível municipal, em 22 de outubro de 1992. Arquiteto e construtor da edificação são desconhecidos e a data de construção é registrada, no Guia, como sendo 1894.

No entanto, parece haver um equívoco no documento em relação à data de construção do casarão, uma vez que o ano de 1894 foi quando o poder público estadual ficou com a posse da fazenda e de suas benfeitorias. Isso significa que as construções já existiam naquele ano (PEREIRA, 2012).

Entendo que o caso da Fazendinha representa uma metáfora da relação da comunidade do Morro do Papagaio com o poder público e até mesmo com os outros moradores de Belo Horizonte. É evidente o valor histórico e cultural do casarão. Contudo, também é nítido o desconhecimento de grande parte dos belo-horizontinos sobre sua existência e suas condições, bem como a negligência, por parte das autoridades, para com a comunidade e tantas outras favelas que compõem a paisagem urbana de Belo Horizonte.

### **2.3 Construção da Barragem Santa Lúcia e do Parque Jornalista Eduardo Curi<sup>24</sup>**

A Barragem Santa Lúcia começou a ser planejada por volta do ano de 1958 e foi entregue à cidade na década de 1970 (BORSAGLI, 2011). A construção tinha como objetivo principal diminuir o número de alagamentos e enchentes na Av. Prudente de Moraes, que está situada na várzea do Córrego do Leitão. Além da Barragem, outras obras foram implementadas e entregues no período, como a canalização do próprio Córrego do Leitão (ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE, 2008).

---

<sup>23</sup> CASTRO, Maria Angela Reis. **Guia de bens tombados de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte/Gerência de Patrimônio, 2006.

<sup>24</sup> Ao final desta seção, apresento um mapa do Parque detalhando os locais que foram relevantes durante a pesquisa e que serão citados ao longo desta tese.

A Av. Prudente de Moraes se inicia na parte baixa do Parque Jornalista Eduardo Couri e liga os bairros Santa Lúcia, Vila Paris e Santo Antônio e o Morro do Papagaio ao Centro de Belo Horizonte, bem como a outras regiões, por meio da Av. do Contorno, onde termina.

Uma série de inundações ocorridas na década de 1940 resultou na aceleração dos trâmites para o início das obras de construção da Barragem Santa Lúcia. Nesse período, a canalização do Córrego do Leitão estava sendo executada, já estando concluída dentro dos limites da Av. do Contorno.

A construção da Barragem não solucionou definitivamente o problema de inundações na Av. Prudente de Moraes. O aumento no número de residências na região, o estreitamento da calha do Córrego do Leitão, a impermeabilização do solo e o assoreamento da Barragem (fazendo-a perder sua capacidade de absorver o excesso de água) são os principais fatores apontados para a não eficácia da Barragem.

Em janeiro de 2020, por exemplo, houve um grande alagamento na região causado pelo transbordamento do lago da Barragem, resultando em muitos estragos na Av. Prudente de Moraes<sup>25</sup> e em construções próximas.

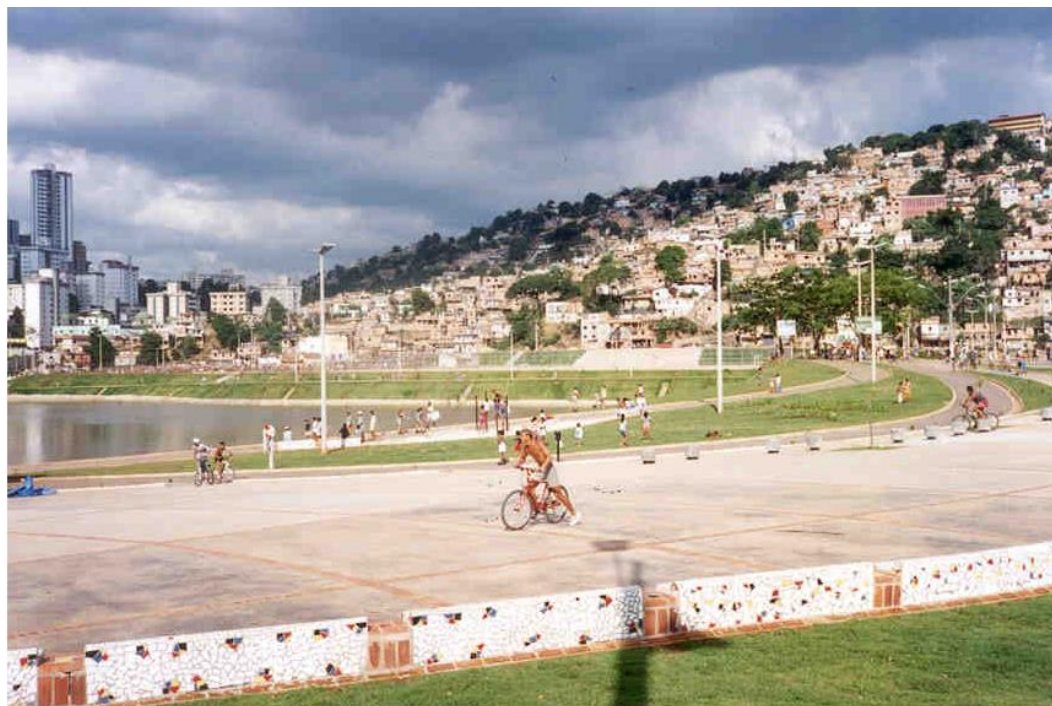
Após a construção da Barragem, a paisagem local foi impactada pela presença do lago, mas ainda não existia um equipamento urbano pensado para o local. Havia apenas a Barragem, as casas da comunidade e um campo de futebol que os próprios moradores do Aglomerado idealizaram e fizeram. O Parque Jornalista Eduardo Couri surgiu por influência da presença do lago e da paisagem que ele originou.

Anos depois, aproveitando a paisagem resultante da obra, o Parque foi construído no entorno do lago. No intervalo anterior à construção desse equipamento urbano, as áreas próximas se encontravam degradadas e com pouco uso pela população.

---

<sup>25</sup> Jornal Estado de Minas: Chuva intensa preocupa moradores do entorno da Barragem Santa Lúcia. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/01/24/interna\\_gerais,1116684/chuva-intensa-preocupa-moradores-do-entorno-da-barragem-santa-lucia.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/01/24/interna_gerais,1116684/chuva-intensa-preocupa-moradores-do-entorno-da-barragem-santa-lucia.shtml)

**Figura 4: Parque Jornalista Eduardo Couri no ano de sua inauguração.**



Fonte: <https://arqgrama.com.br/projetos/item/56-barragem-santa-lucia>

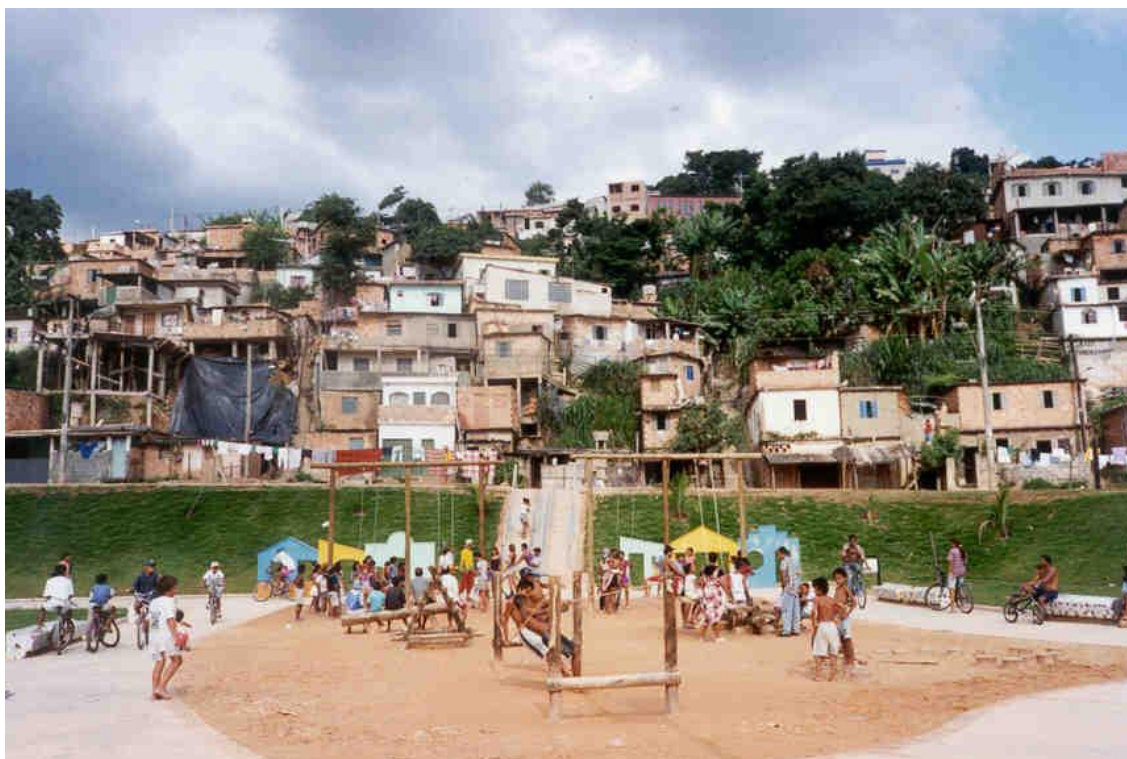
O ano de inauguração do equipamento foi 1996. Após a construção do Parque Jornalista Eduardo Couri, a estrutura contava com a lagoa, pistas de caminhada e corrida, *playground*, quadra poliesportiva e campo de futebol (campo novo). É preciso salientar que o campo de futebol, seus vestiários e banheiros foram feitos em uma área onde havia pequenas construções e bastante mato.

O campo velho já existia. Com a construção do Parque, ele foi revitalizado e ganhou vestiário e alambrados.

Cabe ressaltar que, de toda a estrutura presente no Parque, os dois campos, a quadra e o *playground* são os que se encontram mais próximos do Morro do Papagaio, ao passo que a pista de caminhada, o lago, os jardins e um amplo espaço acimentado (semelhante a um teatro de arena) se encontram mais próximos dos bairros (ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE, 2008).



Figura 5: O parquinho no ano de inauguração do Parque Jornalista Eduardo Couri. Morro do Papagaio ao fundo.



Fonte: <https://arqgrama.com.br/projetos/item/56-barragem-santa-lucia>

## 2.4 Momento atual e dados sociodemográficos da comunidade e do Parque

Esta seção tem como objetivo levantar e apresentar as características geográficas, demográficas e socioeconômicas da comunidade, bem como evidenciar as políticas de lazer a ela oferecidas e as ações dos moradores que fomentam esse tipo de atividade. Além disso, cabe ressaltar que o Parque é um local escolhido com recorrência por empresas e outros setores da iniciativa privada para a realização de ações sociais com viés do *marketing*.

Os dados mais atuais acerca do aglomerado foram obtidos no último censo realizado pelo IBGE (2010) e posteriormente trabalhados pela PBH no PNAD. Por isso, os números aqui apresentados podem ser diferentes daqueles divulgados na próxima pesquisa do censo brasileiro, prevista para ser realizada em 2021. Porém os dados aqui obtidos e por ora apresentados representam, tanto para o poder público quanto para pesquisadores, o contexto atual da comunidade.



O que mais chama a atenção é que os dados evidenciam a grande desigualdade entre o Aglomerado Santa Lúcia e os bairros nobres do seu entorno. Retomando um dado já apresentado, temos um IDH de 0,680 na comunidade do Morro do Papagaio, enquanto a cidade de Belo Horizonte apresenta um IDH de 0,810<sup>26</sup>.

Podemos ter uma dimensão dessa desigualdade comparando o Índice de Vulnerabilidade Social<sup>27</sup> (IVS) do Aglomerado Santa Lúcia e do bairro vizinho Vila Paris, apresentados por Bergo (2005):

Embora pertençam à mesma Unidade de Planejamento (divisão geográfica da cidade utilizada pela Prefeitura de Belo Horizonte), o aglomerado Santa Lúcia e os bairros citados possuem características bastante diferentes no que refere à vulnerabilidade social. Enquanto no Santa Lúcia este índice é de 0,79, em seu entorno ele não ultrapassa 0,28, sendo que na Vila Paris é de apenas 0,14. Mas há contrastes também dentro do próprio aglomerado Santa Lúcia, onde é possível encontrar barracos com apenas dois cômodos e sem instalações elétricas, e também casas com até três pavimentos. Há becos onde o esgoto corre a céu aberto e outros com calçamento e muito limpos. (BERGO, 2005, p. 19-20)

Esse trecho evidencia as diferenças tanto entre o Aglomerado Santa Lúcia e os bairros do entorno quanto dentro do próprio Aglomerado. Penso que essa característica se deve ao fato de a comunidade ser composta por diversas vilas: cada uma delas teve seu período de construção e, por isso, hoje elas vivem diferentes momentos na luta por moradia digna, estruturação e urbanização, bem como diferentes níveis de organização política e social.

Em relação às características geográficas, o Morro do Papagaio se encontra em uma região elevada do município de Belo Horizonte. Está localizado próximo à Serra do Curral<sup>28</sup> e, por esse motivo, possui altitudes mais elevadas do que outras regiões da cidade. Segundo um estudo da Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (PRODABEL, 2015), a Regional Centro-Sul (onde está situado o Morro do Papagaio) é a que apresenta a maior altitude e os maiores picos da capital, como podemos observar no mapa a seguir.

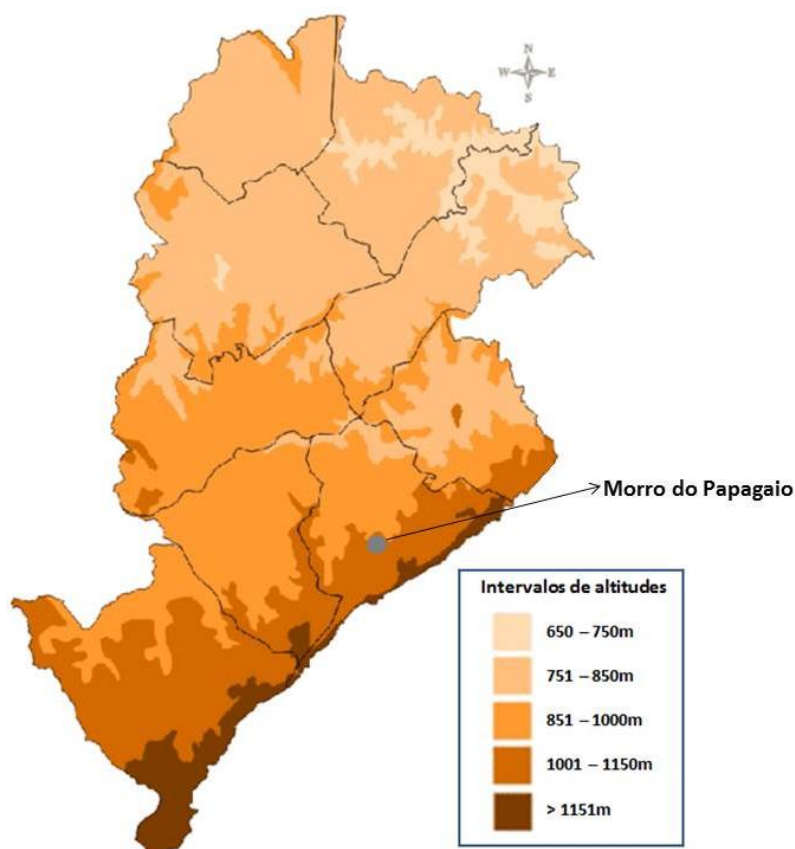
---

<sup>26</sup> Dados apresentados pelo PNAD (2013) da cidade de Belo Horizonte.

<sup>27</sup> Segundo o IPEA, quanto mais próximo o IVS estiver de 1,00, pior é a situação social do local. O IVS é um índice apurado e divulgado no Atlas de Vulnerabilidade Social, pelo o IPEA. Os resultados podem ser consultados em: <http://ivs.ipea.gov.br/index.php/pt/>

<sup>28</sup> A Serra do Curral é o limite geográfico entre Belo Horizonte e Nova Lima. É parte da cadeia de montanhas da Serra do Espinhaço.

**Figura 6: Altimetria de Belo Horizonte**



Fonte: Prodabel (2015)

Para acessar a comunidade é possível tomar dois caminhos. O primeiro é pela Av. Prudente de Moraes; nesse trajeto adentra-se no Morro do Papagaio contornando o Parque Jornalista Eduardo Couri pela Av. Arthur Bernardes (com automóvel) ou passando por dentro do Parque (a pé). O segundo é pela Av. Nossa Senhora do Carmo, que dá acesso à BR-356 (saída para Nova Lima/Rio de Janeiro); nele, o destino é o alto do Morro do Papagaio, sendo necessário atravessar toda a comunidade para se chegar ao Parque.

Além da presença de uma pequena área verde no Parque, a proximidade das serras também fornece para a região acesso a áreas naturais com pouca ou nenhuma intervenção humana. Essas zonas verdes, junto à altitude, tornam o microclima dos arredores mais ameno do que o das demais regiões de Belo Horizonte.

A PBH atualmente está finalizando, em uma grande parte do Aglomerado (a Vila do Bicão), a obra de construção de uma via de acesso que ligará a comunidade do Morro

do Papagaio à Av. Nossa Senhora do Carmo/BR-356 por meio da Av. Arthur Bernardes. Paralelamente à obra viária, que tem aproximadamente 700 m de extensão, o programa Vila Viva promoveu a construção de moradias populares para os habitantes desalojados pela construção da via e para outros que já estavam recebendo auxílio de aluguel pelo programa Bolsa Moradia da PBH e aguardavam uma solução definitiva para seu problema de habitação.

Conforme divulgação da Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte (Urbel) na imprensa, responsável pelo gerenciamento da obra, mais de 438 unidades habitacionais já foram entregues para os moradores desapropriados. Até o final da obra, em 2021, a previsão é que sejam entregues mais 150 unidades, totalizando 588 moradias, segundo o poder público municipal<sup>29</sup>.

Ainda sob responsabilidade da Urbel, outra obra foi realizada no período da pesquisa: o desassoreamento do lago da Barragem Santa Lúcia. A PBH aponta que a limpeza do lago é uma medida importante para evitar alagamentos. Durante as obras de 2018, foram retirados 5 mil caminhões com sedimentos<sup>30</sup>.

## **2.5 Ações privadas e políticas públicas de lazer na comunidade e no Parque**

O Parque Jornalista Eduardo Couri é bastante procurado para atividades abertas e gratuitas de lazer. Por ser amplo e ter como atração a lagoa da Barragem, torna-se uma opção tanto para empresas que visam a alguma ação quanto para o poder público ao propor atividades para a população.

Nesse sentido, é importante separar esses diferentes tipos de atividades realizadas no Parque (as ações de iniciativas e empresas privadas e as políticas de lazer oferecidas pelo poder público).

---

<sup>29</sup> Os dados apontados foram revelados à imprensa pela Analista social da Urbel, Márcia Magrille. Suas declarações podem ser encontradas em: <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/pbh-concluiu-constru%C3%A7%C3%A3o-de-20-casas-populares-no-aglomerado-santa-l%C3%BAcia-1.688166> e no site do programa Vila Viva no portal da PBH: <https://prefeitura.pbh.gov.br/urbel/vila-viva>

<sup>30</sup> Jornal Estado de Minas: Saiba mais sobre a obra na Barragem Santa Lúcia, que deve ser concluída no fim do ano. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/09/20/interna\\_gerais,990211/entenda-a-obra-na-barragem-santa-lucia-objetivo-e-evitar-alagamentos.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/09/20/interna_gerais,990211/entenda-a-obra-na-barragem-santa-lucia-objetivo-e-evitar-alagamentos.shtml)

Durante a pesquisa, observei e posso afirmar que o Parque Jornalista Eduardo Couri e o seu entorno se configuraram como local de grande aglomeração populacional, contraste social e vivências de atividades de lazer.

Nos anos de 2018 e 2019 aconteceram dois eventos gastronômicos na comunidade. Tais eventos envolveram pessoas e comércios do Morro do Papagaio; muitos moradores do Aglomerado trabalharam neles de forma pontual. Entendi ser pertinente abordar, mesmo que brevemente, esses eventos, pois eles exemplificam a riqueza cultural da comunidade do Morro do Papagaio.

O primeiro, ocorrido no ano de 2018, foi o Circuito Gastronômico de Favelas, realizado de forma itinerante (ou seja, a cada fim de semana uma favela diferente se tornava sede do evento). No dia 3 de junho, o Morro do Papagaio recebeu o Circuito, dando início à festividade. A estrutura foi montada na Av. Arthur Bernardes; havia venda de pratos dos cozinheiros do Morro do Papagaio e das outras comunidades participantes.

Muitas pessoas do Morro do Papagaio participaram. Foram conhecer e comprar os pratos e passaram o dia transitando entre os campos do Parque Jornalista Eduardo Couri e a Av. Arthur Bernardes, onde ocorria o Circuito.

**Figura 7: Logomarca do evento.**



Fonte: [circuitogastronomicodefavelas.com](http://circuitogastronomicodefavelas.com)

O segundo evento, ocorrido em outubro de 2019, foi a 8.<sup>a</sup> edição do projeto Mãos do

Morro<sup>31</sup>. O evento foi pensado para estimular moradores do Morro do Papagaio que empreendem ou pretendem se tornar trabalhadores do setor de serviços no ramo da gastronomia. O evento foi apoiado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) de Minas Gerais e fez parte da Feira do Empreendedor da entidade.

Também em outubro de 2019, a Rádio 98FM de Belo Horizonte e outras empresas organizaram um evento em comemoração ao Dia das Crianças. Na ação foram armadas tendas nos dois “lados” do Parque: o lado do Morro e o lado do asfalto<sup>32</sup>.

No lado do morro, próximo à Cantina do Prointer foram colocadas várias pequenas tendas, cada uma delas oferecendo atividades para as crianças presentes, como pintura de rosto, origami, desenho, futebol, basquete e fantasia. As crianças e seus pais também recebiam brindes com propagandas das empresas que estavam atuando no evento.

Além das atividades para as crianças, realizou-se um jogo comemorativo entre o Clube Atlético Mineiro feminino e o Prointer Futebol Clube feminino no campo principal do Parque. Vale ressaltar que o time do Atlético, naquele período, era formado por ex-jogadoras da equipe do Prointer. A presença do Atlético pode ser entendida como uma contrapartida no acordo firmado com o Prointer.

---

<sup>31</sup> SEBRAE noticiou o evento em: <http://www.se.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/MG/gastronomia-do-morro-do-papagaio-sera-apresentada-durante-a-feira-do-empreendedor,8fc74102eebcd610VgnVCM1000004c00210aRCRD>

<sup>32</sup> A primeira vez que escutei as expressões “do Morro” e “do asfalto” foi em uma conversa com um lavador de carros do Parque Jornalista Eduardo Couri. Algumas outras pessoas com quem tive contato também usaram tais expressões. Assim, decidi adotar essa nomenclatura, pois acredito que ela deixa evidente a diferença social e a diferença na ocupação do espaço público por esses dois grupos (moradores no Morro e moradores dos bairros do entorno do Parque).

**Figura 8: Ação do Dia das Crianças realizado pela Rádio 98FM.**



Fonte: Registro realizado pelo autor

Na parte oposta do Parque, o lado do asfalto, também foram ofertadas atividades para as crianças. As oficinas eram basicamente as mesmas, porém com o acréscimo de algumas apresentações, como *show* de mágica, número com palhaços e dança. Havia também um carro da Rádio 98FM (estúdio móvel) que fazia a programação ao vivo diretamente do Parque.

**Figura 9: Evento do Dia das Crianças realizado pela 98FM.**



Fonte: Registro feito pelo autor

Pelas fotografias anteriores podemos notar o número muito maior de crianças usufruindo das atividades no lado do Morro, em que pese a estrutura mais elaborada sendo ofertada no lado do asfalto.

Ações públicas de educação, saúde, segurança, lazer e cultura sempre são demandadas pela população do Morro do Papagaio. Cotidianamente há falas nesse sentido pela população local. A falta de atendimento a muitos desses discursos reflete o problema já salientado na introdução desta tese: a presença ainda aquém por parte do poder público.

Ressalto que existem escolas (municipais e estaduais)<sup>33</sup>, um posto de saúde (Centro de Saúde Santa Lúcia) e uma unidade do Centro de Referência da Assistência Social (Cras) dentro do Morro. Mas entendo que a lacuna dos direitos sociais para as camadas mais empobrecidas da sociedade ainda é uma realidade. Por exemplo, muitas ações são efêmeras ou realizadas pontualmente por um ou outro governo.

Destaco, agora, duas ações de esporte e lazer oriundas do poder público que ocorrem no Morro do Papagaio.

A primeira delas é o programa Esporte Esperança<sup>34</sup>, iniciativa de âmbito municipal por meio da qual aconteceu minha aproximação com a comunidade. A organização do trabalho desse programa é feita em núcleos, sendo cada um deles composto por um professor de Educação Física e um agente da comunidade. A essa equipe cabe a elaboração de propostas de atividades esportivas, danças, jogos, brincadeiras e lutas para a comunidade.

A adesão de crianças e jovens ao programa é livre; não é exigida assiduidade ou continuidade de nenhuma maneira. A premissa do trabalho é ofertar, de forma ampla, atividades da cultura corporal a crianças e jovens.

---

<sup>33</sup> As escolas presentes são: Escola Municipal de Educação Infantil Marta Nair Monteiro, Escola Municipal Ulysses Guimarães, Escola Estadual Dona Augusta Gonçalves Nogueira e Escola Estadual José Carlos de Guaraná Menezes. Também há, no Aglomerado, cerca de cinco creches particulares conveniadas com a PBH para o atendimento da população.

<sup>34</sup> É de responsabilidade da SMEL-PBH.

Essa característica do programa Esporte Esperança, que entendo ser correta, resultou em uma das dificuldades na época em que desenvolvia o trabalho no Morro do Papagaio. A demanda do público do programa era pela eminente prática do futebol, ao passo que tínhamos como objetivo central (e meta de trabalho a ser alcançada) diversificar ao máximo a oferta de atividades. Assim, atrair crianças para participar e permanecer no projeto tornou-se um grande desafio.

Até o ano de 2019, o núcleo do programa no Morro do Papagaio ficava na unidade do Cras dentro da comunidade, ou seja, fora do espaço do Parque. Por ocasião da pandemia, porém, esses programas foram suspensos. Entendo, portanto, que é válido observar, talvez com estudos acadêmicos, se essas políticas retornarão ao Morro do Papagaio (e a outras comunidades) com o fim da emergência sanitária.

A seguir, apresento a definição de diretrizes do programa, segundo o portal da PBH<sup>35</sup>:

O Esporte Esperança é um programa desenvolvido pela Prefeitura de Belo Horizonte por meio da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer (SMEL), que visa garantir às crianças e aos adolescentes, residentes em áreas de vulnerabilidade social, o acesso aos esportes, aos jogos, à ginástica e às brincadeiras. Para a faixa etária de 6 a 17 anos, são ofertadas Oficinas e Escolinhas de Esportes. (PBH, 2018)

O segundo programa oferecido pelo poder público, o Fica Vivo<sup>36</sup>, é de responsabilidade do Governo Estadual. A iniciativa é realizada em parceria com a iniciativa privada e/ou agentes comunitários que já têm algum tipo de intervenção nas comunidades. No Morro do Papagaio, o Fica Vivo<sup>37</sup> oferece atividades de esportes e artes, principalmente para os jovens.

Um dos projetos apresentados no Capítulo 6, o Futebol de Rua, já fez parte do programa Fica Vivo. Atualmente, porém, o projeto é conduzido por um monitor da

---

<sup>35</sup> Informação disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/esportes-e-lazer/esporte-esperanca>

<sup>36</sup> O programa foi instituído no ano de 2003 e faz parte da pasta da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejusp) de Minas Gerais.

<sup>37</sup> Segundo informações da Sejusp de Minas Gerais, o programa continua ativo, mas com as atividades paralisadas durante a pandemia, assim como aconteceu com o programa Esporte Esperança. Informações em: <http://www.seguranca.mg.gov.br/2013-07-09-19-17-59/centros-de-prevencao-a-criminalidade>.



própria comunidade, e a atividade acontece todas as terças e quintas. Um grupo de adolescentes se reúne para praticar futebol seguindo a estética do jogo do futebol de rua. A atividade atrai um grande número de participantes.

Mesmo não sendo realizado aos finais de semana (dias em que ocorria a pesquisa de campo), entendi que seria interessante dedicar uma parte deste trabalho ao Futebol de Rua. Por se tratar de uma atividade que lida com o futebol e que escapa do que é comum em relação à prática, existem pontos de reflexão e análise relevantes para o objeto desta pesquisa. Por isso, realizei uma entrevista com o seu idealizador. A discussão acerca desse projeto será aprofundada posteriormente no Capítulo 6.

## **2.6 Lazer e uso espontâneo do Parque**

O uso espontâneo do Parque Jornalista Eduardo Couri, principalmente por parte das crianças, é muito recorrente e precisa ser registrado. Em sua tese, Lansky (2012) descreve de forma bastante competente o movimento das crianças “do Morro” e “do asfalto” no Parque.

Muitas coisas que consegui perceber com as observações corroboram o que é descrito por Lansky (2012). Com os dados obtidos, identifiquei que o uso do Parque pelas crianças é bastante fragmentado.

As crianças vindas dos bairros nobres utilizam a metade do Parque próxima aos bairros Santa Lúcia, Santo Antônio e Vila Paris. Muitas delas levam algum tipo de brinquedo para utilizar. A presença desse público é mais recorrente pela manhã e no início da noite, sendo quase nula no período da tarde.

O “parquinho” (como as crianças chamam o espaço) é mais utilizado pelas crianças do Morro do Papagaio. A localização dele é bastante próxima ao campo novo. Aos finais de semana (dias em que a coleta de dados ocorreu), o uso do parquinho não se mostrou tão grande. O uso desse equipamento é recorrente pelas crianças mais novas, provavelmente nos finais da tarde, após o horário da escola.

A quadra de esportes tem um intenso uso pelas crianças e pelos jovens do Morro do

Papagaio. As crianças mais velhas são as que jogam futebol na quadra, quando há temperatura amena e grande quantidade de pessoas assistindo às partidas nos campos. Em algumas ocasiões, é possível ver até mesmo times “fazendo a de fora”<sup>38</sup> para jogar na quadra.

Cabe ressaltar que as crianças e os adolescentes que moram na comunidade têm uma movimentação e ocupação dinâmica do Parque. Apesar de marcarem presença por mais tempo nos locais apontados, também estão presentes em outros pontos. Além disso, na maior parte das vezes não estão na companhia dos pais ou responsáveis, mas sim em pequenos grupos com outras crianças ou jovens.

Outro uso com constância considerável é a dos praticantes de corridas e caminhadas nas pistas do Parque. Estão presentes aos finais de tarde, principalmente. Pelas observações feitas, são oriundos, em sua maioria, dos bairros do entorno, ainda que algumas pessoas da comunidade também optem por esse tipo de atividade.

Os quiosques espalhados pelo Parque – quatro no total<sup>39</sup> – também são alternativas para vivência de lazer. Todos eles têm bancos próximos e o entorno arborizado. Um dos quiosques vende sucos e água de coco; outro, creme de açaí. A Cantina do Prointer e o Quiosque do Robertão vendem salgados, refrigerantes e cervejas.

Pela ocasião das Copas do Mundo de 2014 e 2018, criou-se, no Parque Jornalista Eduardo Couri, uma prática de lazer espontânea que acompanha o calendário dos torneios da Copa e foi noticiada pela mídia impressa da cidade de Belo Horizonte. Colecionadores de figurinhas e álbuns se reúnem no Parque para fazer uma grande “feira” de troca dos adesivos. Nas edições das Copas de 2014 e 2018, essa movimentação de colecionadores foi noticiada<sup>40</sup> em jornais e outras mídias locais.

---

<sup>38</sup> O termo designa os times ou os jogadores de pelada que estão aguardando a vez para jogar nos campos ou quadras.

<sup>39</sup> Além desses, existe mais um quiosque, contudo ele se encontrava fechado na maior parte das vezes em que a pesquisa de campo ocorreu. Assim, não foi possível avaliar se ele também é uma opção relevante para o lazer dos frequentadores do Parque.

<sup>40</sup> Matéria sobre a troca de figurinhas durante a Copa do Mundo de 2014: <https://www.otempo.com.br/hotsites/copa-do-mundo-2014/troca-de-figurinhas-une-colecionadores-1.847419> E no ano de 2018: <https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/colecionadores-trocam-figurinhas-do-%C3%A1lbun-da-copa-do-mundo-na-barragem-santa-l%C3%BAcia-1.608651/troca-de-figurinhas-na-barragem-santa-l%C3%BAcia-7.1267474>

Assim, essa parte do Parque Jornalista Eduardo Couri se firmou como ponto reconhecido e procurado por colecionadores da cidade de Belo Horizonte em períodos de Copa do Mundo. Nessa atividade, a maioria dos participantes não é oriunda do Morro do Papagaio. Algumas das matérias jornalísticas apontaram que o grande número de pessoas que colecionam as figurinhas vem de bairros mais distantes.

É interessante pontuar que a organização desses grupos de colecionadores começou com poucas pessoas e foi aumentando com o tempo, segundo relato de alguns garotos moradores do Morro. Eles informaram também que não participam das trocas de figurinhas, apenas observam “de longe”:

Quando tem gente trocando figurinha eu não vou lá, não. Eu só tenho pouca figurinha que ganho no bafão... eu fico só aqui jogando bola mesmo. (Registro de conversa com garoto morador do Morro do Papagaio na quadra de esporte do Parque. Caderno de campo, 26/05/2018).

**Figura 10: Troca de figurinhas em 2014.**



Foto: Alex de Jesus  
Fonte: Jornal O Tempo.

**Figura 11: Troca de figurinhas em 2018.**



Foto: Lucas Buzatti  
Fonte: Jornal Hoje em Dia.

Para finalizar este capítulo, apresento um mapa detalhado do Parque e de todos os locais que foram de interesse para este trabalho. O objetivo é facilitar a compreensão das descrições feitas até aqui e que vêm a seguir.

Figura 12: Mapa do Parque Jornalista Eduardo Couri; destaque para os locais retratados nesta pesquisa.



Fonte: <https://earthexplorer.usgs.gov/>

### 3 O LAZER E O FUTEBOL NO PARQUE E NA COMUNIDADE

Este capítulo dá centralidade à discussão sobre o futebol no Parque Jornalista Eduardo Couri como manifestação da vivência de lazer dos moradores do Morro do Papagaio. Para tanto, apresentarei uma breve discussão acerca do meu entendimento do conceito de lazer. Apoio-me em alguns autores que me auxiliaram na construção dessa compreensão.

Início com Marcellino (1987), que colaborou, por meio de seus estudos e publicações, para o rompimento de uma visão funcionalista do lazer. Essa visão não possibilita a emancipação e os processos educativos que podem advir do lazer. O autor, ao romper com esse paradigma, propõe o lazer como "a cultura em seu sentido mais amplo", podendo ser praticada, vivenciada ou contemplada. Esse entendimento supera a ideia de lazer como mero conjunto de ocupações para o tempo disponível.

Sobre as reflexões feitas por Marcellino, faço uma ressalva quanto ao termo "disponível". O uso dessa palavra foi problematizado por Bramante (1998), que aponta a sua preferência pela expressão "tempo conquistado", para evidenciar que o tempo das pessoas para o lazer foi lento e duramente conquistado pela classe trabalhadora. Nesse sentido, temos um ponto que realmente é corroborado pela fala dos moradores do Morro do Papagaio, exemplificada pelo trecho do diálogo que tive com Urbano, irmão do presidente da Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia:

O final de semana é muito importante pra gente que vem aqui para o campo. É o nosso lazer. Para o trabalhador, é o tempo que temos para viver o lazer, né... Jogar o futebol, encontrar o pessoal... E o futebol é um lazer barato. Você pode ver aqui... Tem gente que vem e não tem o dinheiro do mês da pelada... É 10 reais... E joga... A gente quer que as pessoas venham. (Urbano, morador do Morro e frequentador do Parque, em diálogo com o pesquisador sobre a pelada dos veteranos. Registro de caderno de campo)

Outra referência dentro do campo do lazer que entendo ser pertinente ao presente estudo foi elaborada por Gomes (2004). Para ela, o entendimento do lazer vai além do aspecto cultural e do tempo/espço de vivência; considera, também, o sujeito ou o grupo social. Assim, segundo Gomes (2004), o lazer é

uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espço conquistado pelo sujeito ou **grupo social**, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações. (GOMES, 2004, p. 124. Grifo nosso.)

Ressalto aqui a inclusão do termo “grupo social” para a definição de lazer, porque o foco na prática e no torcer dentro do universo do futebol da comunidade expressa e funciona como um catalisador das relações sociais em grupos. Esse fato foi observado nas incursões ao campo de pesquisa e será descrito e analisado nas páginas subsequentes.

Outro aspecto pertinente é a noção de que esta pesquisa faz um estudo da cultura, como aponta Gomes (2004). Essa premissa se torna mais robusta com a reflexão feita por Baptista (2009), que salienta qual deve ser a atribuição e a conseqüente potência dos estudos culturais:

os estudos devem revelar os discursos marginais, não oficiais, ou daqueles que propriamente não têm voz. Em síntese, trata-se de estudar aspectos culturais da sociedade, isto é, de tomar a cultura como prática central da sociedade e não como elemento exógeno ou separado, ou mesmo como uma dimensão mais importante do que outras sob investigação, mas como algo que está presente em todas as práticas sociais e é ela própria o resultado daquelas interações. (BAPTISTA, 2009, p. 455)

Nessa definição, a cultura é percebida como central nas análises a serem feitas pelos estudiosos dos mais diversos campos do conhecimento. É um elemento que constitui a sociedade, não algo acessório a ela. Há também o convite para que sempre sejam considerados os discursos das populações marginalizadas ou geralmente invisibilizadas na sociedade. É por meio da interação entre esses indivíduos e grupos que a cultura é produzida (BAPTISTA, 2009).

A noção do lazer como um direito social também é relevante, uma vez que, se assim entendido, deve ser responsabilidade do poder público oferecê-lo para a sociedade de forma acessível. Nesse sentido, com a pesquisa realizada, vejo uma falha dos gestores públicos responsáveis por políticas de lazer na região do Morro do Papagaio. Em minhas observações, pude perceber um tímido oferecimento de atividades de lazer para a população. A presença do Parque Jornalista Eduardo Couri acaba auxiliando muito a população na prática de atividades de lazer, mas senti falta de intervenções que potencializem o uso e o aproveitamento desse equipamento de

lazer. É provável que o Parque seja subutilizado por falta de ações dessa natureza, o que acaba contribuindo para que uma parcela da população tenha o direito ao lazer negligenciado.

Temos um exemplo dessa realidade no relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), divulgado no evento em comemoração aos 30 anos da Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, em 2019. O documento aponta que quase 60% dos jovens no Brasil não têm acesso a ao menos um direito social básico para a vivência de uma cidadania plena, fato este que se faz ainda mais presente nas comunidades empobrecidas (FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA, 2019).

Na comunidade do Morro do Papagaio, o lazer como direito social também se insere nessa realidade. Em todo o período da pesquisa de campo realizada, não houve nenhuma ação do poder público, de qualquer esfera, para a promoção ou o fomento de atividades de lazer no Parque – salvo a Copa Centenário, torneio promovido pela PBH, mas restrito no que se refere à prática do jogo de futebol. Assim, para a maior parte das pessoas, a Copa é uma possibilidade de lazer apenas no sentido de assistir às partidas, principalmente se considerarmos crianças e jovens.

Para este diálogo, Isayama e Gomes (2015, p. 2) contribuem pontuando que a "concretização dos direitos sociais – entre os quais o lazer –, por meio de políticas sociais comprometidas com a intersectorialidade, é essencial para o exercício da cidadania plena". A meu ver, é urgente o apontamento desse problema, visando à proposição de soluções para políticas públicas de esporte e lazer. Dessa forma, acredito que este trabalho pode contribuir no sentido de oferecer as observações próximas realizadas e as demandas das falas proferidas pela comunidade. Assim, pode auxiliar na formatação de políticas públicas de lazer, essenciais no meu entendimento.

Em relação aos equipamentos de lazer, Marcellino, Barbosa e Mariano (2006) trazem contribuições para reflexões muito profícuas, pois a ideia da cidade como equipamento de lazer favorece o entendimento do aglomerado como um local de vivência de lazer, para além de um dormitório.

Nas ruas do entorno do Parque e nas vielas e becos da favela, pude ver como as pessoas utilizavam seu tempo disponível para sentar no meio-fio, conversar e beber; jovens que transitavam, escutavam, dançavam e produziam *funks*. A ocupação das ruas deixa patentes as vivências lúdicas e o dinamismo cultural presentes no Aglomerado Santa Lúcia. Assim, perceber os usos e os significados que esse local ganha por parte de seus moradores foi importante para este estudo.

Em outro trabalho, Marcellino *et al.* (2007) apontam um problema presente em várias cidades brasileiras e que se repete em Belo Horizonte: o desafio da centralização dos equipamentos de lazer faz com que o acesso seja ainda mais difícil para moradores das regiões empobrecidas. Apesar de o Aglomerado Santa Lúcia ter uma comunidade que enfrenta problemas sociais e econômicos como a maioria das outras favelas do país, ele conta com o Parque Jornalista Eduardo Couri muito próximo. Entendo que essa **aparente**<sup>41</sup> incongruência seja explicada pelo fato de a comunidade do Morro do Papagaio estar relativamente próxima à região central da cidade, bem como ser vizinha de bairros de classe média alta. Vejo que a provável explicação para o investimento público em um grande equipamento de lazer na região seja essa.

Além das pesquisas já citadas, Gonçalves e Rechia (2015) contribuem bastante com a temática dos equipamentos de lazer em meios urbanos, de forma especial na presente pesquisa. O estudo desenvolvido por eles aborda a questão do planejamento e da concepção de espaços e equipamentos de lazer, bem como da apropriação destes pelos moradores de uma vila (a Vila Nossa Senhora da Luz, em Curitiba, no Paraná). Mais adiante, apresentarei o diálogo entre esse estudo e a pesquisa realizada no Morro do Papagaio.

Isso posto, vejo como relevante, neste capítulo da tese, o debate acerca do lazer nos espaços/equipamentos urbanos, bem como nos aglomerados. A exposição das situações ocorridas no Parque aos finais de semana, bem como a organização e o uso dos campos para o futebol, serão melhor interpretados com estes conceitos em

---

<sup>41</sup> Destaco a palavra “aparente” porque, apesar de a comunidade contar, sim, com um importante equipamento público de lazer (o Parque Jornalista Eduardo Couri), existem outros tipos de equipamentos que não estão presentes, como museus, cinemas e centros culturais.



mente.

### **3.1 O terrão: coração do Parque Jornalista Eduardo Couri**

Os campos de futebol no Parque Jornalista Eduardo Couri certamente são os principais atrativos desse equipamento de lazer. A presença dos campos (e conseqüentemente do futebol) propicia grande número de pessoas usufruindo do local e uma riqueza de relações e outras atividades de lazer.

Dessa maneira, para evidenciar como as atividades no Parque “pulsam” de acordo com o que acontece nos campos, neste trecho do trabalho atentarei para as atividades de lazer oriundas deles. Analisarei como é a dinâmica do futebol comunitário, como as relações de sociabilidade são favorecidas nesse contexto e como os espaços dos campos novo e velho (bem como os seus arredores, as arquibancadas, a Cantina do Prointer e o Bar do Robertão) são ocupados pela comunidade do Morro do Papagaio.

Como consta na Metodologia, o trabalho de campo transcorreu durante os finais de semana, e nesses dias o espaço ficava bastante movimentado. Muitas pessoas se faziam presentes para jogar futebol. Outras estavam presentes para assistir às partidas. Nos momentos da pesquisa de campo, sempre observava crianças brincando nos arredores com bola, principalmente, ou bicicleta. De maneira geral, a Cantina do Prointer e o Bar do Robertão ficavam cheios de pessoas bebendo cerveja e acompanhando os jogos no campo novo. Quando havia jogo também no campo velho, o número de pessoas interessadas em acompanhar as partidas nesse campo era ligeiramente menor em comparação ao público do campo novo.

Nos finais de semana, a ocupação dos campos ocorria praticamente durante todo o dia com partidas de futebol. Aos sábados era dada prioridade aos jogos das equipes com categorias de crianças e adolescentes. Aos domingos, a maioria dos jogos era da categoria adulto, tanto masculina quanto feminina.

Como acontece na maioria dos campos comunitários de Belo Horizonte, apesar de o espaço ser propriedade do poder público municipal, a sua administração, manutenção e organização são feitas pela comunidade por meio de associações esportivas, de

associações de moradores ou dos próprios clubes da comunidade.

Certamente o futebol comunitário é a atividade de lazer principal que movimenta o comércio dos arredores, os campos e, de certa forma, o Parque como um todo. Mas há um aspecto que cabe salientar: o âmbito formativo dessa atividade de lazer. Em vários momentos, observei que as crianças que vão aos campos e jogos acompanhando os pais (ou até mesmo desacompanhadas) se encontram no entorno do campo brincando; ao mesmo tempo, vejo que há por parte delas a atenta observação e a aprendizagem de como se portar naquele espaço. No relato que apresento a seguir, alguns homens conversavam na parte alta das arquibancadas e eram acompanhados por três crianças, aparentemente irmãos, que assistiam à partida no campo novo, mas também estavam atentas à conversa dos adultos:

Decidi acompanhar as partidas na arquibancada. Não estavam lotadas, mas a parte sombreada está ocupada por algumas pessoas. Aqueles que estavam vendo o jogo neste momento também conversavam sobre política e em tom jocoso criticavam a atuação dos dois times que jogavam no campo novo. Após alguns lances um dos homens começou com críticas ao juiz da partida... “Esse cara é um burro, olha lá! Tá perdidinho.” Três garotos estavam por perto e olham para trás no momento dessa fala. Após alguns minutos e conversas sobre outras equipes amadoras da comunidade e torneios que acontecerão na comunidade, o mesmo sujeito profere xingamentos direcionados ao árbitro. “Ô, seu filho da puta! Apita direito ou sai daí. Otário! É melhor chamar alguém no buteco para apitar.” Mais uma vez os garotos olham para trás, mas dessa vez começam a rir da situação. Depois de mais alguns momentos um dos garotos também xinga o árbitro e comenta com a criança que estava a seu lado: “Ele não sabe apitar nada...” (Registro em caderno de campo. 10/11/2019).

Os adultos moradores do Morro do Papagaio que estavam presentes no futebol (praticando ou assistindo) ou em atividades que orbitam os campos se mostraram assíduos e mantiveram intensas relações de “sociabilidade”, demonstrando, assim, como a efervescência esportiva de lazer é significativa para a comunidade do Morro do Papagaio. A seguir, apresento um trecho de anotação do caderno de campo que demonstra essa realidade:

Os arredores do campo principal estavam muito cheios... Na arquibancada, nos degraus mais acima, perto da sombra das árvores e da calçada perto da arquibancada eram os locais preferidos. A rua e o bares que ficam em frente à arquibancada também tinham bastante gente. Próximo ao Bar do Robertão também tinham muita gente... Motos e carros estacionados. Até o momento, vi três churrasqueiras com várias pessoas próximas a elas. O aparelho de som no Bar do Robertão está tocando *funk* e samba, em um volume alto mas que não é incômodo. Muitas pessoas vieram para ver a final da Copa dos Campeões.

O torneio foi organizado pelo Robertão/Associação. Os finalistas foram o time da Associação Esportiva e um time da comunidade chamado Papagaios. (Registro em caderno de campo 15/12/2019).

Como descrito, a assistência aos jogos de futebol comunitário é uma das atividades de lazer que acontecem no entorno dos campos. Arrisco dizer que talvez essa seja a atividade de lazer que mais leva pessoas da comunidade para o Parque. Assim, de certo modo, entendo que o futebol acaba atuando como “agitador cultural”, fazendo com que os equipamentos de lazer sejam ocupados e utilizados pela população.

É evidente que, em outros contextos de futebol amador, o torcer também ocorre e é significativo, como apontam Origuela e Silva (2017). As pesquisadoras fizeram a análise do torcer no futebol amador em clubes de lazer no interior de São Paulo, demonstrando como a prática da assistência é relevante naquele contexto. Contudo, o que há de diferente do caso estudado aqui é que na comunidade do Morro do Papagaio existe a peculiaridade de o torcer no futebol comunitário estar inserido em um equipamento de lazer público, aberto e que permite o uso por grupos sociais diversos.

Além de atividades de lazer, de assistência e outras que ocorrem no entorno, o próprio futebol comunitário é uma atividade de lazer. Nesse sentido, com as observações, as conversas com os atores do futebol comunitário e as entrevistas realizadas durante a pesquisa, tornou-se evidente que os campos da Barragem Santa Lúcia e toda a agitação esportiva que ali ocorre integram um “circuito” (MAGNANI, 2014) de futebol amador na cidade de Belo Horizonte. Cabe explicitar que Magnani (2014, p. 2) aponta o conceito de “circuito” como a ocorrência de

domínios não necessariamente marcados pela contiguidade espacial, como ocorre nas demais (categorias mancha e pedaço), e sim de ligar pontos descontínuos e distantes no tecido urbano, sem perder, contudo, a perspectiva de totalidades dotadas de coerência.

Assim, temos um importante papel desempenhado pelos campos da Barragem e pelo contexto do futebol comunitário no Alglomerado para a consolidação de um circuito de futebol amador em Belo Horizonte. Algumas características observadas demonstram isso, como o grande número de jogos realizados no período e a participação de equipes e jogadores de vários outros bairros e regiões da cidade. A recorrente escolha

do campo novo para sediar campeonatos organizados pela Federação Mineira de Futebol (FMF), pela Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) e a Central Única das Favelas (Cufa)<sup>42</sup> – esta última no caso da Taça das Favelas – e a grande visibilidade do time feminino do Prointer também são exemplos desse protagonismo.

Destaco, nesse sentido, o estudo de Myskiw (2012), que investigou o circuito do futebol de várzea na cidade de Porto Alegre. O pesquisador elaborou uma cartografia evidenciando as redes existentes nesse nicho futebolístico, a organização desses grupos, a relevância desse tipo de futebol para eles e a constituição do circuito do futebol de várzea como espaço simbólico particular, institucionalizado e institucionalizante. O trabalho de Myskiw se aproxima da presente pesquisa no sentido de que o circuito analisado em Porto Alegre também se mostrou como um espaço de sociabilidades e a participação dos membros também se mostrou como motivo de distinção e orgulho (MYSKIW, 2012). Observei esses mesmos papéis sendo desempenhados por Robertão, Evandro e Sr. Evaristo junto ao futebol comunitário na Barragem.

Ainda aproximando os contextos de Porto Alegre e do Morro do Papagaio, Magnani (2014) detalha um pouco mais sobre como o circuito repercute nos diferentes atores sociais e em suas movimentações, e também como se faz presente e se torna “vivo” com a realização de eventos, festivais e outras manifestações de lazer.

O circuito passa, assim, a abrigar diversas classes de atores, inclui os espaços onde ocorrem suas práticas e se pauta pelo calendário de sua realização. Não se trata apenas de identificar pessoas, objetos, locais, estilos e marcas que estão em relação por compartilharem determinados interesses, valores, práticas: o que torna vivo o circuito é a movimentação dos atores, que pode ser apreciada, por exemplo, nos eventos, celebrações, rituais coletivos etc. Um evento local mobilizará pessoas, objetos, etc., de forma diferente de um evento de âmbito nacional. (MAGNANI, 2014, p. 4)

Refletindo acerca do trabalho de Myskiw e das colocações de Magnani sobre o conceito de circuito, interpreto que o circuito de futebol comunitário pode ser entendido como um movimento de entusiastas do futebol amador que se organizam, lutam politicamente e se ajudam, mas também disputam entre si espaço e relevância nesse campo esportivo, para que esse tipo de prática do futebol nas cidades brasileiras

---

<sup>42</sup> Organização não governamental que atua nos âmbitos político, social, esportivo e cultural.

continue acontecendo.

Outra contribuição de Magnani (2014) diz respeito à ideia de “mancha” urbana. As “manchas”, segundo o pesquisador, são locais onde se encontram pessoas de diferentes procedências e locais da cidade, mas que compartilham gostos ou estilos de vida semelhantes (MAGNANI, 2014). Portanto, entendo que, ao serem expoentes no circuito de futebol comunitário de Belo Horizonte, os campos do Parque e o Morro do Papagaio, a reboque, acabam se tornando também uma “mancha” urbana do futebol amador na cidade, uma vez que seus eventos e celebrações atraem pessoas com apreço pelo futebol comunitário de diversos pontos da capital. Magnani (2014, p. 15) aponta que a mancha “não se restringe aos ‘chegados’, permite o imprevisto, encontros inesperados”.

Assim, interpreto que, no caso do Morro do Papagaio, os “chegados” constituem no parque um “pedaço” principalmente em relação à pelada dos veteranos. Uma vez que existe sempre a participação do mesmo grupo, as atividades de lazer se estendem para além da partida de futebol; muitos peladeiros vão com suas esposas e filhos. Finalmente, pensando também no espaço, o Parque é apropriado pelo grupo de forma intensa, fazendo com que esse equipamento público não seja um local de estranhos, mas sim dos “chegados”.

Outros aspectos também são relevantes acerca do futebol comunitário, especialmente pelo grande envolvimento que este testemunha nas comunidades nas quais se insere. Nas linhas que se seguem, aponto alguns trabalhos e as particularidades de cada um, bem como suas aproximações e afastamentos em relação ao presente estudo.

No Morro do Papagaio, temos a dinâmica e as relações proporcionadas pelo futebol amador; contudo, é importante levar em consideração que o contexto em que isso ocorre que é urbano, ou seja, é a realidade das grandes cidades. Spaggiari (2009; 2014), em seus trabalhos, apresenta um cenário semelhante na cidade de São Paulo. O papel desempenhado pelo futebol comunitário para as comunidades em grandes cidades brasileiras fica evidenciado em suas pesquisas. Spaggiari (2009) ressalta, porém, a questão do aprendizado que o futebol comunitário propicia ao jovens, bem como o papel do futebol amador como um estágio para aqueles que estão em busca

da profissionalização.

Spaggiari (2014) aponta, ainda, a questão da formação do futebolista, e a relação da família do jovem com o futebol também é apreciada. Aqui, a busca pelo profissionalismo é vista como um projeto da família, e propõe-se uma reflexão acerca da formação das famílias esportivas com base na relação com o sistema do futebol amador como um todo.

Há também no meio rural pesquisas que mostram a pertinência do futebol amador e do torcer no contexto do futebol para as comunidades locais. Pimenta (2009) revela a constituição de “regras” para a vivência do futebol amador rural, a dinâmica dos jogos e as diferenças existentes entre o futebol amador rural e o das cidades.

Outro aspecto que cabe abordar sobre as características do futebol comunitário é o seu aspecto promotor de sociabilidade e pertencimento. Rigo (2007) aponta essas questões ao analisar os times amadores, denominados “infames” pelo pesquisador. Esses aspectos se aproximam bastante da realidade observada no Aglomerado Santa Lúcia e do universo do futebol comunitário que lá existe. O clube amador de bairro acaba se tornando uma representação da comunidade e, assim, atua como um catalisador das relações e formas de sociabilidade dos moradores do local. Ou seja, os clubes, as associações esportivas, os jogos que ocorrem nos bairros acabam reverberando, de certa forma, como fomento a atividades de lazer para a própria comunidade. Segundo o entendimento de Rigo (2007),

Poder-se-ia dizer que os clubes são pequenos fragmentos do bairro, já que se condicionam mutuamente. O futebol, as festas e os bailes fazem dos clubes um espaço compartilhado pelo bairro, principalmente nos finais de semana, quando eles se tornam pontos de encontro. Ao redor do campo de futebol, escorado na copa ou nos bailes e festas, transitam tanto os frequentadores assíduos como novatos, curiosos do próprio bairro, ou visitantes da redondeza. O clube se transforma em um lugar propício para encontros, um espaço que contribui para aproximar amigos, conhecidos e vizinhos quase anônimos. Proximidade fundamental para forjar um estado para melhor “conviver” entre toda a vizinhança. (RIGO, 2007, p. 87).

Partindo desse trecho, vejo que esse entendimento dialoga de forma bastante apropriada com a categoria “pedaço” de Magnani (1998), mencionada anteriormente. Uma vez que, essas relações entre os atores sociais envolvidos com o futebol

comunitário, e por esta atividade de lazer estar circunscrita em um local específico, determinado e reconhecido por estes mesmos atores sociais como um lugar de “compartilhamento de sociabilidades”. No caso do estudo de Rigo (2007), esse lócus é a própria sede do clube e há o reconhecimento do clube como um espaço localizado entre o privado (casa) e o público (rua). O clube propicia, então, o encontro e a socialização dos “chegados”.

Rigo *et al.* (2010) também apontam o destaque que o futebol comunitário tem, de maneira consolidada, para ser uma oportunidade de promoção da “sociabilidade” e de lazer para a classe trabalhadora da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Novamente este aspecto vai ao encontro do que observei na comunidade do Morro do Papagaio. O trecho a seguir, da entrevista de um dos peladeiros da comunidade, explicita a espera pelo fim de semana a fim de participar deste momento de lazer e encontrar pessoas que não é possível ver nos dias de semana.

Essa pelada aqui, com certeza ela é a minha principal atividade de lazer... porque a gente vem se tiver com ou sem dinheiro... e encontra o pessoal aqui que a gente não vê durante a semana. Faz o jogo aqui para dar uma suada... É muito bom. (Entrevista peladeiro\_2, 22/11/2020).

Entendo que o contexto que estudei é singular, pois combina a questão do futebol como atividade de lazer com o universo do futebol amador dentro de um parque urbano que atende amplamente aos moradores de um aglomerado. Gonçalves e Rechia (2015) fizeram um estudo mostrando equipamentos urbanos de lazer que atendiam a uma vila na cidade de Curitiba, reverberando como estes são significativos para as práticas corporais dos moradores e investigando também o envolvimento de líderes comunitários na manutenção desses locais.

Nesta seção, abordei o futebol comunitário e o seu papel como alternativa de lazer para a comunidade do Morro do Papagaio. Vejo que há paralelo com a realidade observada por Gonçalves e Rechia (2015): o envolvimento comunitário e o uso de um equipamento público mediante a organização da própria comunidade para a realização de atividades de lazer, sendo a principal delas o futebol. E este, além de lazer, é uma expressão de pertencimento dos moradores do Aglomerado.

### 3.2 Os “futebóis” comunitários no Parque

O foco principal deste trabalho é analisar a relevância do futebol para a comunidade do Morro do Papagaio, considerando-o em suas mais diversas formas e compreendendo como as pessoas se relacionam com ele. Assim, entendi como uma necessidade discutir o futebol amplamente. Procurei observar com quais "roupagens" ele aparece na comunidade e de que maneira cada uma delas é vivenciada pelos moradores que frequentam o Parque Jornalista Eduardo Couri.

Em seu trabalho, Damo (2007) mostra as diferentes matrizes do futebol, explicando-as e mostrando de que maneira cada uma delas se faz presente no cotidiano. Resumidamente, as quatro matrizes principais do futebol elencadas pelo autor são:

1. a bricolada, que é o futebol conhecido como “pelada”. Não é regida por nenhuma entidade e tem regramentos flexíveis;
2. a espetacularizada, ou seja, o futebol profissional. Caracteriza-se principalmente por seus fatores organizacionais hierárquicos, começando pela Federação Internacional de Futebol (Fifa) e chegando até as federações locais. É o futebol como produto, negócio;
3. a comunitária, isto é, o futebol que chamamos de “amador” ou “varzeano”. Damo (2007) aponta que está situada entre a matriz espetacularizada e a bricolada. Assim como a bricolada, é fortemente vista como uma atividade de lazer; e
4. a escolar, que é o futebol ligado ao âmbito da escola. É praticada no contexto pedagógico das aulas de Educação Física ou dos campeonatos escolares.

Conhecendo essas diferentes matrizes, entendo que é dada a possibilidade de enxergar e analisar as diferentes formas de “futebóis” existentes no cotidiano dos campos do país, desde aqueles em grandes estádios até os improvisados em terrenos baldios. Essa forma de pensar e organizar as diferenças existentes dentro do futebol é interessante e baseou a análise que apresento no texto deste trabalho.

Entendo que em todas as matrizes apresentadas por Damo (2007) temos pontos de aproximação e afastamento. Muitas vezes essas matrizes se entrelaçam, se



confundem, e é nesse sentido que proponho outra forma de enxergar a matriz comunitária, com base no que consegui observar durante a pesquisa. Essa proposta não tem o intuito de romper ou invalidar a teoria das matrizes de Damo, mas sim de lançar mão dela para realizar uma análise pormenorizada do futebol comunitário e de suas nuances.

Portanto, proponho que vejamos os desdobramentos existentes na matriz comunitária. Em cada uma das “submatrizes”, registro as características que observei, bem como a nomeação que elaborei para elas: o futebol comunitário espetacularizado, o futebol comunitário bricolado, o futebol comunitário educativo e o futebol comunitário amador.

Entendo que o **futebol comunitário espetacularizado** acontece quando a mimetização do esporte profissional se torna uma realidade para os jogadores que vão à prática, para os moradores da comunidade que vão acompanhar as partidas e até mesmo pela forma de organização da competição.

Durante a pesquisa, tive alguns exemplos do comunitário espetacularizado; a edição da Taça das Favelas é um deles. Esse torneio contou com uma infraestrutura até certo ponto robusta e com uma cobertura midiática relevante. No futebol comunitário espetacularizado, há também a participação do trio de arbitragem, formado por árbitros inscritos na federação ou em alguma associação de árbitros de futebol.

Outro caso que exemplifica o futebol amador espetacularizado são as participações do Prointer no Campeonato Mineiro organizado pela FMF, na Copa Centenário e na Copa BH, junto a clubes profissionais como o América, o Ipatinga e o Atlético Mineiro. Entendo que até mesmo o Campeonato Mineiro Amador disputado em 2019 pode ser enquadrado na matriz comunitária espetacularizada.

**Figura 13: Prointer em jogo da final do Campeonato Mineiro Amador – 2019.**



Foto: Taciana Santana.  
Fonte: Instagram @prointer\_fc

Em resumo, a prática do futebol comunitário espetacularizado alcança, em sua execução, características que buscam emular alguns atributos notadamente presentes na matriz do futebol espetacularizado, de forma mais marcante o caráter competitivo.

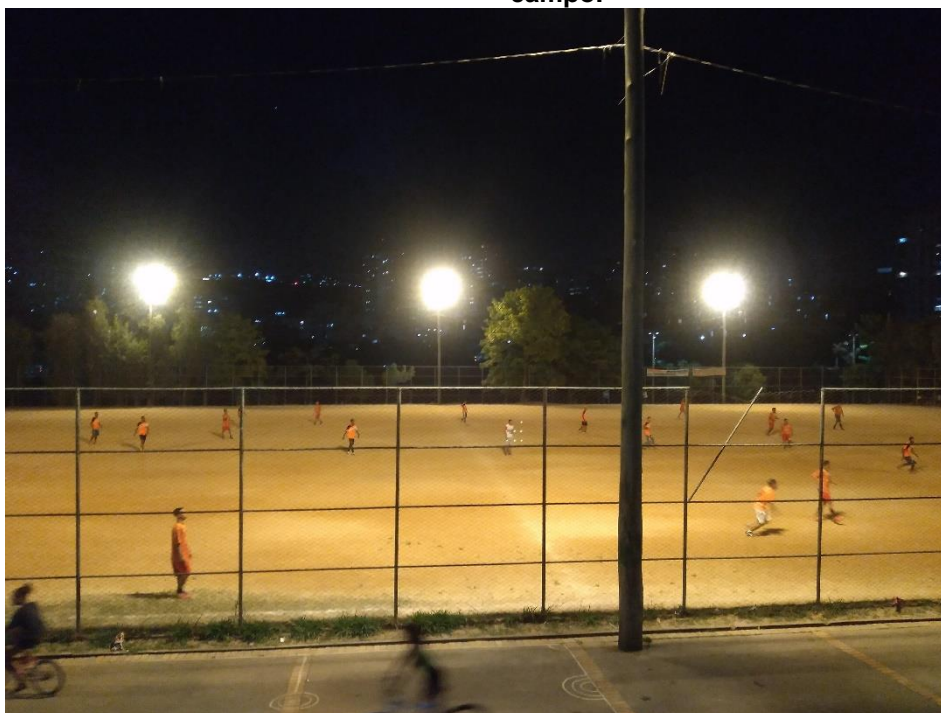
Outra forma de manifestação percebida durante a pesquisa de campo é o **futebol comunitário bricolado**. Nele existe um futebol que acontece de forma recorrente (ou não) e não há uma forma de disputa acirrada, envolvendo premiações, troféus ou vaga em outros campeonatos. A partida ocorre de maneira mais despreziosa. As equipes geralmente são escolhidas momentos antes do jogo e são formadas por pessoas presentes no momento.

Outra característica marcante do futebol comunitário bricolado é que, em alguns momentos, os participantes recorrem à figura de um árbitro improvisado. De modo geral, é um dos peladeiros que optou por não jogar no dia e se dispõe a fazer esse papel. Alguns peladeiros perguntam: “Quem vai ser o soprador de apito?”. Existem

também as peladas em que não existe a figura do juiz.

Um aspecto que também vale ser abordado acerca do comunitário bricolado é o pós-jogo. Principalmente nas peladas que acontecem de forma recorrente, a resenha<sup>43</sup> depois da partida é quase tão importante quanto o próprio futebol. Um exemplo disso é a pelada dos veteranos que acontece aos domingos, sobre a qual analisarei de forma mais detalhada ao final deste capítulo.

**Figura 14: Futebol comunitário bricolado à noite. Juiz “improvisado” no meio do campo.**



Fonte: Registro feito pelo autor.

Vejo o **futebol comunitário educativo** como presente nos projetos sociais que utilizam o futebol. Suas características mais regulares são que o público-alvo são crianças ou adolescentes e a participação deles é vinculada à matrícula e/ou frequência na escola.

Na comunidade do Morro do Papagio, observei a matriz comunitária educativa nos projetos sociais do Futebol de Rua e do Pontapé Inicial, vinculados à ações do líder

---

<sup>43</sup> A resenha é a forma com que os jogadores da várzea e demais envolvidos com o futebol comunitário se referem ao momento de lazer que acontece após as partidas, especialmente com conversas e jocosidades entre os participantes.

comunitário Júlio Fessô, do projeto Eu Amo Minha Quebrada. Mas há também vários outros projetos sociais dentro do Alglomerado que têm como atividade proposta o futebol. A maior parte deles não utiliza os campos de futebol do Parque, e sim as quadras de esportes existentes no Morro ou nas proximidades, uma delas é a que fica localizada no Parque Jornalista Eduardo Couri.

Existe, também, um discurso dos organizadores das atividades anunciando que esses projetos não visam à formação de atletas de alto rendimento, mas sim à formação de cidadãos, enaltecendo, dessa forma, o caráter pedagógico das ações. Em alguns momentos, porém, existem ditos que vão de encontro com essa premissa, especialmente quando tais organizadores são indagados sobre os resultados alcançados pelos projetos. É o que vemos na entrevista concedida pelo líder comunitário Júlio Fessô:

Então, eu criei o Pontapé Inicial, que hoje tem mais de 60 adolescentes e crianças... Eu chamo eles de atletas, mas o objetivo não era ensinar o futebol, mas promover a cidadania e a inclusão social... Então tem menino que tem distúrbio mental, tem crianças acima do peso, tem os bom de bola, tem os ruim de bola, tem os menino que é considerado problemático pelas outras pessoas, mas se dão super bem. Inclusive a gente foi selecionado para estar nas peneiras dos times grandes aí de Belo Horizonte. (Entrevista Julio Fêso, 05/12/2020).

Creio que seja possível fazer um trabalho formativo, social e de relevância em ambientes que preparam ou visam ao futebol de alto rendimento, mas entendo que é interessante apontar, na fala, o evidente contraste entre o objetivo de formação cidadã e inclusão social e a participação de peneiras dos grandes clubes da cidade. Esse aparente desencontro de objetivos demonstra uma confusão no senso comum sobre as diferentes abordagens possíveis no esporte.

Por último, entendo que o **futebol comunitário amador** é a principal manifestação futebolística (em quantidade de jogos) que observei durante a pesquisa nos campos do Parque Jornalista Eduardo Couri. As partidas de futebol nesse segmento não possuem um nível de organização e de exigência competitiva como acontece no futebol comunitário espetacularizado. Contudo, não vejo nele um nível de fruição tão despojado quanto no comunitário bricolado.

As partidas acontecem principalmente aos domingos. Temos, portanto, a realização de pequenos torneios e disputas organizadas por um conjunto de times, pela Associação Esportiva ou pela iniciativa individual de algum morador. A maior parte desses certames acontece em comemoração ao aniversário de algum time do Aglomerado ou de algum morador querido pela comunidade, ou até mesmo em alusão a torneios de futebol profissional ou amador espetacularizados que já podemos considerar “marcas” reconhecidas (como Copa Libertadores e torneio Corujão<sup>44</sup>). Em resumo, são torneios informais que não estão ligados à federação ou a órgãos públicos.

**Figura 15: Partida de futebol comunitário amador sendo realizada no campo velho.**



Fonte: Registro feito pelo autor.

Sobre a presença de arbitragem, existe o esforço dos organizadores dos campeonatos em garantir que um árbitro seja contratado para conduzir a partida. Geralmente, não há a presença de árbitros auxiliares (bandeirinhas), com o intuito de reduzir custos.

Pelas observações feitas ao longo da pesquisa *in loco*, o futebol comunitário amador consegue entusiasmar os moradores a acompanharem e se envolverem nos torneios como espectadores e torcedores, colocando essas partidas de futebol como

---

<sup>44</sup> O torneio Corujão é um campeonato amador realizado em Belo Horizonte pela Rede Globo Minas e pela FMF. A Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia organizou um torneio com o mesmo nome, mas somente com times da comunidade do Morro do Papagaio e de outros aglomerados próximos.

significativas manifestações de lazer para a comunidade do Morro do Papagaio.

Damo (2005) já anunciava o conceito de “futebóis”, que considero pertinente para a proposta que coloco nesta seção, entendendo que há diferentes futebóis comunitários. Faria (2008) também usa essa expressão e ressalta as distintas formas de compreensão e de prática do futebol em contextos comunitários. No caso do estudo por ela feito, as diferenças envolviam alguns fatores, como as idades das crianças que estavam jogando, o tipo de jogo de que a equipe iria participar e até mesmo a organização do plantel por parte do treinador do time (FARIA, 2008). Esses aspectos são interessantes e vão ao encontro das ideias que apresentei nesta seção.

Com a realização desta pesquisa, consegui identificar e classificar esses quatro vieses acerca do futebol comunitário, mas certamente é possível que em outras comunidades, outros espaços e outras realidades sociais existam diversas outras “submatrizes” do futebol comunitário que, por não terem sido aqui exploradas, merecem estudos específicos.

### **3.3 O horário nobre no campo novo: a pelada dos veteranos**

Os vários jogos de futebol comunitário acontecendo aos domingos movimentam o campo intensamente, fazendo com que os horários sejam bastante disputados pelos times e torneios do momento. Porém há um jogo que ocorre todos os domingos do ano e sempre tem o seu horário garantido: a pelada dos veteranos.

Essa pelada é composta por moradores do Morro do Papagaio que não fazem mais parte de nenhum time da comunidade, estão com idade avançada e entendem que os campeonatos de que os times amadores participam não permitem que eles continuem jogando. Dessa maneira, desde o ano 2000, eles organizam a pelada dos veteranos para continuarem jogando e mantendo essa atividade de lazer tão presente em seu cotidiano.



**Figura 16: Pelada dos veteranos**

Foto: Registro feito pelo autor

Aproximadamente após seis meses de pesquisa de campo, entendi ser oportuno passar a observar com mais atenção a pelada dos veteranos no Parque Jornalista Eduardo Couri. Os dados sobre a pelada foram obtidos, principalmente, pelas observações e anotações no caderno de campo, por diálogos com jogadores da pelada e pessoas que vão para assistir aos jogos e entrevistas com três peladeiros e com o Evandro, organizador da pelada e presidente da Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia, chamado de “Presidente” pelos demais participantes.

A pelada acontece às 08h00, o primeiro e mais disputado horário do campo novo, pois após o jogo os moradores ainda têm o resto do dia para “aproveitar”, seja na resenha após a pelada, seja optando por outras atividades de lazer fora do Parque.

É interessante observar que essa “reserva” do dia de domingo é algo recorrente também em outras realidades do futebol comunitário. O estudo de Stigger (1997), por exemplo, aponta que em uma pelada de veteranos na cidade de Porto Alegre também existe a preocupação com relação à manutenção do domingo para outras atividades de lazer que não o futebol. Mas, no caso relatado por ele, os jogadores optam por realizar os jogos aos sábados.

O que poderia ser chamado do Movimento dos Veteranos de Futebol, é uma presença, facilmente identificável aos finais de semana nos espaços públicos de Porto Alegre, de grupos de homens de idade avançada praticando o futebol. Reunindo-se normalmente aos sábados – já que "...o domingo tem que ficar para a família..." –, iniciam suas atividades pela manhã com um encontro de bate-papos que antecede ao jogo e encerram com um almoço – normalmente um churrasco – que vai até o final da tarde. (STIGGER, 1997, p. 53)

No caso da pelada dos veteranos no Parque Jornalista Eduardo Couri, o horário é concorrido e se, por qualquer motivo (como datas festivas), a pelada não ocorrer, o campo é rapidamente ocupado por outro na marcação de horário, sempre feita pelo Robertão. Segundo Evandro, nem sempre foi isso que aconteceu. Em seu relato, o Presidente disse que a pelada dos veteranos acontece às 08h00 porque, quando ela foi criada, esse era um horário com baixa demanda da comunidade. Com o passar dos anos e a mudança de percepção acerca das manhãs de domingo no futebol comunitário, o primeiro horário passou a ser o mais requisitado, porém a pelada dos veteranos já havia se estabelecido e se tornado uma tradição.

O termo "tradição" utilizado pelo Evandro se explica pela longevidade da pelada. Trata-se de uma atividade que há mais de 20 anos faz parte da vivência de lazer de muitos moradores do Morro do Papagaio, seja jogando, seja acompanhando os jogos. Também justifica o uso do termo o fato de que muitos dos que vão ao Parque para assistir à pelada são os idosos que já não conseguem participar do futebol comunitário como jogadores.

No relato do caderno de campo a seguir, apresento um exemplo de como os expeladeiros continuam participando deste universo no Parque Jornalista Eduardo Couri. Neste caso, o senhor que dialoga comigo não joga mais, nem mesmo por períodos curtos de tempo, mas em sua fala demonstra – e a meu ver busca explicitar – que conhece as regras implícitas e os códigos da pelada.

No dia 26/08, acompanhava a pelada desde seu início. O jogo havia começado no horário habitual das 08h00 da manhã. Tudo transcorria com normalidade até que um dos jogadores, um pouco mais novo que a maior parte dos peladeiros, reclamou de uma possível falta. O jogo continuou, e após uma nova disputa de bola da equipe adversária, o mesmo jogador reclamou novamente e pela segunda vez o jogo continuou. Ele então tirou o seu colete e, xingando, se dirigia para a saída do campo. Alguns peladeiros do seu time falavam para ele permanecer; após o apelo dos demais voltou para o jogo, mas apenas segurando o colete. Um senhor idoso que também



acompanhava a pelada, vendo a cena, grita em direção ao campo: “Agora a pelada está assim? Pode jogar sem colete? Isso já foi mais organizado hein?” Após essa fala, se dirige a mim e diz: “O cara mais novo da pelada não tá aguentando correr... tá vendo? Só joga reclamando.” (Registro em caderno de campo, 26/08/2018).

Como exposto, a manutenção do vínculo com a pelada e os peladeiros se dá pela assistência aos jogos. Mas há também outra forma de continuar pertencendo ao grupo: por meio da participação na resenha após a pelada. Tive essa percepção de forma mais evidente quando entrevistei um dos peladeiros que quase não entrava mais em campo. Além dele, existem outros que nem chegam a entrar no campo novo.

Olha... Jogar ficou pra mim uma palavra difícil, né... Hoje eu com 63 anos, eu tenho mais prazer na resenha do que com o próprio futebol. Então, eu acho que cai bastante a participação do pessoal aí se não tiver essa resenha no final da pelada... (Entrevista peladeiro\_2, 22/11/2020).

A resenha é, de fato, um momento de lazer que o futebol proporciona. A pelada dos veteranos termina por volta das 10h30; às vezes se estende até as 11h00h, dependendo do número de pessoas presentes. Assim que o jogo termina, já começam os preparativos para a resenha. Alguns saem antes da pelada e espalham algumas mesas e cadeiras em frente aos vestiários e à Cantina do Prointer. Outros se responsabilizam pela churrasqueira. Com o final da pelada, a maioria dos peladeiros continua para participar da roda de conversa, jogar truco, assistir aos jogos que acontecem posteriormente, beber cerveja (vendida na Cantina do Prointer ou pelo Robertão) e consumir churrasco, que é custeado por rateio entre aqueles que ficam para a resenha. Fato semelhante também é descrito por Stigger (1997):

O encontro após o jogo, pelo menos "... para tomar uma cerveja...", é parte significativa da rotina que mantém os laços de sociabilidade dos veteranos: há um grupo que não tendo campo fixo para jogar, para onde vai leva o equipamento necessário para fazer o churrasco, muitas vezes próximo ao meio fio e ao lado do campo onde jogam. A presença durante todo o período é um fator importante que estabelece a diferença entre quem efetivamente participa do grupo e quem "... apenas vem jogar futebol...": participar do almoço é fundamental, pois muitas vezes "... o time é escalado no churrasco...". (STIGGER, 1997, p. 53).

Diferentemente do caso do futebol comunitário de modo geral que, como apontado anteriormente, se encaixa de forma nítida no entendimento de “circuito” e “mancha” de Magnani (1998), percebo que no caso da pelada dos veteranos o conceito de “pedaço” se aplica de forma eficaz. Pelo que observei durante o estudo, a pelada dos

veteranos faz com que o campo e os seus arredores (ou seja, este trecho específico do Parque) possam ser percebidos como “pedaço”: um lugar de encontro e “sociabilidade” dos “chegados”.

A relação entre os peladeiros, principalmente após a pelada, confirma esse entendimento. Existe uma parceria entre eles, e o espaço público do Parque acaba se tornando, como aponta Magnani (1998), o local que se situa entre a casa (privado) e a rua (público “desconhecido”). No trecho da entrevista a seguir, percebemos como o encontro semanal entre os peladeiros é relevante:

A gente vive isso aqui aos domingos, com minha esposa às vezes, com a minha filha que sempre vem. Isso é uma coisa que faz parte da vida de quem está no futebol amador. O futebol amador é um meio de interagir com as pessoas, para socializar com o pessoal, a resenha... São coisas muito legais que a gente não pode abrir mão disso nos finais de semana. Então, todo domingo nós “tamo” aqui. Eu, como muitos outros pais que estão aí, trazemos a nossa família. E é uma coisa que a gente espera a semana toda para estar aqui. A semana toda no trabalho, a gente conta dia para chegar o final de semana, pelo futebol amador. O futebol amador é isso... (Entrevista peladeiro\_1, 22/11/2020).

O trecho mostra que a “sociabilidade” proporcionada pelo futebol na comunidade é reconhecida pelos moradores do Aglomerado. O futebol é uma atividade de lazer que permite o encontro entre amigos e vizinhos que, mesmo morando próximos, quase não se veem nos dias de semana. As atividades que o futebol desencadeia também fazem parte do lazer nesse “pedaço”. Ressalto aqui a contribuição de Simmel (1983), que define e trabalha com os termos “sociação” e “sociabilidade”. É neles que me amparo para a leitura dos dados aqui apresentados, uma vez que o entendimento desses conceitos considera a centralidade e o protagonismo dos sujeitos na formação e manutenção de vínculos, fato central na pelada dos veteranos.

Gonçalves (2002) também trabalha com a noção de sociabilidade e propõe o futebol amador como um campo próprio e emergente para pesquisas que intentam trabalhar nessa direção. Assim como no caso do Morro do Papagaio, a pesquisadora mostra as diferentes formas de apropriação e vivência do futebol amador, e em todas elas há sociabilidade entre os envolvidos.

Este capítulo buscou detalhar como o futebol comunitário se coloca como uma

alternativa para atividades de lazer no Parque Jornalista Eduardo Couri e para os moradores do Morro do Papagaio que frequentam o Parque neste “pedaço” e “circuito” futebolístico. Assim, as diferentes facetas do futebol comunitário, a sociabilidade que ele permite e os usos de lazer adjacentes desencadeados foram objetos de estudo. Saliento que ainda existem aspectos de atividades de lazer que não foram abordados, mas que podem e merecem compor estudos futuros.

## 4 PROINTER

Há o futebol de várzea muito forte entre as mulheres e que não aparece em lugar algum. Não se fala sobre ele. Precisamos visibilizar, mostrar que há um protagonismo. (Silvana Goellner, 2018).

O Prointer é um clube de futebol amador sediado no Aglomerado Santa Lúcia. Ainda quando atuava como professor no Esporte Esperança no ano de 2012, pude perceber a relevância desse clube para a comunidade e para o futebol amador na cidade de Belo Horizonte. Esse foi um dos fatores motivadores para a realização desta pesquisa.

De certa forma, a minha entrada no campo de pesquisa se deve, também, ao Prointer. Ainda em 2017, acompanhei os treinos do time todas as quarta-feiras e sexta-feiras à noite. Auxiliei esses treinamentos de forma pontual em alguns momentos. Com essa aproximação, acabei sendo convidado pelo Sr. Evaristo, em 2018, a colaborar como integrante da comissão técnica do clube durante a Taça das Favelas, fato que será analisado mais detalhadamente a seguir.

Entendo que esse momento inicial foi importante para compreender a dinâmica de funcionamento da equipe e ratificar minha noção acerca da notoriedade do clube para o Aglomerado Santa Lúcia. Posteriormente, o trabalho de pesquisa de campo ficou reservado para os finais de semana, como está descrito na Metodologia. Mas esse período contribuiu para o entendimento de que deveria haver um espaço dedicado ao Prointer nesta tese.

Por isso, neste capítulo, farei uma análise das entrevistas com as jogadoras que atuaram pelo Prointer no período de realização da pesquisa, bem como da entrevista com Sr. Evaristo, dirigente do clube. Além das entrevistas, outros dados que compõem este capítulo são as observações e seus subsequentes registros no caderno de campo. Alguns diálogos que presenciei e transcrevi no mesmo caderno (sem a identificação dos interlocutores) também fazem parte dos dados sobre o Prointer aqui apreciados.

Primeiramente, buscarei apresentar o futebol feminino do Prointer e o forte sentimento de representação e pertencimento que o clube desempenha na comunidade do Morro

do Papagaio. Entendo que, neste caso, o pertencimento vai além do pertencimento clubístico, pois agrega outras características que compõem a relação comunidade-clube. Um detalhe interessante e que merece ser ressaltado é o de que o papel de representação é protagonizado pela equipe feminina. Na maior parte dos outros contextos futebolísticos ou em outras comunidades, as equipes femininas têm menor projeção, visibilidade e reconhecimento do que as equipes masculinas.

Outra abordagem fundamental deste capítulo é analisar a centralidade, a força e as características do futebol de mulheres para a comunidade do Morro do Papagaio. Por meio dessa conjuntura foi possível, também, evidenciar as dificuldades e os desafios enfrentados pelo futebol feminino no Brasil e fazer uma reflexão sobre essa questão. Fiz essa análise ampla, porque os diferentes formatos de futebolis femininos se confundem e se entrelaçam por vários momentos. Isso deu vazão à reflexão acerca de uma atividade que oscila constantemente entre as realidades de um futebol dito “profissional” e de um futebol amador.

#### **4.1 O Prouter e o pertencimento comunitário**

O Prouter foi fundado em 1975. Inicialmente, o nome escolhido foi “Inter”, mas, segundo o Sr. Evaristo, houve uma impossibilidade de registrar o clube com esse nome. Dessa maneira, a segunda opção de nome foi a adotada, “Prouter”.

Desde a sua fundação e o seu registro no cartório e na Federação Mineira de Futebol (FMF) até o ano de 1997, o Prouter possuía somente equipes masculinas no quadro adulto e nas categorias inferiores (de base). Atualmente, porém, o Prouter não tem atualmente uma equipe masculina para participação em torneios e jogos amistosos.

O Prouter já foi campeão da Copa Itatiaia. É um clube grande! Ele é uma marca importante no futebol amador de Belo Horizonte. E é aqui do Morro... Agora... estamos tentando refazer o time masculino. O Evaristo “leva” bem o feminino, mas ele sozinho não dá conta de manter os dois quadros. Aí nós vamos ajudar a reorganizar o time masculino do Prouter. (Urbano, morador do Morro e irmão do presidente da Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia, em conversa com o pesquisador).

Por meio da fala do Urbano, é possível perceber que existe orgulho do Prouter e de esse clube ser do Morro do Papagaio. Há uma preocupação em retomar o quadro

masculino, porém a desmobilização da equipe masculina permitiu que o protagonismo de representatividade do Morro fosse assumido pela equipe feminina.

Como dito, a equipe feminina do Prointer teve início no ano de 1997. Desde o início, a iniciativa foi encabeçada pelo Sr. Evaristo, que até os dias de hoje dirige a equipe. O Prointer é o clube amador de maior representatividade na comunidade e o que tem maior projeção fora do Morro do Papagaio. Essa característica é perceptível pelo volume de torcida que o time consegue mobilizar e pelo entusiasmo do acompanhamento de pessoas da comunidade e de outros locais.

Isso ficou evidente, porque eu sempre realizava uma rápida contagem das pessoas que estavam acompanhando os jogos na arquibancada do campo novo ou em pé junto aos alambrados. O maior número de pessoas presentes nos jogos do Prointer era de fácil percepção visual, mas o hábito de contar o número de pessoas me permitiu verificar e registrar que esse aumento de torcedores nos jogos do Prointer girava em torno de 50 pessoas.

É provável que esse fato seja explicado também pelo “peso” do jogo. Quase todos os jogos do Prointer eram validados por algum torneio, enquanto vários outros jogos que aconteciam aos finais de semana tinham caráter amistoso. Outro ponto importante é que existia uma grande circulação de pessoas nos arredores dos campos, então é possível que alguns frequentadores do Parque Jornalista Eduardo Couri aos finais de semana poderiam sair durante um período e retornar depois, ou mesmo assistir apenas ao início da partida e ir embora em seguida. De toda maneira, era visível a maior aglomeração de pessoas quando o Prointer jogava, fato que revela a sua importância para a comunidade. Avaliei, portanto, que não poderia deixar de fazer uma análise deste sentimento dos moradores, que proponho identificar como **“pertencimento comunitário”**.

Figura 17: Time do Pointer no campo novo em 2018



Foto: Instagram do Pointer (@pointer\_fc)

Para introduzir a ideia, analisar e compreender como se dá o papel desempenhado pela equipe do Pointer, é pertinente tratar de conceitos que levaram à interpretação do pertencimento comunitário.

O primeiro é o conceito de pertencimento clubístico, cunhado por Damo (2007). Esse conceito passa por perceber o futebol como uma forma de linguagem na qual os torcedores lançam mão desse recurso, de uma forma simbólica, permitindo seu encontro e sua socialização (DAMO, 2007). Ao entender o futebol dessa maneira, identifica-se o sentimento oriundo dessa socialização dos torcedores, expresso pelo vínculo formado entre os indivíduos e o seu clube. O pertencimento clubístico

específica, no espectro do torcer, um segmento de público militante, não necessariamente pela frequência aos estádios, nem mesmo pelo vínculo a grupos organizados, mas pelo engajamento emocional. À diferença dos simpatizantes, que escolhem os times para os quais irão torcer conforme a circunstância, e por vezes as conveniências, razão pela qual o envolvimento raramente se estende para além do jogo, os aficionados seguem uma mesma agremiação durante a vida, estendem as emoções vividas no espaço-tempo do jogo para além dele e por vezes são capazes de atitudes tidas como irracionais. Ainda que usados seguidamente como sinônimos, torcer e pertencer não são exatamente o mesmo. O primeiro serve tanto para as adesões duradouras quanto as eventuais, ao passo que o pertencimento denota uma modalidade de envolvimento propriamente intensa, equivalente ao que os nativos caracterizam como “torcedor fanático”, “doente”, “cego”,

etc. (DAMO, 2007, p. 52).

Temos, assim, o pertencimento clubístico como um sentimento de relação intensa com o clube, uma espécie de “engajamento emocional”. Nesse sentido, o engajamento é necessário para que o torcedor possa sentir e viver plenamente todas as sensações que o futebol pode lhe propiciar (NETTO, 2012).

Entendo, porém, que o pertencimento clubístico não consegue explicar totalmente o que observei no caso dos torcedores do Prointer moradores do Morro do Papagaio. Há, no futebol profissional, alguns casos que ilustram este limite do conceito de pertencimento clubístico. Goig (2009), por exemplo, aponta que, na Espanha, o sentimento de pertencimento vai além da questão clubística e passa pela constituição do Estado espanhol e de seus diversos territórios. Nesse sentido, grandes clubes espanhóis – notadamente, Barcelona, Real Madrid e *Athletic* Bilbao – representam também interesses étnicos, territoriais e políticos. As diferenças linguísticas e o histórico político espanhol (regime monarquista, período ditatorial de Franco) são os principais motes de análise de Goig (2009) em seu trabalho.

Ciente dessas realidades no futebol, recorro a um segundo conceito, que, combinado ao primeiro, forma o que chamo de “pertencimento comunitário” – este, sim, aproxima-se do objetivo analítico desta seção. Esse segundo conceito é o de topofilia: nele existe o entendimento de que o sujeito nutre um sentimento de pertença, afinidade e gosto por um local, que pode ser uma cidade, um bairro ou até mesmo um equipamento urbano, como parques, estádios, sedes de clubes ou empresas (TUAN, 1980). Segundo esse conceito, os sentimentos nutridos por esses locais materiais os transformam em lugares. Tuan (1980, p. 108) afirma que a topofilia “são os laços afetivos criados pelos humanos com o meio ambiente material”.

Assim como o conceito de pertencimento clubístico, entendo que trabalhar com o conceito de topofilia é profícuo, uma vez que os moradores do Morro do Papagaio demonstram de forma recorrente que existe orgulho em fazer parte dessa comunidade, sendo o Prointer uma das formas de expressão desse orgulho. O breve trecho a seguir demonstra que a torcida pelo Prointer se confunde com a torcida pelo sucesso da própria comunidade.



Aí, Evaristo! Dessa vez “cês” têm que trazer a taça pro Morro, hein!  
(Morador do Morro do Papagaio se dirigindo ao Sr. Evaristo antes da final da Taça das Favelas de 2018 – Registro do caderno de campo. 28/04/2018).

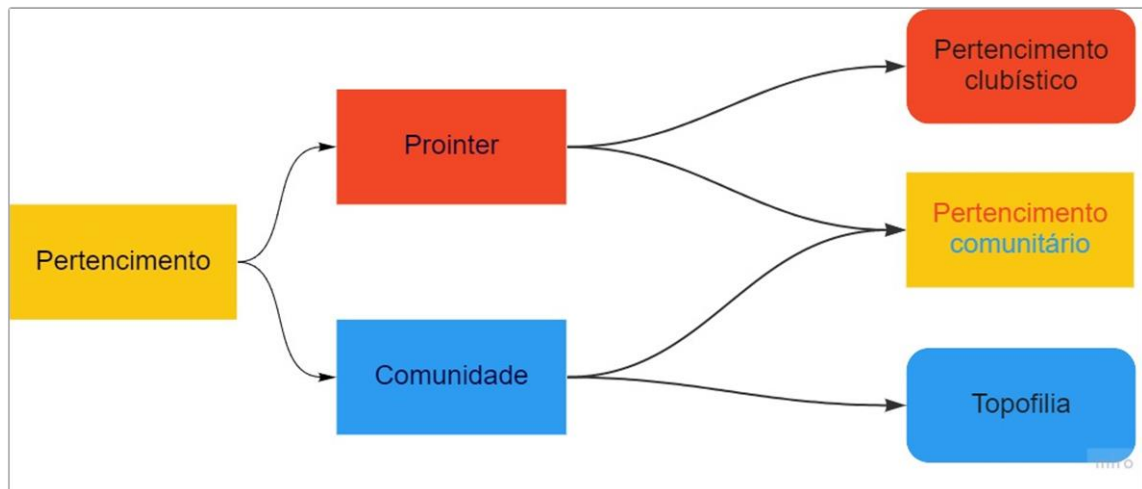
Portanto, o que proponho é que, para analisar os clubes comunitários, façamos uma junção dos conceitos de pertencimento clubístico e topofilia. Não se trata apenas do primeiro, pois a observação não permite dizer que os torcedores se encaixam nele. Tampouco se trata apenas do segundo, pois o clube também é fundamental nesta equação. Temos, portanto, a ideia do pertencimento comunitário.

É importante dizer que a expressão “pertencimento comunitário” já existe e é utilizada. Na maior parte dos trabalhos com os quais entrei em contato, contudo, esse termo diz respeito a populações de migrantes em outros países ou territórios. Nesse sentido, a ideia de pertencimento comunitário se volta para afinidades ligadas à nacionalidade ou à regionalidade dos sujeitos, sendo estudadas as formas que essas pessoas encontram para expressar simbolismos e ritos de seus locais de origem. Assim, surgem ações que promovem o encontro de pessoas oriundas de um mesmo local, a fim de fazer comidas típicas e falar a língua materna, por exemplo (SPESSATTO, 2011; SANTOS, 2014).

Um trabalho sobre futebol que se aproxima da ideia de pertencimento comunitário sem, no entanto, utilizar tal termo, é o de Cordeiro (2017). Esse pesquisador investigou, no programa Ciência sem Fronteiras, estudantes que viam no futebol uma forma de se aproximar de pessoas de seu país de origem e auxiliá-las no enfrentamento da dificuldade que é estar distante dos familiares.

O esquema a seguir mostra, de forma resumida, diferenças e semelhanças entre os conceitos apresentados nesta seção. Também demonstra como o conceito de pertencimento comunitário possibilita um diálogo entre o pertencimento clubístico e a topofilia.

Figura 18 – Clube, comunidade e pertencimento comunitário.



Fonte: Elaborado pelo autor.

As entrevistas e algumas falas que anotei ao longo da pesquisa de campo ajudam a compreender a existência do pertencimento comunitário em relação ao Printer. Começo apontando o apoio ao time em algumas ações que visavam à arrecadação de dinheiro para a manutenção da equipe. Durante a pesquisa, o evento Samba na Barragem aconteceu duas vezes. Neles havia a venda de bebidas e espetinhos de churrasco, além de música ao vivo. Todo o dinheiro arrecadado era destinado ao pagamento de inscrição em torneios, compra de material para jogos e treinos, pagamento de transporte para as jogadoras e outras despesas. Nos dias em que essas ações foram realizadas, percebi a intensa participação da comunidade; foi nítido o maior trânsito de moradores nos arredores dos campos em comparação aos fins de semana sem mobilização. A maioria desses moradores dava preferência para consumir na Cantina do Printer.

Figura 19: Divulgação do Samba na Barragem



Fonte: Instagram do Printer (@printer\_fc)

Outro fator que leva à percepção de pertencimento comunitário são os dias de jogo de final de campeonato e os jogos contra clubes de camisa<sup>45</sup>. Interpreto que, nesses jogos, a experiência torcedora dos moradores do Morro do Papagaio se torna ainda mais intensa.

Cito, em especial, dois momentos relevantes nesse sentido. Um deles foi uma partida entre o Printer e o América pela Copa BH de Futebol Feminino no ano de 2018. O jogo aconteceu em um domingo; havia grande movimentação de pessoas e a expectativa em torno da partida era grande. Antes de o jogo começar, as arquibancadas já estavam sendo ocupadas. A ansiedade era aumentada pela rivalidade entre os dois clubes, que vinham se enfrentando em muitas finais em um curto período de tempo.

Percebi neste domingo que, quando se aproximava o horário do jogo do Printer, as arquibancadas do campo novo da Barragem ficavam mais cheias. Novamente, seguindo aquela mesma rotina. As partes superiores, que ficam à sombra das mangueiras, são ocupadas primeiro. Muitas pessoas trajadas com a camisa do Printer. Quando as jogadoras estenderam uma grande bandeira do clube no alambrado, oposto à arquibancada, houve comemoração como se fosse um gol. (Trecho do caderno de campo, 20/05/2018.)

Por meio desse relato, percebo que há entusiasmo por parte dos

---

<sup>45</sup> Essa expressão é utilizada para falar dos clubes de futebol profissional tradicionais que possuem, além da equipe masculina, um time feminino.

moradores/torcedores do Morro em enfrentar uma equipe que possui mais recursos. A dificuldade nesse enfrentamento parece proporcionar um engajamento ainda maior. O fato de a bandeira ser pendurada e receber efusivo apoio por parte da comunidade revela, também, a questão do pertencimento comunitário e da representação. Parece haver o entendimento de que, por ser o Prointer um clube da comunidade, a bandeira exibida no campo da comunidade deve ser a do Prointer. Uma espécie de “demarcação de território”.

Outro jogo marcante foi o da final da Taça das Favelas, em 2018. Durante esse torneio, fui convidado pelo Sr. Evaristo para ser o auxiliar técnico do Prointer. Assim, estive presente no congresso técnico e em todos os jogos, até mesmo naqueles que aconteceram em outro campo (como o do Complexo Poliesportivo do Vale do Jatobá, na regional Barreiro, em Belo Horizonte).

Faz parte do regulamento do campeonato que as equipes levem o nome da comunidade de onde se originam, e não do clube. Dessa forma, o Prointer jogou representando o Aglomerado Santa Lúcia. Os uniformes cedidos pela CUFA que organiza o campeonato, faziam menção somente ao nome da favela e a alguns patrocinadores do evento. A campanha do time foi boa: levou-o até a final contra a equipe do Aglomerado Alto Vera Cruz.

Figura 20: Time do Prointer/Aglomerado Santa Lúcia e alguns torcedores da comunidade aguardando o início de uma partida – Taça das Favelas 2018.



Fonte: Registro feito pelo autor.

A partida foi realizada no dia 29 de abril de 2018, pela manhã. A equipe do Prointer chegou em um ônibus que, além das jogadoras, estava cheio de moradores do Morro do Papagio para torcer pela equipe. A torcida me chamou a atenção, pois fazia muito barulho e incentivava bastante durante o jogo. O tipo de apoio e o volume dos gritos faziam parecer que estavam em um número maior do que de fato se apresentava. Depois do resultado de 0 x 0 no tempo normal de partida, o troféu foi disputado por meio de cobranças de pênaltis.

A equipe do Prointer perdeu as penalidades por 5 x 4 e terminou com o título de vice. Ao receberem a premiação, as jogadoras foram aplaudidas pelas pessoas da comunidade que estavam presentes. Essa atitude emocionou parte delas. O Prointer terminava a Taça das Favelas, mais uma vez, na segunda colocação<sup>46</sup>.

Creio que o fato de o torneio ter um forte cunho de representação das favelas também ajudou no estreitamento de laços entre a comunidade e a equipe. A experiência que tive como membro da comissão técnica me fez recordar de um rapaz, morador do

---

<sup>46</sup> Na Taça das Favelas do ano de 2017, o Prointer também jogou pelo Aglomerado Santa Lúcia e ficou na segunda colocação, perdendo a final para o Aglomerado Alto Vera Cruz.

Morro do Papagaio, que sempre estava presente para auxiliar o Sr. Evaristo em tarefas do cotidiano da equipe. No início da pesquisa de campo, momentos antes de um treino do Prointer, conversando comigo, ele disse o seguinte:

Eu acompanho esse time aonde for jogar. Esse time representa essa favela, essa comunidade aqui... Aí eu faço o que eu posso para ajudar, né. “Seu” Evaristo faz coisa demais, aí eu ajudo... Vamo ali comigo arrumar as redes do gol? (Morador do Morro do Papagaio. Registro de caderno de campo. 25/02/2018.)

É interessante o uso do termo “representação” para designar a retratação da comunidade por uma equipe de futebol. Holanda (2009) apresenta essa ideia recorrendo inicialmente a conceitos da dramaturgia teatral. O autor inicia sua reflexão com referência às peças teatrais: nelas há a representação de determinados grupos da sociedade. Seguindo o raciocínio, passa a discorrer acerca de representação “fabricada” midiaticamente. E, finalmente, aborda o viés esportivo de representação, no qual torcedores e líderes de torcidas representam um grupamento maior, tendo, portanto, de assimilar e reproduzir determinados gestos e símbolos que identificam a coletividade. Ao mesmo tempo, os próprios clubes podem assumir esse papel de representação, como na sua forma de jogar, que representa a maneira como sua torcida exalta e valoriza a prática do futebol. Cabe, ainda, ressaltar que essas formas de representação são escolhidas levando-se em conta os sentidos simbólicos que o sujeito ou a entidade representante carregará consigo (HOLLANDA, 2009).

Em algumas falas das entrevistas realizadas com o Sr. Evaristo e com as ex-jogadoras do Prointer, foi possível identificar uma especificidade existente em relação à participação na Taça das Favelas e à representação de uma comunidade. Temos como exemplo disso a resposta da ex-jogadora Carol, que relembrou quando a Taça das Favelas fora disputada no campo novo da Barragem Santa Lúcia, no ano de 2017:

Eu acredito que a comunidade abraçou sim, bastante... principalmente na Taça das Favelas, você via que o campo ficava bem cheio. E a gente podia ver também que tinha muitas meninas interessadas pelo futebol... Crescendo ali, batendo bola e tudo mais... Então a gente sempre teve muito apoio da comunidade em volta... do Morro do Papagaio. A Taça das Favelas eu diria que foi um grande evento sim, e que uniu bastante as pessoas da comunidade. É uma coisa que a gente tem que se agarrar ao máximo... (Entrevista, Carol, ex-jogadora do Prointer).

Já na entrevista com o Sr. Evaristo, o dirigente do Prointer apontou a questão do apoio

da torcida. Sua observação dos jogos aos finais de semana no campo da Barragem Santa Lúcia revelou a existência de uma grande adesão por parte dos moradores da comunidade, fato que corrobora as observações feitas na pesquisa *in loco*, registradas no caderno de campo:

A relação é boa. A relação é ótima com a comunidade. Não tem nenhum problema, não. Dia de domingo, por exemplo, o campo enche. Fica lotada essa arquibancada aí todo domingo. (Entrevista com Sr. Evaristo, dirigente do Prointer).

Gomes (2013) também aponta esta forma de apoio por parte das comunidades que abrigam clubes amadores. O futebol comunitário é visto pelas pessoas que residem nas favelas como um acontecimento importante no cotidiano desses espaços (GOMES, 2013). Por isso, creio que essa dinâmica seja uma realidade em diversos aglomerados do país e que essa relação seja construída por diferentes fatores, como a possibilidade de vivência de um lazer relativamente barato, próximo de casa, não demandando grandes deslocamentos, com grande afeição por parte de muitos brasileiros (o futebol) e, claro, como exposto, pela identificação dos clubes amadores com suas comunidades.

## 4.2 O Prointer e os desafios de um futebol diletante

Eu nasci em 78, vivi bastante os anos 80 e posso dizer que pouco mudou de lá pra cá, mas olha isso: em 2021 os gastos totais (no ano) de um time feminino são em média de R\$ 100 mil. Valor menor do que o investimento em um único jogador do futebol masculino nos anos 80. (Formiga, atleta da Seleção Brasileira de Futebol, 2021).

Enxergar o futebol feminino no Brasil como um futebol que caminha entre o profissionalismo e o amadorismo é compreender que existem inúmeros desafios e dificuldades que precisam ser enfrentados.

A pesquisa de campo sobre o contexto esportivo do futebol praticado por mulheres aconteceu antes e durante a implantação das novas determinações da Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol). No ano de 2017, a Conmebol anunciou que para que as equipes masculinas dos clubes sul-americanos pudessem participar das competições por ela organizada, deveriam ter também equipes femininas, até o ano de 2019, no máximo. Essas determinações estabeleceram sensíveis alterações no

cenário do futebol praticado por mulheres no Brasil. Buscarei sempre pontuar essas nuances ao longo desta seção.

A transição para o novo modelo impactou, também, a realidade do futebol em geral. A busca por atletas aumentou notadamente, uma vez que os clubes deveriam montar rapidamente suas equipes femininas. Assim, um dos locais possíveis para o “recrutamento” destas jogadoras eram equipes já existentes: as equipes de futebol amador.

Percebi, então, que esse aquecimento no mercado de jogadoras de times de comunidades aconteceu também em Belo Horizonte. E foi em meio a esse cenário que a maior parte dos dados aqui apresentados foram coletados. Nesse sentido, aponto aqui os relatos, as observações e as transcrições de conversas que basearam minha análise acerca do futebol praticado por mulheres na várzea e que permitem extrapolar para uma apreciação do futebol feminino no Brasil de forma ampla.

Isso posto, proponho, nesta seção da tese, a realização de uma reflexão que o Prointer suscitou ao longo da pesquisa. Entendo o futebol praticado por mulheres no Brasil, tanto o comunitário quanto o profissional, como um futebol **diletante**<sup>47</sup>. Minha interpretação nesse sentido é de que as jogadoras das equipes de futebol ainda vivenciam situações que ora as aproximam de uma realidade profissional, ora as mantêm nas particularidades do futebol amador.

Em um estudo histórico, Mayor (2017) aponta situação semelhante em relação ao futebol praticado por homens em Belo Horizonte nas décadas de 1930 e 1940. A autora nos mostra, em seu trabalho, o momento de transição do futebol amador para o futebol profissional na cidade. É interessante perceber que, naquele contexto, também havia uma justaposição das diferentes formas de vivenciar o futebol. Para fazer essa análise, a autora obteve dados em periódicos da época, identificando a

---

<sup>47</sup> Nas artes plásticas e na música, diletante é aquele que tem a arte como modo de vida ou que é aficionado pela arte. Não é um profissional do mundo artístico, porém tem tamanho apreço por esse universo que não pode ser considerado um mero admirador. Pode atuar como consumidor e produtor de arte. Lanço mão desse conceito, porque entendo que há paralelos com o futebol feminino no Brasil. Neste capítulo, trato especialmente do caso do Prointer, porém esta parece ser a realidade de diversas outras equipes “diletantes” de futebol de mulheres em nosso país.



existência de jogadores “profissionais com alma de amadores” e “profissionais com alma de amadores” (MAYOR, 2017, p. 249).

Figura 21: Escala: futebol profissional/amador. O diletantismo do futebol feminino no Brasil.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Partindo dessa percepção, a ideia é de que ainda não existe uma equipe de futebol feminino no Brasil que possamos considerar completamente profissional ou totalmente amadora. Estamos passando, portanto, por um momento de transição e ambiguidades, como o experimentado na modalidade masculina na primeira metade do século XX. Os fatos observados e as entrevistas realizadas também ajudaram nesse entendimento. Em resumo, as equipes femininas de futebol não estão estáticas nos extremos da barra amador/profissional, mas se encontram em oscilação dentro da barra graduada de diletantes.

Já abordamos a primeira observação neste sentido: a decisão da Conmebol que impactou o cenário do futebol feminino. Um exemplo desse impacto foi percebido no Campeonato Mineiro. O Prontier, por várias edições, até o ano de 2017, disputava o Campeonato Mineiro feminino profissional juntamente com os outros clubes de camisa. Os dois com mais participações até então eram o América e o Ipatinga.

Já no campeonato de 2017, o Prontier teve bastante dificuldade para participar, pois começou a exigência de que os clubes participantes fossem os responsáveis pela disponibilização de ambulância e equipe médica em todos os seus jogos como mandantes.

O último ano antes de ter só os times profissionais já teve que ter ambulância. Exigiam dos amadores ter ambulância... Nós tivemos um problema danado para conseguir a ambulância... Os médicos... De lá pra cá terminou tudo mesmo... Agora são só os times profissionais no Mineiro. (Entrevista Sr. Evaristo, 29/11/2020).

Como apontado pelo Sr. Evaristo, com a formação das equipes femininas dos clubes de camisa, o Campeonato Mineiro ficou restrito aos times com melhor estrutura. No ano de 2020, por exemplo, foi reduzido à participação dos clubes Atlético Mineiro, América, Cruzeiro e Ipatinga<sup>48</sup>. A seguir, a comparação entre as equipes que disputaram o torneio em 2015 e 2020:

Figura 22: Comparativo entre Campeonato Mineiro Feminino 2015 e 2020.

FEMININO - 2015			FEMININO - 2020		
Grupo A			#	Equipe	
1		AMÉRICA	1		ATLÉTICO
2		PROINTER FC	2		CRUZEIRO
3		NACIONAL FC	3		AMÉRICA
4		REAL EC	4		IPATINGA
Grupo B					
1		IPATINGA			
2		MANCHESTER FC			
3		INTERNACIONAL F.C			
4		ASSOCIACAO E BOLA DE FOGO			

Imagem elaborada pelo autor – Fonte: fmf.com.br

Fica nítida a presença de vários times amadores no ano de 2015, em detrimento da ausência deles no ano de 2020. A observação que faço sobre esse cenário é de que os clubes amadores eram bem-vindos para integrar o Campeonato Mineiro profissional feminino somente pela falta de um maior número de equipes para realizar o torneio. Com o aumento do número das equipes femininas dos clubes de camisa, essa participação deixou de ser necessária. Assim, houve o aumento de exigências para a inscrição dos clubes, o que acabou inviabilizando a presença dos amadores no campeonato.

Aqui está mais um ponto que evidencia o caráter diletante das equipes femininas dos

<sup>48</sup> O histórico dos Campeonatos Mineiros de Futebol Feminino pode ser acessado no *site* da FMF pelo link: <http://fmf.com.br/Competicoes/ProxJogos.aspx?d=7>

clubes de futebol amadores e profissionais. Entendo que deveria haver subsídio por parte da federação e dos clubes profissionais para que fosse dada continuidade na participação dos clubes amadores.

Pode-se considerar também o início da realização recorrente de torneios de futebol femininos: ainda são poucos anos desde a implementação e a atividade de muitas equipes, portanto, penso que um campeonato com mais equipes e mais datas seria importante. Como coloca Goellner (2018), é necessário dar visibilidade ao futebol praticado por mulheres, e essa visibilidade passa, também, pela organização de mais torneios e por um calendário preenchido com mais jogos.

Outro aspecto que cabe analisar é a parceria estabelecida entre o Prointer e o Atlético Mineiro. Em razão da determinação da Conmebol, o Atlético buscou o Prointer para a formação da sua equipe feminina de futebol. Nesse fato existem três pontos principais a serem analisados. O primeiro é em que medida essa parceria entre os clubes impactou a vida futebolística das jogadoras. Na fala das ex-jogadoras do Prointer que concederam entrevistas para esta pesquisa, percebi que a experiência de parceria com o Atlético proporcionou a elas uma rotina mais intensa de treinamentos. Dessa maneira, permitiu que grande parte delas pudesse avaliar se a carreira de atleta era realmente o seu objetivo profissional. Além disso, muitas delas, pela primeira vez, conseguiram ganhar recursos financeiros por meio do futebol.

Na questão individual de cada atleta, trouxe oportunidade para as atletas que foram lá, de se lapidar, de trabalhar mais no futebol... o individual de cada uma. E quem quis e quem talvez não teria uma oportunidade, teve... Agora, algumas meninas continuaram... outras não... foi uma experiência muito boa para as meninas assim... eu acho que trouxe um esclarecimento maior sobre o que elas realmente querem com o esporte, com o futebol. (Bárbara, ex-jogadora do Prointer, 03/02/2021).

O segundo ponto é o que a parceria acarretou para o Prointer. Além da visibilidade com a notícia divulgada pela imprensa, o clube conseguiu formar um novo time rapidamente, pois o número de jogadoras querendo ingressar nele foi alto. A ex-jogadora Marcelly relatou que também avalia que, com a parceria, o Prointer se consolidou como referência no futebol amador feminino e, ao mesmo tempo, passou a ser procurado por muitas jogadoras de todas as partes de Belo Horizonte com o intuito de se tornarem profissionais.

Avalio que foi bom para o Prontier, pois ele se tornou um clube referência dentro do futebol amador. Para as meninas que almejam esse sonho de conseguir ir para uma equipe profissional é ótimo passar pelo Prontier. Então eu acho que foi bom, porque deu uma visibilidade bem maior para o clube... e espero que isso continue. (Marcelly, ex-jogadora do Prontier. 07/01/2021).

Contudo, observei e avaliei, durante a pesquisa de campo, que o Atlético Mineiro poderia ter auxiliado o Prontier de forma mais efetiva – por exemplo, com doações de material esportivo e outros recursos, que, segundo o Sr. Evaristo, são as maiores dificuldades na manutenção da equipe. Essa visão é compartilhada pela ex-jogadora Bárbara, que pontuou que

a parceria trouxe uma visibilidade... A gente não pode negar que teve, mas eu acho que faltou um pouco mais de apoio do Atlético em questão da parceria, no meu ponto de vista... Dar um suporte para o Prontier, acho que deixou o Prontier um pouco de lado. A instituição Prontier, né... (Bárbara, ex-jogadora do Prontier, 03/02/2021).

O terceiro ator dentro dessa parceria é o próprio Atlético. A meu ver, o clube foi o principal beneficiado, pois conseguiu sanar uma exigência (que não deveria ser um “problema” para o clube) que, se não cumprida, acarretaria a impossibilidade de o elenco masculino ingressar em algumas competições. Além disso, fez a parceria com um custo baixo e sem demandar um período de montagem da equipe, visto que o time do Prontier já estava formado.

A visibilidade do time é uma questão muito pontuada, porém faço uma ressalva em relação a ela. Ainda defendendo e recorrendo à ideia do caráter diletante do futebol praticado por mulheres no Brasil, o acompanhamento e a divulgação da modalidade por parte da mídia refletem essa realidade oscilante. A cobertura ficou muito aquém da que poderia ter sido feita. Esta falta de visibilidade ocorre para os clubes e torneios profissionais, mas, no caso dos clubes amadores, como o Prontier, isso se torna ainda mais problemático.

Entendo, assim como Goellner (2013), que o interesse da imprensa pelo futebol feminino, tanto no Brasil quanto em outros países, é pontual, ocorrendo apenas em jogos decisivos ou torneios como Copa do Mundo e Olimpíadas – e, ainda assim, de forma pobre, promovendo a manutenção da invisibilidade da mulher no esporte e não

abordando os problemas que a modalidade precisa superar (GOELLNER, 2013).

Em outro estudo, Oliveira e Maldonado (2020) analisaram as publicações sobre o futebol praticado por mulheres na revista *Placar* entre os anos de 1980 e 2020. As principais observações obtidas revelaram um discurso recorrentemente marcado pela discriminação da mulher no futebol, além de matérias explorando a erotização e a sexualização das jogadoras no Brasil (OLIVEIRA; MALDONADO, 2020).

Essa cobertura problemática por parte da imprensa também foi observada no caso do Prontier: a parceria com o Atlético muitas vezes foi divulgada mostrando o Prontier como clube que seria “o grande beneficiado” por uma “louvável iniciativa do clube profissional”, o que não correspondia precisamente ao que aconteceu. Essa visibilidade, além de distorcida, foi efêmera, pois não se manteve no mesmo nível de recorrência as notícias sobre a equipe feminina do Atlético, tampouco o cotidiano do Prontier ou dos demais clubes amadores passou a ser noticiado após essa ação.

Outro aspecto que não pode ser desconsiderado, especialmente quando estamos falando de clubes comunitários, é a questão racial. O Prontier, como grande parte das equipes comunitárias, é formado por muitas mulheres negras. Esse fato vem sendo um dificultador para que as equipes e as jogadoras de comunidades consigam avançar na escala diletante em direção ao esporte profissional no Brasil.

O porquê de a questão racial ser um fator relevante é apontado por Goellner (2018), que explica que cada vez mais o futebol praticado por mulheres espetacularizado (que oscila mais próximo do profissional) tem desejado equipes e jogadoras com determinado perfil, acarretando até mesmo o embranquecimento da Seleção Brasileira de Futebol Feminino. Por trás disso existe a erotização dos corpos das jogadoras, fazendo com que o corpo negro seja indesejado e, conseqüentemente, rejeitado, visto que estamos em uma sociedade marcadamente racista. Segundo Goellner (2018, p. 173),

esse processo vem ocorrendo desde a década de 1980. Acredito que a erotização do futebol praticado por mulheres, recorrente em nosso país, vem do interesse mercadológico de atrair mais patrocínio, mais público. Uma das

perspectivas que dá para observar na história do futebol feminino em nosso país é a valorização de uma dada representação de beleza que começa a ser utilizada para, digamos assim, “vender” o futebol. É importante ressaltar que, em alguns momentos históricos, as jogadoras tinham visibilidade somente por essa razão. A mídia, em grande medida, tenta normatizar as atletas a partir de uma erotização de seus corpos. Por vezes, fala-se muito mais da beleza ou da ausência de beleza das jogadoras do que de seus aspectos técnicos e táticos, de suas habilidades e de suas potencialidades no jogo. Então, essa ideia de embranquecimento, essa referência de que o futebol feminino, hoje, é praticado por “mulheres bonitas”, em comparação com as décadas anteriores, é atravessada pela ideia de transformar a modalidade feminina desse esporte em um produto vendável, comercializável. Mas, a gente não quer a beleza das jogadoras. A gente quer ver o jogo delas. Acrescento ainda o fato de que o racismo no Brasil é uma realidade e, neste contexto, os corpos negros “valem menos”, são subvalorizados.

Em resumo, tudo o que foi apontado ao longo desta seção pode ser entendido como falta de incentivo ao futebol praticado por mulheres. Vasques *et al.* (2010) sinalizam que a expressão “falta de incentivo” é a mais recorrente nas falas de jogadoras dos mais diversos níveis de profissionalismo e de inserção no esporte. Os autores mostram que até mesmo as atletas da Seleção Brasileira de Futebol Feminino têm como única fonte de renda o Bolsa Atleta no valor de R\$ 2.500,00, sendo poucas as jogadoras que possuem um salário que as permite se manter somente com a prática do futebol.

Apesar do tempo decorrido desde a publicação do trabalho de Vasques *et al.* (2010), entendo que a situação real das jogadoras no Brasil evoluiu pouco, se considerarmos que o futebol é o esporte de maior apelo popular e que movimenta as maiores quantias de dinheiro anualmente.

Ainda segundo a análise dos autores, quando perguntadas a respeito de um possível abandono da carreira e o que motivaria essa decisão, a falta de apoio e as lesões foram as respostas mais recorrentes (VASQUES *et al.*, 2010). Porém é interessante lembrar que o próprio fato de uma lesão poder desencadear o abandono da carreira possivelmente revela uma falta de apoio a essas atletas. Vasques *et al.* (2010, p. 21) afirmam que:

as que pretendem seguir carreira podem enxergar barreiras como a dificuldade, o surgimento de algo melhor, falta de patrocínio, falta de apoio e falta de incentivo como possíveis causas de abandono. Os depoimentos de atletas da seleção brasileira de futebol feminino reforçam que elas gostariam de viver do futebol no próprio país sem ter, que muitas vezes, exercer outra atividade para complementar a renda.

Com essas situações postas como exemplo, reafirmo a tese do diletantismo existente no cenário do futebol feminino no Brasil. Esse fenômeno ocorre tanto em clubes amadores quanto em clubes de camisa.

Após as reflexões aqui feitas, é possível inferir que o futebol feminino no Brasil ainda precisa avançar em muitos pontos, principalmente em mais incentivo de todas as ordens – financeiro, material, midiático e institucional – por parte dos clubes tradicionais, das federações estaduais e da confederação nacional.

O futebol comunitário desempenhou e ainda desempenha um papel importante no cenário futebolístico feminino, pois foi ele que conseguiu, por muitos anos, manter a existência de torneios e de um grande número de atletas jogando futebol, mesmo em condições precárias de trabalho. Mayor (2017, p. 191) aponta a importância que o futebol amador também desempenhou no cenário do futebol masculino em Belo Horizonte durante as décadas de 1930 e 1940:

O paulatino desenvolvimento de um amadorismo popular foi uma das forças propulsoras do profissionalismo. Os sentidos do amadorismo aristocrático das primeiras experiências institucionalizadas do futebol em solo belo-horizontino transformaram-se para atender a outros interesses. O amadorismo manteve-se, mas suas bases fundantes se resignificaram em conformidade com o novo contexto de expansão do esporte. Em termos de visibilidade e poder, pode-se dizer que o profissionalismo se sobrepôs ao amadorismo, que passou a ser compreendido como algo de menor importância.

Com as observações obtidas nesta pesquisa, somadas ao trecho supracitado, podemos inferir que o futebol amador e o seu desenvolvimento podem ser considerados uma espécie de “estágio obrigatório” para alcance de níveis mais avançados de profissionalismo no futebol. Cabe, portanto, continuar as observações, carecendo de análises acadêmicas futuras sobre o futebol feminino, a fim de compreender se é esse processo que a modalidade atravessa nos dias atuais.

Nesta seção da tese, discuti a relevância que o Prointer tem para os moradores do Morro do Papagaio que vivem e se engajam no universo do futebol amador e como essa importância é revelada por essas pessoas. Também propus uma leitura do Prointer como time amador que recebeu e se apropriou de um papel de representação,

possibilitando a expressão do sentimento de orgulho e pertencimento comunitário por parte de muitos dentro da favela.

Além disso, realizei a análise acerca dos desafios, do funcionamento e da organização do Prointer como equipe de futebol praticado por mulheres. Discuti o dilema vivido entre o ônus e o bônus de as jogadoras se aproximarem e adentrarem em uma realidade de futebol mais profissional, e como o caso desse clube comunitário permite uma leitura mais abrangente acerca do futebol praticado por mulheres no Brasil.



## 5 ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA DA BARRAGEM SANTA LÚCIA

Neste capítulo da tese, analisarei as observações feitas em relação à Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia. A escolha por dedicar à Associação uma parte do trabalho se ancora no papel desta em relação ao futebol comunitário para os moradores do Morro do Papagaio e, certamente, para o lazer da comunidade.

Contudo, antes de adentrar na interpretação dos dados coletados para a composição deste capítulo, é profícuo trabalhar alguns conceitos que fazem parte do escopo teórico e que balizaram as análises das informações obtidas. Primeiramente, a ideia de “ação social” de Weber (1979) é pertinente, tanto conceitualmente quanto por representar uma abordagem metodológica de interpretação de um fenômeno social. Para Weber, a ação social é o objeto de investigação dos estudiosos dos indivíduos ou grupos sociais, ou seja, estudiosos da sociedade. Ação social, nesse sentido, consiste nas ações que a sociedade desenvolve e que são passíveis de um trabalho de análise intelectual. Assim, Weber (1979) aponta quatro tipos de ações sociais: a ação social racional com relação a fins (interesses pessoais); a ação social racional com relação a valores (capital); a ação social afetiva (sentimentos); e ação social tradicional (preservação/manutenção cultural).

Vejo, portanto, que no caso da Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia temos o exemplo de dois tipos de “ação social”: a afetiva, que, como o próprio nome diz, é impulsionada por sentimentos (no caso, entendo ser prioritariamente o sentimento de pertencimento comunitário, como vimos no capítulo anterior), e a tradicional, uma vez que a formação da Associação Esportiva aconteceu justamente para auxiliar na manutenção de hábitos e costumes da comunidade (no caso, a preservação dos campos, conforme veremos adiante, e a consequente preservação do futebol amador no local).

Considero oportuno ressaltar, ainda, que para elaborar suas reflexões e o conceito de “sociabilidade”, que é caro a este trabalho, Simmel (1983) parte da mesma premissa de “ação social” elaborada por Max Weber.

Assim, temos na comunidade do Morro do Papagaio a Associação Esportiva da

Barragem Santa Lúcia, aqui entendida como uma “ação social afetiva/tradicional” que desencadeia, ainda segundo Weber (1979), uma “ação comunitária”. Esta “refere-se à ação que é orientada pelo sentimento dos agentes de um determinado grupamento social, de pertencerem a um todo” (WEBER, 1979, p. 215), que entendo descrever a situação vivenciada pelos atores sociais da Associação, do Morro do Papagaio, enfim, do futebol comunitário neste contexto. Percebo a atuação da Associação Esportiva como uma “ação comunitária”, porque a comunidade se reuniu e se organizou em prol do futebol comunitário, uma atividade a que todos se sentem pertencentes e responsáveis.

Além dessa contribuição de Weber, penso ser necessário trabalhar a ideia de **associativismo**. Considero que tratar dessa temática auxilia e complementa os conceitos e as análises propiciadas pela leitura de Weber. Assim, temos que o associativismo são as

formas organizadas de ações coletivas empiricamente localizáveis e delimitadas, criadas pelos sujeitos sociais em torno de identificações e propostas comuns, como para a melhoria da qualidade de vida, defesa de direitos de cidadania, reconstrução ou demandas comunitárias. (SCHERER-WARREN, 2001, p. 42 *apud* LEONELLO, 2010).

Tendo como norte essa definição, a Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia se enquadra nas características propostas: é uma ação coletiva; é delimitada territorialmente; foi criada pelos sujeitos interessados e identificados com o objeto (moradores do Morro do Papagaio); tem uma proposta comum a todos (fomento do futebol comunitário); e defende os direitos sociais (acesso ao lazer).

Isto posto, tratei de analisar a Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia observando o seu papel em dois pontos principais. O primeiro trata das questões burocráticas e políticas e aborda principalmente o tema da manutenção dos campos – espaços do Parque que a PBH “entrega” aos cuidados da comunidade. O segundo trata do papel desempenhado pela Associação para o fomento do futebol comunitário, como os torneios, os festivais e a realização de eventos fora de campo para promover a confraternização, o encontro entre todos que se inserem no universo do futebol comunitário no Parque Jornalista Eduardo Couri.

Para tanto, os dados obtidos para o trabalho deste capítulo foram os registros de caderno de campo conseguidos por meio da observação, bem como as entrevistas com os seguintes moradores: o Robertão<sup>49</sup>, que integra informalmente a Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia e é o responsável pelo cuidado com os campos e a organização de horários; o Evandro, que é o atual presidente da Associação Esportiva e organizador da pelada dos veteranos; e finalmente o Urbano<sup>50</sup>, que já foi presidente da Associação e é irmão do Evandro.

Cabe registrar, também, que busquei acesso aos documentos da Associação Esportiva, como a Ata de Fundação e outros registros formais; contudo, não tive sucesso, ora por não conseguir contato com as pessoas que poderiam autorizar a consulta, ora pelo fato de as pastas não se encontrarem no escritório da Associação. Mesmo assim, entendo que o capítulo conseguiu alcançar seu objetivo com os dados coletados.

### **5.1 História da Associação, relações e atribuições “fora das quatro linhas”**

No Parque Jornalista Eduardo Couri, na mesma construção que abriga os vestiários do campo novo e a Cantina do Prointer, existe a sede da Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia. Essa Associação foi a forma encontrada pelos moradores do Morro do Papagaio para gerir os campos do Parque. A gerência se dá largamente no âmbito organizacional (horários de uso do campo) e no âmbito de manutenção do equipamento (condições de uso pela população).

O fator motivador para a criação da Associação foi descrito no Capítulo 2: as constantes ameaças que a comunidade sofre de perder os campos. Diante disso, no ano de 1980, alguns moradores se organizaram e criaram a Associação Esportiva. Na época ainda não havia o campo novo, mas a organização dessa “ação comunitária” foi importante para que o campo velho seguisse existindo e sendo utilizado pelos

---

<sup>49</sup> Além dessa participação como auxiliar da Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia, Robertão treina a Associação Atlética Santa Lúcia, que é um time amador da comunidade.

<sup>50</sup> Urbano foi um informante importante para o presente capítulo. Apesar de não desempenhar nenhum papel formalmente na Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia, ele está sempre auxiliando e bastante envolvido com os afazeres da Associação. Por já ter sido presidente dela, tem experiência e busca ajudar lançando mão do conhecimento que adquiriu.

moradores do Morro do Papagaio. Com a criação do Parque e do campo novo, esses espaços de lazer se consolidaram na cidade, e as ameaças de ocupação por outros empreendimentos e construções públicas passaram a ser remotas. Porém a existência da Associação não deixou de ser importante.

Outra incumbência da Associação persistiu e justifica que ela seja mantida pela comunidade: a organização dos horários de uso dos campos pelos times amadores. Nesse quesito, o principal responsável é o Robertão. Para marcar um jogo nos campos do Parque é necessário conversar com ele e obter a autorização. Passar por esse crivo não é somente para os times amadores. Quando da realização de campeonatos de futebol amador<sup>51</sup>, a FMF e a PBH por vezes escolhem os campos da Barragem Santa Lúcia, e seus representantes agendam os horários dos jogos, geralmente antes de fazer e divulgar o cronograma do certame. Existe, por parte da FMF, um interesse menor em marcar jogos de seus torneios (pelo menos dos mais importantes) nos campos do Parque, devido ao piso de terra ou grama sintética, como será detalhado mais adiante neste capítulo.

Robertão tem a tarefa dos agendamentos sob sua responsabilidade já há alguns anos. Ele não soube me falar precisamente, mas informou que antes do ano de 2000 ele já organizava os horários de uso do campo. Ainda segundo ele, “é bem tranquilo fazer a organização, o pessoal respeita bastante”.

Em alguns casos, quando há erro de comunicação sobre a marcação dos horários, existe disputa pelo uso do campo. Fui partícipe de um desses episódios. No momento da pesquisa de campo em que isso aconteceu, vinha acompanhando de perto a equipe feminina do Prointer. Pouco tempo depois, fui chamado para compor a comissão técnica do time na Taça das Favelas, e foi em um jogo de preparação para esse torneio que ocorreu o fato:

Ao chegar ao campo da Barragem, estava preparado um jogo amistoso entre

---

<sup>51</sup> Como dito em capítulos anteriores, a PBH organiza um campeonato amador, que é a Copa Centenário de Futebol Amador Wadson Lima. Já a FMF, por meio do Departamento de Futebol Amador (DFA), e o Setor de Futebol Amador da Capital (SFAC) organizam o Campeonato Mineiro Amador (masculino e feminino), a Taça BH (masculino e feminino), o Torneio SFAC (masculino e feminino), a Copa BH (feminino), a Copa Itatiaia (em conjunto com a Rádio Itatiaia – somente masculino) e o Torneio Corujão (em conjunto com a Rede Globo – somente masculino).

o Prointer feminino e o time feminino do Paraíso. Sr. Evaristo me solicitou para apitar a partida preparatória e aceitei prontamente. Ao me encaminhar para o campo, observei que o time de garotos sub-15 da Associação Atlética Santa Lúcia, treinado pelo Robertão, também estava no campo, e seu adversário para o amistoso também. Ficou um impasse sobre qual jogo havia sido marcado para o horário. Todas as equipes se recusaram a sair. Robertão não estava presente. Ele acompanhava outra categoria da Associação Atlética em um jogo fora. Eu também fiquei aguardando uma definição. Sr. Evaristo orientava o time a permanecer em campo, fazia o mesmo pedido para a equipe do Paraíso. Um ajudante do Robertão que iria ficar como técnico em seu lugar ligou para ele, explicou a situação. Robertão então ligou para o Sr. Evaristo, os dois discutiram por uns minutos e ninguém cedeu. Depois de quase meia hora de espera e com quatro times batendo bola dentro do campo novo e com o campo velho vazio, o time adversário da Associação Atlética Santa Lúcia decidiu ir embora, pois o transporte que havia levado o time não poderia mais aguardar devido ao atraso que já estava dado. Após irem embora, os garotos da Associação Atlética também saíram de campo. E algo curioso ocorreu. Sr. Evaristo organizou o time do Prointer e do Paraíso no campo velho e começaram o amistoso lá. Eu não fui mais árbitro, pois o juiz (da federação) que ia apitar o amistoso do sub-15 foi convidado para apitar o amistoso feminino. Depois de fazer o 1.º tempo no campo velho, Prointer e Paraíso fizeram a segunda etapa no campo novo. (Registro no caderno de campo, 24/03/2018).

Um outro aspecto interessante é que os campos da Barragem não são de responsabilidade de um único clube amador, como ocorre na maior parte dos campos de várzea, segundo aponta Ribeiro (2021), e sim de toda a comunidade, por meio da Associação Esportiva. Entendo que esse fato é relevante e pode explicar o sentimento de pertencimento que existe entre os moradores do Morro e os campos e toda a parte do Parque que abriga o universo do futebol amador.

Esse sentimento de pertencimento faz com que a participação das pessoas do Morro do Papagaio seja intensa. Muitas que não fazem parte formalmente da Associação Esportiva se colocam à disposição para ajudar nas tarefas, como é o caso do Robertão. Em alguns eventos que observei, familiares de jogadores da comunidade se oferecem para preparar e distribuir a comida, quando é feita e oferecida gratuitamente pela Associação.

Há uma outra decisão, um outro desafio, que a Associação Esportiva tem de enfrentar. Existe um movimento crescente nos campos de várzea – não só em Belo Horizonte, mas também em outras cidade do país<sup>52</sup> – que busca que os campos sejam cobertos

---

<sup>52</sup> Na cidade de São Paulo (SP), a colocação da grama nos campos de várzea está cada vez maior e gerando um debate. Segundo matéria do Portal Terra, a maior parte dos campos comunitários já está com esse tipo de gramado. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/do-terrao-ao->

com gramado sintético. Existem debates com o “pessoal da várzea” para avaliar os prós e os contras dessa mudança. A Associação Esportiva já foi contatada pela PBH para a sondagem de um possível interesse na instalação do gramado sintético no campo novo. Conversas com os moradores do Morro do Papagaio que estão mais envolvidos com o futebol comunitário indicaram que a ideia parece ter sido rechaçada em um primeiro momento. Também conversei a respeito do assunto com o Urbano, que avaliou a questão da seguinte maneira:

Outro dia veio um pessoal da Secretaria de Esportes aqui perguntando se a Associação tinha interesse em colocar grama sintética aqui no campo. Mas aí quando “cê” vai ver direitinho, tem que ser com parceria com alguma empresa... E aí é a empresa que fica com a maior parte dos horários do campo... Aí não, “pô”... Isso sem contar que quando o gramado ficar ruim e precisar de trocar, quem vai assumir? Eles não falam sobre isso... (Urbano, em conversa com o pesquisador).

Além da questão dos horários, a outra preocupação apontada por Urbano é a manutenção do gramado. Segundo Santos (2019), esse é o principal motivo que faz com que jogadores e outros atores da várzea na cidade de São Paulo se coloquem contra essa modificação. Mas há uma nítida disputa sobre esse quesito:

Tem muita gente do pessoal de várzea que prefere mais a grama sintética do que o terrão. Se chover, você consegue jogar, por exemplo. O terrão vira um barro e fica mais complicado de se jogar. No meu caso, sou suspeito para falar. Prefiro mais a terra do que a grama sintética, porque com o tempo o society vai ficando ruim, sem manutenção. (SANTOS, 2019. Entrevista ao portal Terra).

A PBH tem um projeto que visa captar empresas parceiras para a colocação do gramado nos campos comunitários da cidade. A iniciativa tem o nome de “Várzea Viva”<sup>53</sup> e tem conseguido cada vez mais adesão. Talvez o principal exemplo, que está servindo de incentivo para outros clubes e comunidades se interessarem pelo Várzea Viva, é o Campo do Inconfidência, no Bairro Concórdia, em Belo Horizonte. Após a reforma, o campo passou a ser designado como Arena Inconfidência Supermercado BH, empresa que ganhou a licitação para fazer a renovação e explorar o campo com horários e publicidade. Vejo com receio essa política, pois, concordando com

---

[society-campos-de-varzea-em-sao-paulo-sofrem](https://transformacao.6a0ef530df53b67ee31c2bde2f766486751otk0d.html)  
transformacao,6a0ef530df53b67ee31c2bde2f766486751otk0d.html

<sup>53</sup> Não há uma página da PBH detalhando o projeto Várzea Viva. Existem apenas algumas notícias sobre os campos que estão aderindo, como no link: <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/dois-campos-de-futebol-da-regiao-leste-de-belo-horizonte-serao-requalificados>

Marcellino *et al.* (2006), entendo que:

Democratizar o lazer implica **democratizar** o espaço. Muito embora as pesquisas realizadas na área das atividades desenvolvidas no tempo disponível enfatizem a atração exercida pelo tipo de equipamento construído, deve-se considerar que para a efetivação das características do lazer é necessário, antes de tudo, que ao tempo disponível corresponda um **espaço disponível**. (MARCELLINO *et al.*, 2006, p. 57. Grifos nossos.)

Assim, avalio que a parceria buscada pela PBH não favorece a democratização do acesso ao espaço e o torna ainda menos disponível, uma vez que o ingresso ao equipamento fica atrelado à questão financeira.

Um espaço público ou equipamento de lazer menos democrático e menos disponível pode sofrer com falta de frequência de usuários, pois se tornaria menos acessível, principalmente em razão da falta de recursos monetários de uma parcela de pessoas do universo do futebol comunitário. Segundo Rechia e Betrán (2010), com um possível afastamento desses equipamentos, podemos:

multiplicar os efeitos negativos da segregação social, permitindo inferir-se que a redução, a segregação ou a elitização dos espaços públicos é uma realidade do urbanismo atual. Esse fato conduz, muitas vezes, a uma vontade de proteger-se e de distinguir-se, vivendo em espaços privados em função da insegurança para apropriar-se de espaços abertos como ruas, parques e praças, podendo inibir, dessa forma, a experiência e o uso de espaços coletivos. (RECHIA; BETRÁN, 2010, p. 183).

Por um lado, a manutenção do “terrão” como piso dos campos do Parque Jornalista Eduardo Couri faz com que a FMF e a PBH os busquem cada vez menos para a realização de partidas e campeonatos de sua responsabilidade e organização. A preferência vem sendo dada aos campos com gramado sintético ou grama natural. Isso pode significar, a longo prazo, uma redução no protagonismo e na relevância dos campos da Barragem no cenário do futebol amador de Belo Horizonte.

Observando por outro viés, a resistência em aderir ao modelo por parte dos atuais membros da Associação Esportiva acarreta maior autonomia e disponibilidade de horários para uso da própria Associação e da comunidade do Morro do Papagaio. Caberá, portanto, aos festivais e torneios organizados pelos moradores e pela Associação manter o interesse no uso dos campos e na participação de times

amadores de dentro e de fora da comunidade.

Ainda analisando essa resistência, em certa medida ela é uma objeção à mercantilização do espaço público. Quando a instalação do gramado é feita, a empresa parceira detém o controle da maior parte dos horários e pode alugar o campo. Em geral, os arrendadores dividem o campo em três ou quatro quadras e as alugam separadamente aos interessados<sup>54</sup>. Nos horários que “sobram” para o uso da comunidade, os clubes locais (ou associação de moradores) também podem fazer a locação do espaço, garantindo assim, um pouco de recurso financeiro. O problema, porém, se apresenta nesse momento: com poucos horários disponibilizados, a comunidade priorizará o uso por ela própria ou buscará recursos financeiros para a locação? Caso essa situação ocorresse nos campos da Barragem, seria complexo encontrar uma alternativa que agradasse a todos, pois existem muitos times na comunidade e por isso é alta a demanda por horários nos campos.

Outros aspectos sobre a manutenção do campo também colocam a Associação Esportiva e a PBH em desacordo. Além das contas de água e energia elétrica, a Associação Esportiva precisa fazer manutenções que são corriqueiras em qualquer campo: pintura de arquibancadas, alambrados, sede e vestiários; limpeza dos vestiários, dos banheiros e da Cantina do Prointer; pequenos reparos recorrentes etc.

Tem esse detalhe, né... os campos são da Prefeitura. O que a gente faz aqui é tomar conta e dar as manutenções e melhorias que precisam ser feitas... Tem uma coisa que a Prefeitura faz que é a varrição aqui das arquibancadas e desse espaço do entorno do campo. Já ajuda, mas é só isso mesmo. Agora mesmo, por exemplo, a gente teve que passar o trator no campo, pra nivelar, né... E a gente mesmo que precisou arcar. A pintura nova das arquibancadas também foi a gente. Água e luz todo mês é com a gente... Agora estamos organizando para pintar os alambrados do campo novo... Tem que ser devagar senão a gente não dá conta... É muita coisa... (Urbano, em conversa com o pesquisador).

Pelo observado durante a pesquisa, entendo que a Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia tem um relevante papel para que os campos do Parque Jornalista Eduardo Couri continuem sendo referência tanto para a comunidade quanto para os atores sociais envolvidos com o futebol amador em Belo Horizonte. As

---

<sup>54</sup> Essa situação dos campos nas comunidades que aderiram ao modelo foi observado por mim em visita aos locais, Campo do Inconfidência (bairro Concórdia) e Campo do Santa Cruz (bairro Palmares).



dificuldades que foram a mim relatadas demonstram que, caso a Associação deixasse de atuar, seria necessário que outra forma de participação comunitária assumisse os cuidados com o local, uma vez que a PBH adota um modelo de extremos: ou sem (ou com pouca) mediação por parte do poder público e com toda a responsabilidade a cargo dos moradores, ou com entrega à iniciativa privada, reduzindo o acesso daqueles que podem pagar e até mesmo impossibilitando o acesso de quem não tem condições financeiras.

## **5.2 Ações dentro e fora de campo: festivais, torneios e resenhas**

Os festivais e os torneios que acontecem na várzea em Belo Horizonte (e em outras cidades do Brasil) não tiveram início nos últimos anos. Na verdade, essas atividades são uma das evidências da importância histórica que os clubes e os campos de várzea possuem para as comunidades. No caso de Belo Horizonte, o trabalho histórico de Ribeiro (2021) mostra como os anais dos torneios e festivais se confundem com a memória do futebol comunitário da cidade.

Os festivais são uma forma que a Associação Esportiva encontrou para movimentar a cena do futebol amador na comunidade. Na maior parte das vezes, as comemorações de aniversário das equipes do Aglomerado Santa Lúcia são os fatores motivadores para a realização dos festivais. São eventos que movimentam bastante os campos e são atrativos para muitos moradores do Aglomerado irem ao Parque. Nesse tipo de evento, as partidas são todas realizadas em um único dia ou fim de semana. Geralmente, os clubes que participam são todos do Morro do Papagaio, com alguns poucos times convidados de outras localidades da cidade.

Acompanhei durante esse domingo um festival em homenagem à equipe Papagaios aqui do Morro. Havia bastante gente acompanhando no entorno. Os dois campos estavam sendo usados e todos os jogos eram parte do festival. O time da Associação Atlética Santa Lúcia fez a final do festival e enfrentou o próprio homenageado, o time do Papagaios. (Registro do caderno de campo 06/10/2019).

A disputa começa nos primeiros momentos da manhã e vai até o anoitecer, com as equipes fazendo jogos sucessivos e eliminatórios. Isso aumenta ainda mais o número de pessoas transitando, acompanhando o futebol e utilizando o Parque, pois, além

daquelas que vão para assistir, os jogadores também permanecem nos arredores ao término das partidas. Assim, acabam fazendo torcida, piadas e comentários jocosos em referência às outras equipes participantes. No trecho a seguir, é possível corroborar o caráter histórico e tradicional destas disputas, uma vez que Ribeiro (2021) encontrou dados que mostram que elas são muito semelhantes às que observei durante a pesquisa:

Os festivais eram a forma de disputa que melhor sintetizava o que esse trabalho categoriza como uma cultura esportiva popular, desenvolvida no esforço dos clubes para manterem um calendário ininterrupto de fins de semana com partidas. Esses torneios que concentravam em seu programa pejejas sucessivas, nas quais eram colocadas em disputa uma premiação, no mais das vezes um troféu, realizavam-se fundamentalmente pela passagem do aniversário da agremiação. (RIBEIRO, 2021, p. 329).

Temos, portanto, a evidência da continuidade de uma prática que acontece há pelo menos 90 anos, já que o recorte inicial do trabalho histórico acerca da várzea em Belo Horizonte é o ano de 1947.

Nestes dois formatos de evento existe um caráter festivo e amistoso bastante elevado. Em que pese o troféu entregue ao final das partidas, as disputas nos festivais que acompanhei<sup>55</sup> durante a pesquisa seguiram de forma tranquila; não observei confrontos.

Ainda que não tenha presenciado durante a pesquisa, existem outras atividades promovidas pelos clubes de várzea nos campos comunitários que com o passar dos anos, deixaram de ocorrer: as eleições das “Rainhas” e “Princesas” da comunidade, que representam os clubes amadores oriundos de suas comunidades; as missas que costumavam ser realizadas nos campos; os bailes de gala; e a “alvorada”, que são alguns ritos militares que marcam o início dos festivais. Todas essas atividades compunham a programação (RIBEIRO, 2018), que hoje tem uma nítida diferença de conteúdo. Atualmente, ela se restringe aos jogos de futebol, no caso do Morro do Papagaio.

---

<sup>55</sup> O fator motivador dos festivais realizados no Morro do Papagaio é o aniversário dos times da comunidade. Mas há também festivais que são patrocinados por algum morador, que pode ter objetivos outros (políticos, por exemplo) ao promover disputa entre as equipes. As iniciativas coletivas ocorrem de forma mais evidente aos finais de ano. Independentemente dessas formas de patrocínio dos festivais, todos eles são coordenados pela Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia.

Em relação a outras comunidades, Ribeiro (2018) aponta que os festivais deixaram de ser realizados devido à dificuldade de ocupação dos campos das comunidades por longos períodos. Esse fato também pode explicar o enxugamento no formato do festival no Morro do Papagaio, que, mesmo com dois campos e certa autonomia na organização de horários, também enfrenta dificuldade.

O outro tipo de evento promovido pela Associação são os torneios, também chamados de “campeonatos”. Ao contrário dos festivais, nos torneios há muitas equipes de outras comunidades. Existe uma rivalidade e disputa maior nesses certames. Muitos deles, têm como premiação, além do troféu, uma importância em dinheiro para a equipe vencedora. Existe uma taxa de inscrição paga pelas equipes que se inscrevem e, em alguns casos, há também patrocínio de comércios locais para o pagamento das premiações.

Vejo que os torneios são importantes, já que reúnem pessoas de diversos locais da cidade, permitindo a circulação por diferentes bairros. Esse fato é significativo para marcar a comunidade e os campos da Barragem no “circuito” (MAGNANI, 2014) do futebol amador na cidade de Belo Horizonte, além de não deixar que os eventos da Associação Esportiva sejam somente endógenos, ou seja, voltados para a comunidade do Morro do Papagaio.

Os torneios mais “sérios” são apontados no trabalho de Ribeiro (2021) como os “torneios avulsos”. Não pertencem à FMF, tampouco dão acesso a campeonatos organizados por ela, mas são encarados pelas equipes como se fossem. Os torneios avulsos são importantes para ocupação de datas que estariam ociosas, para os times registrados no Departamento de Futebol Amador (DFA) e que foram eliminados de campeonatos da FMF ou que não tenham se classificado para esses mesmos torneios (RIBEIRO, 2021).

Ainda segundo o autor, uma outra característica dos campeonatos avulsos é mimetizar o regulamento de torneios da FMF e, por vezes, até mesmo o nome deles. Durante o período da pesquisa, acompanhei dois torneios avulsos nos campos da

Barragem: o Corujão<sup>56</sup> (em alusão ao torneio da FMF/Rede Globo) e a Copa Centenário Master (em referência ao torneio da PBH, mas dedicada a jogadores que já não entram nos torneios da FMF devido à idade).

Por ser o responsável pelos horários e, conseqüentemente, pela organização de todos esses torneios e festivais, Robertão acabou se tornando uma referência para os moradores do Morro do Papagaio no que diz respeito ao futebol comunitário. A seguir um exemplo disso, em uma fala proferida por um morador jogador da várzea:

Robertão, sabe porque sábado é melhor? Domingo a gente perde o dia todo aqui... Arruma briga com a mulher ainda por cima, com a família... Futebol é foda. Gostar desse trem aqui... você não pode largar aqui, não, Robertão, senão aqui vai acabar. (Diálogo de um morador do Morro do Papagaio com o Robertão em seu bar/quiosque – Registro em caderno de campo 23/09/2018).

Assim como os torneios e festivais, as festas organizadas pela Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia atraem muitas pessoas para o Parque Jornalista Eduardo Couri. Observei, durante a pesquisa de campo, que depois do futebol comunitário as festas são provavelmente a atividade de lazer que mais tem adesão por parte dos moradores do Morro do Papagaio.

É claro que as festividades não acontecem solitariamente; elas sempre ocorrem depois das partidas de futebol. Contudo, não há um esvaziamento do espaço após o jogo, o que mostra que há interesse nas festas por parte dos moradores.

Evandro pontua que algumas festas acontecem de forma recorrente. Somente em relação à pelada dos veteranos, por exemplo, são dois eventos de confraternização todo ano: o aniversário da pelada no dia 7 de setembro (que é comemorado no primeiro domingo posterior a essa data) e o churrasco de final de ano. Ambos contam com o auxílio da Associação Esportiva no que diz respeito à cessão de utensílios, fogão e geladeira. Outros eventos organizados pelas equipes da comunidade também recorrem a esse auxílio da Associação.

Após os jogos dos festivais (principalmente aqueles em comemoração a aniversários),

---

<sup>56</sup> Os jogos ocorriam aos finais de semana, nas segundas-feiras e nas quintas-feiras à noite.

Robertão também organiza um churrasco para fazer com que a comemoração perdure. Uma forma de organizar esse churrasco é convidando um morador do Morro que já trabalha vendendo espetinhos. Assim, é cedido a ele o uso do *freezer* para armazenar os espetos – além de a sede da Associação e o Bar do Robertão serem oferecidos como apoio. Outra forma pela qual a celebração se concretiza é pelo rateio dos custos do churrasco entre os participantes, com cada pessoa comprando a sua bebida no Bar do Robertão ou na Cantina do Prointer.

Nesta seção do trabalho pontuei a importância da Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia e das pessoas da comunidade que auxiliam em seu funcionamento. Entendo que essa ação comunitária é relevante para o futebol amador e para o lazer de modo geral, para a comunidade do Algoмерado Santa Lúcia.

## 6 PARA ALÉM DA BOLA ROLANDO: OUTROS USOS E APROPRIAÇÕES DO PARQUE E AÇÕES DA COMUNIDADE

A favela tem duas características muito marcantes: a rua como extensão da casa e o vergalhão como extensão do sonho. (Lourenço Cezar, morador da Favela da Maré, Rio de Janeiro – RJ).

Início esta seção com um pensamento de um morador de uma grande favela na cidade do Rio de Janeiro. Nele, há duas analogias que fazem parte do cotidiano dos moradores de aglomerados e favelas por todo o país.

“O vergalhão como extensão do sonho” parece ser a materialização da vontade de prosperar, de aumentar a casa, de ver a família crescer e de ter mais espaço e conforto, sem que para isso seja necessário deixar o local onde se vive. Certamente, essa interpretação vai ao encontro do desejo de realização de muitos moradores de comunidades do Brasil.

“A rua como extensão da casa”, por sua vez, é uma fala que dialoga fortemente com este estudo. Entendo-a como a expressão de um senso de coletividade, de um entendimento do espaço público como lugar a ser ocupado e apropriado pela população. Especialmente nas comunidades, o entendimento é de que a rua é parte da casa, sem deixar de ser, ao mesmo tempo, um espaço público, compartilhado. A rua seria, portanto, o “quintal” de todas as casas. Um “quintal” que pertence a todos da favela.

Isso remete ao tema abordado no Capítulo 5, pois, de certa maneira, há aqui a expressão do sentimento de pertencimento comunitário: a rua é uma parte da casa, do quintal; é um espaço onde toda a comunidade pode conviver, possibilitando que se estabeleçam afinidades entre as pessoas.

Também é importante salientar que, se no Morro do Papagaio a rua é como uma extensão das casas, então o Parque Jornalista Eduardo Couri pode ser entendido como um grande quintal – ou possibilidade de um – para os moradores do Morro.

Por isso, faço a seguir uma análise de como o Parque Jornalista Eduardo Couri, para

além dos campos de futebol, é utilizado pelos moradores do Morro do Papagaio e dos bairros vizinhos, além de um levantamento das diferenças de aproveitamento espacial desse equipamento em decorrência do logradouro de moradia de seus frequentadores. Em outras palavras, farei uma comparação dos usos pelos moradores “do asfalto” e “do Morro”, descrevendo e analisando as maneiras como o Parque é apropriado.

Mais à frente, apresentarei e discutirei as ações/iniciativas individuais e coletivas dos moradores do Morro do Papagaio que visam a ofertar atividades culturais, serviços de utilidade pública e atividades de lazer para os moradores da favela. Entendo que essas iniciativas reforçam o senso de coletividade, pertencimento e orgulho em fazer parte dessa comunidade Belo-horizontina.

### **6.1 Uma barreira (in)visível: as diferentes formas de apropriação do Parque pelo “pessoal do Morro” e os “bacanas do asfalto”**

A acumulação de capital e a miséria caminham juntas, se materializam no espaço... (David Harvey em *Os limites do capital*, 1980)

Os planos iniciais desta pesquisa de observação de campo não incluíam analisar os usos do Parque Jornalista Eduardo Couri de modo geral, ou seja, para além dos campos e arredores. Contudo, ao longo do processo, percebi que a forma de usufruir esse equipamento de lazer era distinta conforme o público e o tipo de atividade. Esse fato me instigou de tal forma que considerei interessante e necessário abordar tal assunto no texto desta tese.

Começo pontuando que, no uso do Parque Jornalista Eduardo Couri, a lagoa da Barragem Santa Lúcia atua, simbolicamente, como uma espécie de “barreira social” entre os moradores do Morro do Papagaio e os moradores dos bairros Vila Paris, São Bento, Cidade Jardim, Santa Lúcia e Santo Antônio<sup>57</sup>. A seguir, no mapa, é possível visualizar como ocorre e se organiza esta demarcação territorial.

---

<sup>57</sup> Não só esses bairros, mas principalmente eles, pois são os mais próximos ao Parque Jornalista Eduardo Couri e ao Morro do Papagaio.

Figura 23: Mapa de “divisão territorial” no uso do Parque Jornalista Eduardo Couri



Fonte: <https://earthexplorer.usgs.gov/> (marcações feitas pelo autor)

No mapa, fica nítido como a ocupação e a utilização do Parque seguem a orientação da localização dos bairros de onde as pessoas são oriundas. Durante a pesquisa de campo, ao perceber as diferentes formas de apropriação do Parque, passei a conversar a respeito com as pessoas que trabalham no local. Em um dos dias de incursão, após estacionar, me aproximei do cuidador/lavador de carros. Ele estava sempre no mesmo ponto, próximo ao quiosque de água de coco e perto da biquinha<sup>58</sup>. Em nossa conversa, ele disse:

Aqui nesta parte fica mais os moradores aqui do bairro, né... aqui no quiosque, nesse pedaço aqui [apontando para a grande área acimentada] e

<sup>58</sup> A “biquinha”, como é chamada pelas crianças do Morro do Papagaio, é uma saída de água em cinco tubulações. Após sair pelos tubos, a água escorre e, em seguida, adentra novamente em uma rede. Depois disso, finalmente chega até a lagoa da Barragem Santa Lúcia. A água da biquinha é proveniente de três nascentes (que formam a lagoa). Elas estão situadas no Parque Área das Nascentes da Barragem Santa Lúcia. Esse Parque é uma área de proteção permanente e é fechada ao público. Está a cerca de 1.800 m do Parque Jornalista Eduardo Couri. Após a água das três nascentes ser captada, ela chega até a biquinha por uma adutora. As informações sobre o parque das nascentes estão em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-de-parques-e-zoobotanica/informacoes/parques/nascentes-barragem-santa-lucia>



também na grama... **os bacanas do asfalto**, né? [risos]... Aí do lado de lá fica mais o **peçoal do morro** mesmo... (Caderno de campo em 06/10/2018. Fala do cuidador/lavador de carros. Grifos nossos.)

O título desta seção foi motivado por essa fala, pois ela evidencia a diferença que existe no uso do espaço público. Vainer (1998) contribui nesse sentido com uma observação pertinente para o caso aqui relatado. O autor explicita que as desigualdades inerentes ao sistema capitalista fazem com que a ocupação das cidades também seja compartimentada. Essa compartimentação é feita seguindo critérios econômicos, de poder ou de *status* (VAINER, 1998).

O fenômeno de partição da cidade também ocorre no cenário reduzido do Parque Jornalista Eduardo Couri: nele, há uma lógica de separação social. Concordo com Ribeiro e Garcia (2005), que denominam esse processo como “segregação espacial” e explicam que, via de regra, é antecedido pela desigualdade econômica. Para eles, “visíveis ou não, as barreiras que separam os habitantes de uma mesma cidade fragmentam o espaço construído e definem o que se pode chamar de segregação espacial” (RIBEIRO; GARCIA, 2005, p. 87). No caso do Parque Jornalista Eduardo Couri, essa barreira é invisível, mas, ainda assim, pode ser decifrada por um olhar mais atento.

Outro autor que contribui com uma visão crítica das formas distintas de ocupação do espaço urbano é David Harvey. Harvey (2013) entende que a qualidade de vida urbana e o satisfatório uso da cidade são produtos do capitalismo. Portanto, quando nos inserimos no contexto urbano, reproduzimos as principais características desse sistema. No caso observado nesta pesquisa, afirmo que a característica mais marcante é a desigualdade.

Voltando a observar o mapa (FIGURA 23), podemos perceber onde se localizam os bairros ditos “nobres” e como se dá a ocupação do Morro pela comunidade do Aglomerado Santa Lúcia. Apesar de estarem em uma mesma região da cidade, a divisão territorial entre os empobrecidos e os abastados é contundente.

Outros parâmetros também evidenciam a desigualdade. Tomemos, pois, o percentual de pessoas negras nos bairros, que no Brasil ainda é um demarcador

socioeconômico. No Bairro Vila Paris, por exemplo, apenas 8% dos moradores são negros<sup>59</sup>, enquanto no Morro do Papagaio (como em tantas outras favelas) a maior parte dos moradores é preta ou parda.

É importante salientar que a “barreira social” existente entre moradores do Morro e moradores dos bairros, mencionada anteriormente, não significa que não existe trânsito de pessoas de todos locais por todo o Parque. Apenas é algo incomum de ser observado, principalmente em relação às pessoas dos bairros citados. Para distinguir os grupos usuários do Parque no momento da pesquisa de campo, procurei observar de onde essas pessoas chegavam e, principalmente, em que sentido se deslocavam no momento de ir embora. Além disso, as conversas com pessoas que estão sempre no Parque (a trabalho) auxiliaram essa percepção.

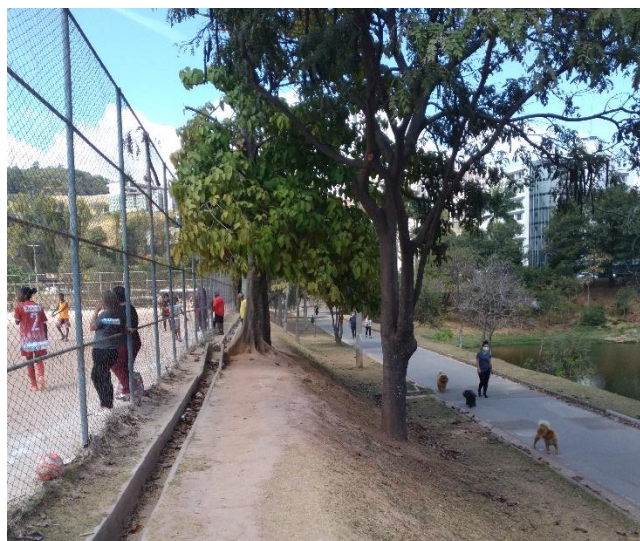
Destacada essa latente cisão social, aponto, com o auxílio da pesquisa de campo realizada no Parque, alguns espaços de uso compartilhado, independente do local de origem dos usuários.

O mais perceptível deles é o trecho da pista de caminhada/corrída que fica entre os campos e a lagoa da Barragem. Esse pequeno segmento do Parque consiste em uma área compartilhada, tendo em vista a “divisão social” explicitada no mapa anterior. Esse “corredor” é usado pelas pessoas de forma indistinta. É notório que, para os moradores dos bairros, é apenas um local de passagem. Nesse sentido, é válido atentarmos para a diferenciação entre “espaços de permanência” e “espaços de passagem” apontada por estudiosos de arquitetura e urbanismo.

---

<sup>59</sup> Segundo levantamento de dados realizado pelo jornal Brasil de Fato em 2021. Matéria disponível no endereço: <https://www.brasildefatomg.com.br/2021/06/16/opiniaio-bh-487-bairros-e-enorme-desigualdade-de-renda-genero-raca-e-mobilidade>

Figura 24: Trecho da pista de caminhada entre os campos e lagoa.



Fonte: Registro do autor.

Para Person (2006), os espaços de permanência são aqueles projetados para que as pessoas possam estabelecer um convívio, um vínculo, mesmo que momentâneo. Já os espaços de passagem são pensados apenas para permitir a mobilidade e o trânsito de pessoas. Neles não se objetiva que os indivíduos possam se encontrar, se relacionar. Recorrendo a essa contribuição, entendo que o mencionado trecho da pista de caminhada/corrída e suas proximidades são percebidos e usados pelos moradores da comunidade como espaços de permanência, especialmente para acompanhar jogos no campo novo, uma vez que esses locais são sombreados por árvores e permitem uma boa visão do jogo de futebol.

Outro local do Parque vivenciado tanto pelos residentes do Morro do Papagaio quanto pelos moradores dos bairros é o quiosque de sucos e água de coco. Nesse estabelecimento, geralmente mais frequentado durante as manhãs e os finais de tarde, encontram-se diversas mesas e cadeiras de cimento, além das cadeiras de plástico fornecidas pelo comerciante. Ali as pessoas passam parte do tempo que usufruem no Parque. Apesar de dividirem um mesmo local do equipamento de lazer, não observei interação entre os “bacanas do asfalto” e o “pessoal do Morro”. Geralmente, as pessoas vão ao quiosque momentos antes de deixarem o Parque. Compram água de coco, sucos ou água mineral. Há também os pais que ficam no quiosque enquanto as crianças brincam na grande área de cimento, pois a proximidade permite supervisionar as brincadeiras enquanto ficam sentados.

Segundo o cuidador/lavador de carros, um espaço mais ocupado pelos moradores dos bairros é o gramado. Em várias oportunidades, observei nessa área famílias sentadas, fazendo piquenique ou brincando com os filhos. Muitos também passeiam e brincam com cachorros. Esta última, por sinal, é uma atividade que proporciona uma aproximação e uma convivência entre as pessoas que vão ao Parque Jornalista Eduardo Couri. Tanto pessoas com *pets* quanto outras pessoas das proximidades gostam de interagir com os animais e seus tutores.

A pista de caminhada/corrida também é largamente utilizada por pessoas oriundas dos bairros. Muitas vão se exercitar em pequenos grupos ou com algum acompanhante. Achei interessante o fato de que a maior parte dos usuários da pista utiliza fones de ouvido e, mesmo acompanhados, não há conversa.

Sobre o trecho da pista “espremido” entre o campo e a lagoa é importante ressaltar que existe uma inversão nas formas de uso. Se considerarmos sua totalidade, a pista é um local de permanência para os moradores dos bairros, já que eles optam pelo Parque para desfrutar do tempo de lazer. Entretanto, para os moradores do Morro do Papagaio, as partes da pista que ficam distantes do campo são apenas espaços de passagem (especialmente para os moradores da comunidade que desembarcam do transporte público na Av. Arthur Bernardes<sup>60</sup> e precisam atravessar todo o Parque para acessar o Aglomerado).

A grande área de cimento (arena) fica bem perto da biquinha. Essa área do Parque também tem maior presença dos moradores dos bairros. Nela observei, na maior parte das vezes, crianças brincando com os pais, utilizando bolas, bicicletas e toda sorte de brinquedos. Algumas crianças e jovens do Morro por vezes também utilizam a arena. As crianças menores brincam ali, e os adolescentes e os jovens usam os bancos de cimento que circundam a área para conversar. Em alguns momentos da pesquisa de campo, principalmente em dias ensolarados e quentes, observei crianças da comunidade (as mais novas) entrarem na pequena poça d’água que fica na biquinha.

---

<sup>60</sup> Essa avenida circunda todo o Parque Jornalista Eduardo Couri.

Figura 25: Biquinha



Fonte: Registro do autor.

As crianças moradoras do Morro do Papagaio fazem um uso mais independente do Parque; é possível vê-las circulando desacompanhadas de seus responsáveis ou de pessoas mais velhas em diversos momentos. Esse trânsito reforça o entendimento de que o Parque é uma espécie de “quintal” para os moradores do Morro do Papagaio – nesse caso, as crianças.

Acompanhava, na parte superior das arquibancadas, um jogo que acontecia no campo novo. Um garoto, próximo às casas, no lado oposto da Avenida Arthur Bernardes, mas de frente para as arquibancadas, se dirige para uma menina que estava sentada no meio-fio e diz: "Ô, Júlia! Avisa a mãe que eu vou para o parquinho...". Depois, o garoto, de aproximadamente oito anos, atravessa a avenida e se dirige, sozinho, ao parquinho. Ao chegar nessa parte do parque, passa a interagir com outras que crianças que lá estavam. (Registro em caderno de campo em 13/04/2019).

O fato narrado na citação anterior é corroborado pelo estudo de Lansky (2012), que aponta a intensa circulação de crianças e jovens provenientes do Morro do Papagaio no Parque Jornalista Eduardo Couri. Saliento que observei, durante a pesquisa de campo, que essa circulação dos moradores da comunidade não era restrita ao “lado do Morro”; porém as partes do Parque próximas ao Aglomerado eram aquelas onde eles estavam presentes de forma mais recorrente.

Os locais usados predominantemente pelos moradores do Morro do Papagaio são o parquinho e a quadra de esportes. Ao contrário dos outros espaços citados, nesses dois não observei, em nenhum momento da pesquisa de campo, a presença de moradores dos bairros. Esse fato demonstra que, para este grupo, o uso do equipamento de lazer ocorre de forma mais limitada e restrita.

A quadra de esportes é muito usada pelos pré-adolescentes e adolescentes do Morro do Papagaio. A atividade mais recorrente é o futebol. Na quadra, eles fazem as peladas e, na maior parte das vezes, se organizam sem a presença ou supervisão de adultos. A seguir, um trecho do caderno de campo que mostra a organização dos jovens e a sua circulação livre e independente por diferentes locais do Parque Jornalista Eduardo Couri:

Dediquei um tempo maior para observar a dinâmica de uso da quadra de esportes por alguns adolescentes que estavam ocupando o espaço. Todos eram meninos. Jogavam descalços e com uma bola de campo um pouco gasta. Não havia nenhuma menina jogando junto com eles. Estavam jogando com quatro pessoas em cada time e ainda ficavam três na “de fora”. Após algum tempo, quando ocorreu uma troca de times que passariam a jogar, os três que foram esperar a vez de jogar saíram em direção ao quiosque de água de coco. Depois de uns minutos, voltaram com as roupas molhadas e disseram aos que estavam jogando que foram “tirar o calor na biquinha”. Depois voltaram para a pelada. (Registro em caderno de campo em 19/05/2019).

O parquinho, por sua vez, é muito mais frequentado pelas crianças menores. Nos finais de semana, dias em que ocorreu o trabalho *in loco*, esse espaço era utilizado de forma mais intensa durante as manhãs. Como dito anteriormente, algumas crianças vão ao Parque desacompanhadas, provavelmente por morarem próximo à parte baixa do Morro. Muitas vão ao parquinho acompanhadas pelos pais ou por um irmão mais velho. As brincadeiras das crianças quase sempre são realizadas utilizando os brinquedos instalados no parquinho. Aquelas que não dependem do equipamento são: soltar papagaio (pipa), brincar na terra e escorregar no barranco próximo à área dos brinquedos.

Uma atividade que é recorrente para os adultos que residem no Morro do Papagaio é a pesca. Apesar de haver sinalização proibindo a prática na lagoa da Barragem, todo fim de semana é possível ver grupos de pessoas próximos às margens. Esse fato



pode ser entendido como vivência de lazer, mas também pode ser o retrato de dificuldades em manter a alimentação da família, já que os peixes pescados por essas pessoas são levados em bolsas e sacolas, nunca devolvidos.

Figura 26: Moradores pescando na lagoa da Barragem Santa Lúcia



Fonte: Registro do autor

A realidade apresentada nesta seção permite ver o Parque Jornalista Eduardo Couri de forma ampla e conhecer todas as possibilidades de lazer que ele oferece. Reafirma também a ideia de o Parque ser uma espécie de “quintal” para os moradores do Morro do Papagaio. As crianças e os jovens, de forma especial, conseguem usufruir desse “quintal” de forma autônoma e livre.

## **6.2 Por nós, para nós: outras manifestações culturais desenvolvidas pela e para a comunidade**

Tudo, tudo, tudo, tudo que nóiz tem é nóiz  
Tudo, tudo, tudo que nóiz tem é...  
(Emicida em Principia, 2019)

Ao abrir esta seção com um trecho do refrão da música de Emicida, um *rapper* negro que passou a infância e a juventude morando em comunidades humildes da Zona Norte de São Paulo, remeto à discussão feita no início desta tese acerca da falta ou

ineficiência do Estado na oferta de diversos serviços públicos, ou seja, dos direitos que são negligenciados para a população das comunidades.

Muitas pessoas residentes nas comunidades consideram como verdadeiros os versos de Emicida. Acreditam que tudo o que têm são umas às outras. Nesse sentido, observei e apurei a presença de iniciativas dos próprios moradores do Morro do Papagaio com o objetivo de, de alguma maneira, suprir o oferecimento de alguns direitos ou auxiliar àqueles que se encontram em situações críticas.

Grande parte dessas ações e iniciativas se materializa no âmbito da cultura. Essa característica se revela interessante, pois evidencia que a comunidade enxerga o direito à cultura como fundamental e definitivo na formação do cidadão. Milton Santos, geógrafo e jornalista que dedicou grande parte de sua obra para pensar as cidades, as periferias e as relações impulsionadas ou desencadeadas pela lógica do capital e da globalização nas culturas urbana e periférica, defende que:

Gente junta cria cultura e, paralelamente, cria uma economia territorializada, uma cultura territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada. Essa cultura da vizinhança valoriza, ao mesmo tempo, a experiência da escassez e a experiência da convivência e da solidariedade. (SANTOS, 2000, p. 70).

Esse trecho traduz uma reflexão importante acerca da cultura da comunidade. Como aponta Santos (2000), a cultura popular resiste às tentativas homogeneizantes da cultura de massas. A “impressão digital” do território onde essa cultura é produzida fica gravada na criação cultural. Nesse sentido, os atores e os projetos que aponto nesta tese são exemplos de como a organização da comunidade e a produção de cultura podem ser formas de expressão de uma identidade favelada. Também demonstram que, de certa maneira, são meios de quebrar estereótipos propagados sobre essas comunidades – prenoções que, durante a pesquisa, notei serem incômodas para muitos moradores do Morro do Papagaio.

Com reflexões semelhantes sobre a cultura popular, porém seguindo caminhos empíricos distintos de Santos, Magnani (1998) aponta, na tese que originou a obra *Festa no pedaço*, os atores culturais da periferia e a sua importância para o local onde se inserem. A importância desse local transcende a questão do local de moradia e



carrega um forte aspecto de pertencimento. Os circenses, os músicos, os sujeitos do futebol de várzea e os diversos moradores – ou seja, todos os grupos que contribuem para a vida cultural na periferia – são quem constroem e dão significado à cultura produzida na periferia.

Com base nesse viés, chamaram-me a atenção algumas iniciativas que entendi serem relevantes no contexto da comunidade. Por meio de depoimentos e falas de moradores, percebi que o envolvimento de algumas pessoas do Morro do Papagaio e os projetos por elas encabeçados eram tomados como motivo de orgulho.

Consegui observar, nas incursões pelo Aglomerado, a aproximação de diversos atores dentro da comunidade, mas destaco três deles: o grupo cultural Casa do Beco, o movimento comunitário Eu Amo Minha Quebrada e o projeto Futebol de Rua, parte do programa Fica Vivo.

Todas essas iniciativas são reconhecidas pelos moradores, que as têm como modelos e referências para as crianças e os jovens da comunidade. Em diversos momentos da pesquisa de campo, ouvi moradores da comunidade fazendo comentários sobre esses projetos, tanto nos arredores dos campos de futebol quanto em outros locais do Parque. Dessa forma, acredito que a discussão acerca do papel dessas pessoas e iniciativas, à luz de referenciais bibliográficos que abordam as questões inerentes a essa dinâmica social, se tornou importante para este trabalho.

Antes de adentrar nos dados obtidos por meio de entrevistas, é importante pontuar uma reflexão acerca do trabalho cultural feito nas comunidades: é fundamental compreender a existência de um protagonismo cultural em comunidades, isto é, entender que as pessoas que vivem nos aglomerados podem ser fomentadoras, produtoras e agitadoras culturais. Concordo com Tavares (2012) quando afirma que muitos atores sociais das favelas veem no trabalho de militância cultural uma forma de construir e reafirmar a identidade da favela, evidenciando a importância do seu território para a cidade na qual a comunidade está inserida.

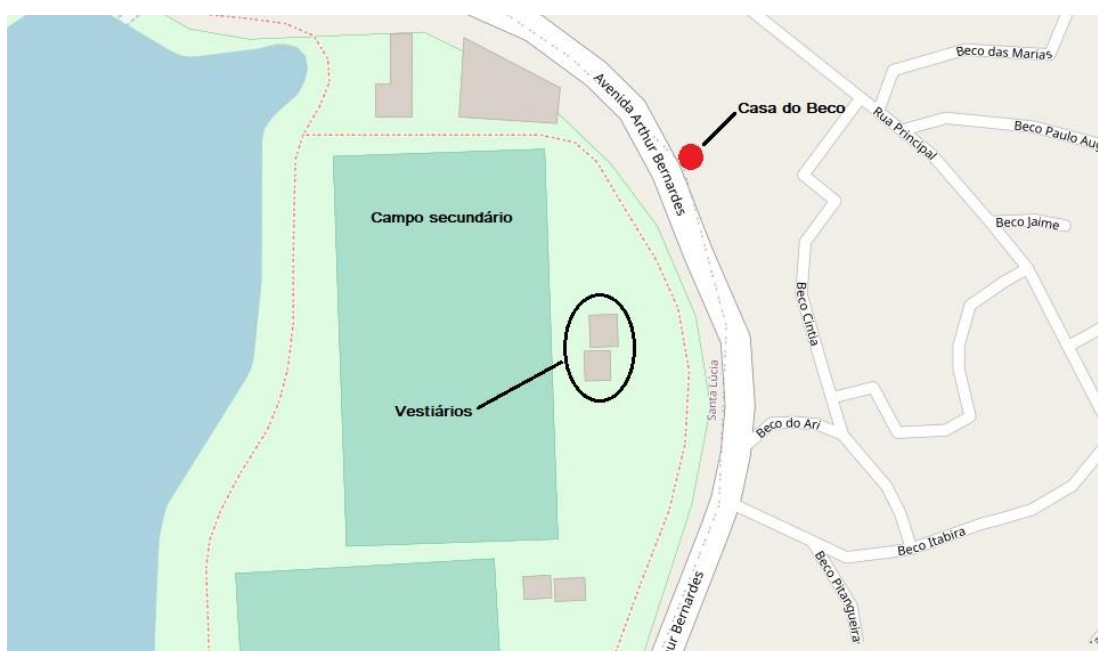
Em muitos momentos, os corpos das favelas são vistos somente como possibilidade de exploração da força de trabalho – não raras vezes, de forma mal remunerada.

Infelizmente, pouco se considera que essas pessoas sejam protagonistas de outras facetas humanas (que também podem desencadear oportunidades de trabalho). Este capítulo da tese é uma tentativa de contribuir para a alteração desse cenário.

### 6.2.1 Casa do Beco

A Casa do Beco é uma casa cultural que produz seus próprios trabalhos no teatro, na dança e no cinema. Localiza-se na Av. Arthur Bernardes, bem próximo aos vestiários do campo velho, como podemos ver no mapa a seguir.

Figura 27: Localização da sede da Casa do Beco no Morro do Papagaio.



Fonte: [www.openstreetmap.org/](http://www.openstreetmap.org/)

Pela proximidade da sede ao local de lazer de muitos moradores do Morro do Papagaio, surgiu a curiosidade de saber como a Casa do Beco interage com os moradores da comunidade e com o espaço do Parque Jornalista Eduardo Couri, além de conhecer como são as ações desenvolvidas e se estas atendem, de alguma forma, às pessoas do Morro do Papagaio.

É interessante observar como, neste contexto de produção cultural, ficam perceptíveis as diferenças da cultura “na” e “da” periferia, como coloca Santos (2000). Com essa distinção, o autor aponta que a cultura produzida de forma genuína pela população empobrecida carrega uma gama de significados (e até mesmo de pertencimentos), ao

passo que a indústria cultural oferece produtos que vêm “de fora” e são, geralmente, padronizados e homogeneizantes (SANTOS, 2000).

Façamos agora um breve histórico da Casa do Beco<sup>61</sup>. Essa casa cultural teve seu início no ano de 1995 com o nome “Armação Teatral” e mudou de nome em 1998, passando a se chamar “EMcenAÇÃO Teatral”. Finalmente, no ano 2003, a companhia passou a se denominar “Casa do Beco”.

No mesmo ano, o grupo adquiriu e inaugurou a sede no Morro do Papagaio. O espaço é utilizado para ensaios, oficinas e apresentações. A Casa do Beco também empresta seu espaço para outros eventos coletivos e encontros comunitários. É interessante a abertura que a Casa do Beco dá para a comunidade utilizar sua sede, caso haja demanda, bem como para outros coletivos culturais que necessitem de apoio.

No ano de 2010, a Casa do Beco se instituiu como centro sociocultural. Houve uma ampliação da equipe de trabalho; muitas pessoas da comunidade foram convidadas a integrar o grupo. O foco dessa ampliação era formar e multiplicar a arte tendo como norte a cidadania e a representação da vida no Morro do Papagaio, sempre com base nas perspectivas e vivências das pessoas que nele residem. Esse ponto é corroborado por Santos (2000), quando diz que:

Tal cultura realiza-se segundo níveis mais baixos de técnicas, de capital e de organização, daí suas formas típicas de criação. Isto seria, aparentemente, uma fraqueza, mas na realidade é uma força, já que se realiza, desse modo, uma integração orgânica com o território dos pobres e o seu conteúdo humano. Daí a expressividade dos seus símbolos, manifestados na fala, na música e na riqueza das formas de intercurso e solidariedade entre as pessoas. (SANTOS, 2000, p. 71).

Além da elaboração e da encenação de peças teatrais, a Casa do Beco também possui inserção em outra forma de expressão artística: o cinema. O Cine Beco faz a exibição de filmes para a comunidade e promove a produção própria de filmes de curta e longa metragens. Na dança, a Casa do Beco criou, em 2013, a Companhia Movimento do Beco. Voltado para a dança urbana e contemporânea, o grupo é composto por jovens moradores do Morro do Papagaio.

---

<sup>61</sup> O histórico da Casa do Beco pode ser obtido através do *site* do grupo no endereço: <http://www.casadobeco.org.br/>

Financeiramente, a Casa do Beco conta com o dinheiro arrecadado dos ingressos dos espetáculos e de outras exposições. Além disso, existem doações de pessoas físicas, que podem ter dedução do valor doado no Imposto de Renda. Pessoas jurídicas também podem fazer doações por meio de mecanismos de leis de incentivo fiscal da União, do Estado ou do Município.

A entrevista sobre a Casa do Beco foi realizada com a Carol, moradora do Morro do Papagaio desde que nasceu e integrante da Companhia Movimento do Beco. Ela é professora de Educação Física em escolas de Belo Horizonte e atua como bailarina.

A relação entre a Casa do Beco e as pessoas da comunidade é boa, segundo a entrevistada. Grande parte dos moradores conhecem e vão até a sede para assistir a peças teatrais e filmes e participar de outras atividades. Mas existe a ambição de que o alcance às pessoas do Aglomerado seja ainda maior:

Então... a gente tem um público grande da comunidade que conhece a Casa do Beco e que vai à Casa do Beco, que assiste as peças. A gente tem um envolvimento bom da comunidade. Eu particularmente entendo que a gente ainda não alcançou todas as pessoas da comunidade... Mas a gente tem um alcance bem legal, as nossas peças costumam ter um público legal [...] Quando a Casa promove algumas festas, alguns eventos, sempre tem muita adesão do público. Agora eu acho que no início da pandemia a Casa desenvolveu um projeto para ajudar, né, as pessoas que estavam precisando de cestas, então a gente acabou alcançando um público muito grande na comunidade a partir dessa ação. Eu considero que a aproximação e o envolvimento da comunidade na Casa do Beco é bem legal, porque a Casa do Beco acaba transitando, né... A Casa transita muito no Morro, a gente faz peça de rua no meio do Morro, a gente faz peça nas escolas... Então isso tudo faz com que a gente consiga se aproximar da comunidade, que eu acho que é o intuito, né? De um ponto de cultura dentro de uma favela. É se aproximar da comunidade, é dialogar, é construir pontes... pontes e diálogos através da arte. (Entrevista Carol, 15/01/2021).

Em relação ao uso do Parque Jornalista Eduardo Couri pela Casa do Beco, Carol fala de uma prática fecunda de aproveitamento do espaço público pelo grupo para a realização de espetáculos. Essa prática, além de propiciar a vivência teatral de forma aberta, democratizando o acesso à cultura, promove uma interação entre grupos etários da comunidade que se encontram de forma pouco recorrente:

A gente costuma usar a barragem [o Parque], mas a gente não usa todos os espaços... A Casa do Beco tem alguns espetáculos que são feitos para fazer

na rua... E aí os espaços que a gente costuma utilizar é o espaço que fica bem em frente à sede e do lado dos campos. Porque a gente entende que para além de um espaço de muita importância [o Parque] é um espaço de encontro, é um ponto onde a juventude se encontra com a galera mais velha da bola... É um lugar que propicia o encontro geracional. (Entrevista Carol, 15/01/2021).

Apesar de não ser um objetivo central da Casa do Beco, o relato de Carol confirmou que há iniciativas que visam a ofertar aos jovens da comunidade cursos e outras ações que podem ser consideradas profissionalizantes. A entrevistada prefere chamar essas iniciativas de “formações sociais”, pois não têm como finalidade formar mão de obra para atuação em qualquer área. O primeiro trabalho apontado foram as aulas de capoeira, que podem, dependendo do envolvimento do participante, se tornar uma atividade que lhe renda meios de subsistência. A segunda ação indicada se denominava “Multiplicando Multiplicadores” e foi contemplada por edital de lei de incentivo para formar crianças e jovens para a atuação teatral.

A Casa do Beco segue, portanto, um engajamento que visa a retornar para a comunidade o apoio que recebe, mesmo que essa não seja uma responsabilidade do grupo. Parece haver um entendimento de que a Casa tem um compromisso com as pessoas do território, especialmente as crianças e os jovens. Esse retorno começa com a representatividade que o Morro do Papagaio ganha na cena cultural de Belo Horizonte, passa pela aproximação dos diversos grupos que compõem a comunidade e, finalmente, chega às ações pontuais que visam à oferta de uma formação social.

### 6.2.2 Eu Amo Minha Quebrada

O projeto Eu Amo Minha Quebrada é idealizado por Júlio César – mais conhecido no Morro do Papagaio como “Júlio Fessô”, um impressor serigráfico, pintor, artista, poeta, *rapper* e arte-educador de 45 anos de idade. Além disso tudo, ele pode ser considerado um importante líder comunitário no Aglomerado Santa Lúcia.

Júlio aponta que sua formação como cidadão passa necessariamente por ele ser oriundo do Morro do Papagaio. Ele destaca, inclusive, que o apoio de sua família e de seus vizinhos do Morro foram decisivos para que ele conseguisse abandonar o uso abusivo de drogas. Nesse sentido, Julio Fessô relata que aprendeu a admirar e respeitar a comunidade “que tanto lhe ensinou”.

O Eu Amo Minha Quebrada surgiu com o intuito de mostrar o que há de bom acontecendo na favela. Ressalto que essa é uma recorrente demanda dos moradores com quem conversei. Para eles, é importante evidenciar que o Morro do Papagaio não é somente o que sai nos noticiários dos grandes veículos de mídia.

O projeto Eu Amo Minha Quebrada surgiu com o meu desejo de mostrar a favela como ela é de fato... Porque geralmente a mídia, no geral, só mostra a parte triste das comunidades como um todo, né? Por exemplo: a gente faz várias festas, várias ações, vários projetos dentro da comunidade. Uma vez ou outra aparece alguém da mídia para dar uma ênfase, mas se soltar um foguete aqui, os repórteres acabam se atropelando achando que é tiroteio... Então, a mídia em si quer mostrar isso... Aí o movimento Eu Amo Minha Quebrada surgiu com esse objetivo... (Entrevista Júlio Fessô, 05/12/2020).

Após algum tempo funcionando como um canal de mídia alternativo nas redes sociais para dar visibilidade ao Morro do Papagaio, o projeto Eu Amo Minha Quebrada passou a realizar outras ações voltadas para a comunidade, principalmente para os jovens. Essas ações têm o intuito de promover a cultura, ofertar formação profissional e mostrar perspectivas de futuro para os moradores.

A gente tem aqui curso de serigrafia, curso de fotografia, aulas de poesia, curso de *youtuber*... Um tanto de coisa... Né? Vários cursos... Tem de *designer* também... A ideia é que os adolescentes, principalmente, sejam protagonistas de sua própria história, e aí é colocar isso nas redes sociais, na mídia, por isso surgiu o movimento Eu Amo Minha Quebrada, felizmente acabou crescendo. (Entrevista Júlio Fessô, 05/12/2020).

Um ponto interessante colocado pelo Júlio é a parceria que o projeto busca com a própria comunidade para elaborar as ações a serem desenvolvidas. Ele aponta que esse fator influencia a grande adesão dos jovens às atividades oferecidas.

Os projetos que a gente desenvolve aqui tem uma adesão grande, é bacana porque a gente não faz nada sozinho, né? A gente faz os questionamentos e solta dentro da comunidade através do boca a boca, das redes sociais, do *WhatsApp*, propondo as dinâmicas, o que que eles acham que seria interessante ter dentro do projeto para a comunidade... Aí as pessoas dão dicas, né? Aí a gente cria esse cronograma junto. A gente corre atrás de elaborar junto com a comunidade e a adesão é bacana... Às vezes chega a não ter vaga suficiente para todos, e a gente tem que fazer mais oferta em outros turnos... (Entrevista Júlio Fessô, 05/12/2020).

É importante salientar que o diálogo é uma premissa que deveria ser seguida na elaboração de políticas públicas, mas nem sempre isso acontece. Segundo Rua

(1998), para a elaboração de políticas públicas, as demandas de vários atores sociais precisam ser consideradas, como as do próprio Estado, da mídia, das organizações da sociedade civil e, principalmente, da população que será impactada. A autora ainda coloca que, quando esse diálogo não ocorre, a identificação do problema (que é a primeira etapa da elaboração de uma política) fica prejudicada (RUA, 1998). Pelo relato feito pelo Júlio, mesmo que o Eu Amo Minha Quebrada não seja uma política pública, nele existe a escuta da demanda da comunidade, sem deixar de contemplar os objetivos do projeto, o que pode explicar a grande adesão nas atividades.

Segundo o entrevistado, como o Eu Amo Minha Quebrada tem muitas atividades, o projeto conta com a participação de muitas pessoas, tanto de dentro quanto de fora do Aglomerado Santa Lúcia. Todas elas são voluntárias e auxiliam em alguma área de conhecimento específica, como cultura, saúde, educação, esporte e lazer.

O Eu Amo Minha Quebrada é, portanto, uma iniciativa da comunidade pensada para a própria comunidade. Por meio dos relatos que pude registrar, ficou claro que é bastante conhecida pelos moradores da favela. E não só isso: parece haver uma confiança no trabalho que é ali desenvolvido, uma vez que, ao falar da pesquisa com algumas pessoas, elas rapidamente se lembravam e indicavam o líder comunitário Júlio Fessô para relatar suas experiências.

### 6.2.3 Futebol de Rua

O projeto de Futebol de Rua é realizado pelo Ronaldo, mais conhecido como “Pretinho”. Morador do Morro do Papagaio, ele viu o Futebol de Rua como uma forma de auxiliar os jovens da comunidade a não entrarem para o mundo do crime. Certamente foi muito influenciado por sua história de vida, pois ele mesmo avalia que, não fosse sua trajetória de ter estudado e crescido em um colégio em regime de internato, provavelmente não “estaria aqui para contar minha história”.

O Futebol de Rua acontece às quartas-feiras e sextas-feiras das 15h30 às 17h00, na Rua H, dentro do Aglomerado. O projeto é vinculado ao programa Fica Vivo, do Estado de Minas Gerais, que está suspenso temporariamente em virtude da pandemia. Mesmo assim, Pretinho continua promovendo o Futebol de Rua de forma

independente.

A escolha por fazer o projeto promover uma maneira diferente de jogar futebol teve o intuito de aproximar as práticas corporais da comunidade e levar o futebol para as ruas da favela, uma vez que muitos projetos e iniciativas realizados nos campos do Parque Jornalista Eduardo Couri não eram acessados, mesmo estando muito próximos ao Morro do Papagaio. Por isso, Ronaldo pensou na proposta de colocar o futebol na rua e torná-lo um “vizinho” das pessoas do Aglomerado. A escolha de trabalhar com o futebol no projeto remonta aos fatos abordados no início desta tese, expressos na seguinte fala de Pretinho:

Falar sobre o Morro, futebol, samba... Necessariamente você tem que falar sobre a favela né? Sobre uma expectativa de mudança de vida, tem que falar sobre... sabe... de tudo que é mágico... porque o futebol... ele é mágico, né? Ele traz momentos, assim, incríveis... incríveis mesmo. Você vê a molecada dentro de campo aqui na favela praticamente o dia inteiro... o dia inteiro... Você respira futebol, você se alimenta de futebol. É o tempo inteiro a molecada, né, pensando em futebol, pensando em ser os grandes astros que existem hoje dentro do futebol, né... Ainda não tivemos um rapaz aqui dentro do Morro que estourasse para o futebol mundial, mas eu creio que vamos sair com um craque daqui ainda... (Entrevista Pretinho, 27/11/2020).

A intensa relação da comunidade com o futebol foi o que motivou o projeto Futebol de Rua. Quando perguntado sobre o conhecimento da comunidade sobre o projeto, Pretinho evidenciou que muitas pessoas da comunidade conhecem o trabalho e que até mesmo recebe auxílio de vários moradores na divulgação das atividades aos adolescentes e jovens. Já a respeito da relação que a comunidade tem com o projeto, Pretinho diz que é preciso manter o constante diálogo com os moradores, mas que não há grande problemas para a continuidade do projeto.

A comunidade abraçou o projeto. A comunidade respeita o projeto. É tranquilo... Às vezes dá uma porrada no portão, às vezes quebra um portão, a gente vai lá e arruma... Mas o diálogo, ele é constante. A gente sempre tá alinhando alguma coisa com a comunidade. A gente consegue muito mais coisa com os meninos hoje, sabe? (Entrevista Pretinho, 27/11/2020).

Finalmente, quando o assunto foi o objetivo principal do Futebol de Rua, Pretinho apontou um desafio que existe para muitos jovens de comunidades: a criminalidade. Segundo seu relato, esse é o principal desafio, mas já conseguiu resultados nesse sentido. Pretinho vê em seu trabalho como monitor do Fica Vivo uma abordagem



diferente de presença do Estado para as pessoas que vivem nas favelas.

Nesse projeto, a gente preocupa com o cidadão, com o ser humano, e a gente fica muito satisfeito de as vezes você ter um jovem que tá dentro da criminalidade e você consegue ir “trampando” com esse jovem, sabe, e esse jovem acaba abandonando essa vida que pode levar para a morte ou para o cárcere e o cara larga tudo isso... É claro que tem família... É um conjunto de coisas... O projeto, quando acontece principalmente pelo Fica Vivo, é de suma importância. Porque se você procurar, às vezes você não consegue ver... Porque na maioria das vezes o Estado só está presente com a polícia. Só está presente com a repressão. E quando eu estou lá, eu sou um representante do Estado... Então o Estado consegue se aproximar do jovem... Aproximar para saber quem é o José... Quem é o Adailton... Quem é o Pedro... (Entrevista Pretinho, 27/11/2020).

O objetivo aqui apontado faz coro a diversos outros estudos, como os de Araújo Filho (2011) e Simmer e Silva (2020), que enxergam os projetos sociais esportivos como ferramentas para evitar a entrada de adolescentes e jovens na criminalidade. Há, também, entidades da sociedade civil organizada (principalmente ligadas ao Poder Judiciário) que têm esse entendimento.

Analiso que aqui se cria uma expectativa acerca do esporte, que possivelmente não será atingida. Entendo que o esporte não é capaz de resolver esses grandes desafios de nossa sociedade solitariamente. O problema da criminalidade é complexo e multifatorial e certamente muito alavancado por desigualdades socioeconômicas. Contudo, entendo que a prática esportiva deve ser ofertada, uma vez que o esporte e a vivência de lazer são direitos que todas as pessoas devem ter condição de acessar. E quanto menos direitos são negados, mais conseguimos, como sociedade, evitar a cooptação de crianças e adolescentes para o crime.

Todos os trabalhos que, de forma breve, foram aqui relatados e analisados são parte de organização, criatividade e cumprimento de demandas de uma comunidade. Saliento que não há, no ato de abordar essa temática, a defesa de que os moradores da comunidade tenham de se “salvar” por si mesmos, nem mesmo de que, ao se organizarem, tenham de se manter reclusos em seu território, criando guetos. Como aponta Bourdieu (2007), o capital cultural é um recurso de poder; o acesso a determinados conhecimentos e informações e a formação cultural permitem que os

sujeitos possam superar o *habitus*<sup>62</sup> imposto à classe trabalhadora. Adquirir esse capital é fundamental para as classes empobrecidas da população, para que possam combater e, possivelmente, mitigar as desigualdades geradas pelo sistema de produção capitalista.

Acredito que as iniciativas aqui apresentadas podem auxiliar o alcance de outros níveis de educação, cultura e cidadania e que, com isso, as pessoas do Morro do Papagaio tornam-se encorajadas a buscar o novo, diferentes lugares, práticas e convívios. Ampliando o universo cultural, enxergar o “tamanho do mundo” se torna uma tarefa menos complexa.

Entendo que esta seção da tese não era necessariamente indispensável. Porém, com os dados que obtive ao longo da pesquisa e conhecendo as ações comunitárias por meio da própria favela, interpretei como uma espécie de “pedido” para que esses trabalhos compusessem o produto final da pesquisa.

---

<sup>62</sup> Apresento a fala de Silva a respeito do conceito de *habitus* de Bourdieu, corroborando sobremaneira o trecho apresentado no texto: “*Habitus* é, segundo expressão do próprio Bourdieu, uma ‘inconsciência de classe’ que, para as classes menos favorecidas, atua no sentido da inação e reprodução de suas condições de vida” (SILVA, 1995, p. 26).

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização dessa pesquisa, busquei fazer uma análise do futebol enquanto possibilidade e manifestação de lazer para a comunidade do Morro do Papagaio na cidade de Belo Horizonte. Dentro desse escopo algumas observações interessantes puderam ser realizadas e retomo as principais delas neste momento do texto.

Cabe iniciar pontuando que um dos principais fatores que motivaram a realização deste trabalho foi no momento em que trabalhei como professor em uma política de esporte e lazer da PBH, o Esporte Esperança. Naquele contexto, avalei que essa iniciativa do poder público tinha dificuldade em atrair o público alvo do projeto e um dos diagnósticos feitos à época considerava que não havia uma aproximação, um paralelo entre os anseios da comunidade e o que era ofertado pela prefeitura no projeto. Neste mesmo diagnóstico a percepção era que a comunidade tinha uma forte relação com o futebol, principalmente o futebol comunitário, e essa característica do local foi ignorada ao se pensar em uma política de esporte e lazer.

Ainda pensando no poder público, é interessante ressaltar a questão do lazer enquanto um direito social. Entendo que a pesquisa conseguiu desvendar que a maior parte das atividades de lazer observadas no parque são de iniciativa própria dos moradores do Morro, mesmo sendo de responsabilidade do poder público oferecer o lazer para a sociedade de forma acessível. Essa realidade revela uma relevância ainda maior do Parque Jornalista Eduardo Couri, pois o equipamento instalado próximo à comunidade, de certa forma mitiga a falha no que se refere à garantia de direitos sociais, no caso o lazer. Contudo, isso não significa que não deva haver reivindicações e cobranças para uma intervenção de animação sociocultural que convide as pessoas a frequentar o espaço. Entendo que se deve buscar uma forma com que todas as potencialidades que o parque oferece sejam aproveitadas, fazer com que ele não seja somente utilizado, mas sim vivenciado.

Ainda não havendo esse protagonismo da esfera pública no fomento do lazer, as pessoas o fazem por iniciativas próprias, individuais ou se organizando em grupos. Pensando no parque de maneira geral, temos algumas formas de apropriação que observei durante a pesquisa. No caso dos moradores do morro, a circulação pelo

parque de forma mais intensa, era feita pelos mais jovens. Este grupo transita por muitos locais do parque, ainda que a maior parte do tempo se concentrem no “lado do Morro”. Já os “bacanas do asfalto” se restringem mais em utilizar o lado dos bairros (de onde eles vem) do parque, tendo como principais atividades de lazer a caminhada/corrída e os passeios com os animais de estimação. São nessas formas distintas de enxergar e utilizar o parque que se torna nítida a barreira social que seguindo uma orientação – que se torna concreta pela localização geográfica dos bairros “ricos” e pobres (morro) – também reverbera na forma de adentrar e utilizar um equipamento urbano de lazer.

Outro ponto, pertinente a ser resgatado, diz respeito à construção histórica da comunidade e do parque. Com os dados obtidos e sua análise, se percebe que o Morro do Papagaio e o Parque Jornalista Eduardo Couri passaram por diversas mudanças. Estes fatos mostram que a história dos locais, não é estática. A cidade é viva, dinâmica e está em constante construção/desconstrução. O caso dos campos, é um grande exemplo, uma vez que eles já estiveram em diversos locais, onde hoje está instalado o parque. Já para o parque, as principais mudanças, uma vez que ele já está instalado, é na forma de gerenciamento por parte da PBH, bem como as atividades que as pessoas optam por fazer nele.

No que se refere ao futebol como atividade de lazer para a comunidade, diversos são os pontos necessários a abordar neste momento. Início com os campos de futebol presentes no parque e como eles se configuram como o local que possibilita a principal atividade de lazer, que é o futebol comunitário, mas que também abriga outras manifestações de lazer que orbitam os campos, como as conversas após o futebol, a cerveja e o churrasco, o jogo de baralho, o samba ao vivo ou em aparelhos de som.

Aqui o entendimento é que o existe o estabelecimento de uma “mancha” urbana que promove o futebol amador. Pessoas de diferentes locais da cidade que se reúnem nos campos do parque para manifestar e viver um interesse comum que é o futebol comunitário. Ao mesmo tempo, os campos e os atores sociais da várzea do Morro do Papagaio constituem também um “circuito” do futebol comunitário na barragem. Uma vez que o local é reconhecidamente um dos protagonistas no que diz respeito

ao futebol amador na cidade de Belo Horizonte.

Ao lançar um olhar e interpretar os campos e suas proximidades como “pedaço” temos a pelada dos veteranos como a atividade que permite essa leitura. Na pelada há a formação do grupo, a sociabilidade entre os chegados. A recorrência da pelada e o reconhecimento do espaço dos campos como o local afeito a todos (entre a casa e a rua) permite essa interpretação.

Ainda fazendo um apontamento em relação aos campos, é necessário ressaltar que eles, assim como todo o parque, são espaços públicos. Contudo, a manutenção dos campos e a organização de seu uso é feita pela própria comunidade. E aqui, temos a atuação e o protagonismo da Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia. A associação, uma iniciativa dos próprios moradores do Morro do Papagaio faz a “gerência” dos campos e promove atividades como torneios e festivais no parque. Essa intervenção da associação acaba fomentando atividades de lazer para os moradores do Morro do Papagaio. Vale lembrar aqui que as atividades são, além do próprio jogo de futebol, os eventos, as festas, os jogos de cartas e a possibilidade de exercer o torcer nos jogos de futebol que são organizados pela associação.

Outro papel relevante da Associação Esportiva, no meu entender, é se contrapor ao projeto para colocação de grama sintética nos campos do parque. O principal problema nesse projeto é a forma com que ele é feito, pois sendo por parceria com empresas privadas, estas acabam com o controle quase total dos campos das comunidades. Assim, a resistência oferecida pela associação, é uma resistência à mercantilização dos campos do Parque Jornalista Eduardo Couri.

O Prointer foi parte importante no processo desta pesquisa. Foi a porta de entrada para a comunidade. Ao conhecer mais profundamente a realidade do clube, tive o entendimento do sentimento de pertencimento comunitário que partia dos moradores em relação ao time feminino do Prointer. Certamente por sua visibilidade e reconhecimento, dentro e fora do Morro do Papagaio, esse sentimento de pertencimento é nutrido em campeonatos e jogos amistosos em que o Prointer participa. Além disso, a partir do estudo do clube, pude fazer maiores reflexões acerca do futebol praticado por mulheres no Brasil, de forma mais geral.

Não está diretamente ligado ao futebol nos campos do parque, mas fizeram a composição deste texto, os projetos e iniciativas sociais que partem da própria comunidade e visam atender, principalmente, às pessoas da comunidade. Os trabalhos de Júlio Fessô, da Casa do Beco e do Pretinho, com o futebol de rua, demonstram, assim como todos os envolvidos com o futebol comunitário demonstraram, que os moradores do Morro do Papagaio são, em sua grande maioria, trabalhadores, criativos, preocupados com a coletividade (como demonstram as iniciativas estudadas). Uma comunidade que se organiza para animar (mesmo que de forma incidental) um equipamento grande como o Parque Jornalista Eduardo Couri não precisa se esconder ou temer qualquer desafio.

Para finalizar, acredito que esse trabalho pode contribuir, assim como vários outros já feitos sobre o futebol comunitário no Brasil em alguns pontos, mas saliento dois que entendo serem primordiais. A formação de uma agenda de interesse de pesquisa comum e o auxílio na proposição de políticas por parte dos gestores públicos. Assim, espero que essa relação entre comunidades (urbanas ou rurais), futebol e lazer continue despertando o interesse de pesquisadores e que os diálogos e redes acadêmicas, sejam cada vez mais ampliadas e fortalecidas a fim de que se estabeleça uma agenda científica para este campo de estudo. E no que se refere às políticas de lazer, ainda se faz necessário que a academia ocupe o espaço de um interlocutor. Uma ponte entre as informações obtidas com as pesquisas, onde demandas da população são registradas, com o poder público. Desta forma, ampliam-se as ferramentas para a elaboração de políticas públicas de lazer efetivas, voltadas para o segmento que dedicamos o trabalho de investigação. Mas ao mesmo tempo, essa interlocução possibilita que a população possa, ciente de que suas demandas podem ser ouvidas, se organizem para cobrar soluções e a implementação de projetos de interesse da sociedade.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO FILHO, Delcivaldo da Silva. **A importância dos projetos desportivos sociais na sociedade brasileira**: análise do projeto Riacho Doce – Belém, Pará, Brasil. 176 f. (Dissertação Mestrado) Faculdade de Desporto. Pós-graduação em Ciências do desporto. Universidade do Porto. Porto – Portugal. 2011.

ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE. **Histórias de bairros de Belo Horizonte**: Regional Centro-Sul. Coord. Cintia Aparecida Chagas Arreguy e Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte: APCBH – BH, 2008.

ARRAIS, Cristiano Alencar. A construção de Belo Horizonte e o projeto de memória de Aarão Reis. **Revista Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v.14, n.3, p.579-603, 2010.

BAPTISTA, Maria Manuel. **Estudos culturais**: o quê e o como da investigação. Carnets, Cultures littéraires: nouvelles performances et développement, n. spécial, automne /hiver. 2009. p.451-461.

BELO HORIZONTE. **Mapa altimétrico de Belo Horizonte**. Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte - Prodabel. 2015. Disponível em: [https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/politica-urbana/2015/planejamento-urbano/geo\\_altimetria\\_a3.pdf](https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/politica-urbana/2015/planejamento-urbano/geo_altimetria_a3.pdf)

BERGO, Renata Silva. **“Reinventando a escola”**: ideais, práticas e possibilidades de um projeto socioeducativo. 240 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2005.

BORSAGLI, Alessandro. O Vale do Córrego do Leitão em Belo Horizonte: contribuições da cartografia para a compreensão da sua ocupação. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA: passado e presente nos velhos mapas, 1. **Anais...** Conhecimento e poder. Paraty-RJ. mai. 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.) 9.ed. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2007. 251p.

BRAMANTE, Antonio Carlos. Lazer: concepções e significados. **Licere**, Belo Horizonte, v.1, n.1. p.9-17, set. 1998.

CAMILO, José Vitor. Casa mais antiga de BH sofre com o descaso e o abandono. **Jornal O Tempo**. 2016. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/casa-mais-antiga-de-bh-sofre-com-o-descaso-e-o-abandono-1.1329145>

CASTRO, Maria Angela Reis. **Guia de bens tombados de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte/Gerência de Patrimônio, 2006.

CORDEIRO, Leandro Batista. **Latitudes e longitudes do futebol sem fronteiras**. 294 f. Tese (doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer. Belo Horizonte, 2017.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissionalização**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre - RS, 2005.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. 1. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007. v. 1. 359p.

FARIA, Eliene Lopes. **A aprendizagem da e na prática social**: um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte. 229 f. Tese (doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2008.

FIGUEIRÊDO, Haroldo Moraes de. **O futebol, a igreja e a rua da telha**: a educação para o lazer no município de Vicência (1965-1970). 134 f. (Dissertação Mestrado) - Programa de pós-graduação em Educação. Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE. Recife - PE. 2008.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: Editora da UEC, 2002.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Panorama de Belo Horizonte - Atlas Histórico de Belo Horizonte**. Centro de Estudos Históricos e Culturais. Belo Horizonte, 1997. Coleção Centenário. 104p.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **30 anos da Convenção sobre os Direitos da Criança**: avanços e desafios para meninas e meninos no Brasil. Elisa Meirelles Reis *et al.* (Coord.). São Paulo – SP: UNICEF, 2019. 52 p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989. 323p.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Os caminhos do futebol praticado por mulheres no Brasil: entrevista com Silvana Goellner. **Revista FuLiA**. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v. 3, n. 3, set.-dez., p.170-177, 2018. Entrevista.

GOELLNER, Silvana Vilodre; SILVA, Paula; BOTELHO-GOMES, Paula. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no jornalismo esportivo de Portugal: um estudo sobre a Algarve women's football cup. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v.19, n.3, p.171-189, jul/set. 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre. KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP: Dossiê Copas do Mundo**. São Paulo, n.117, p.31-38. abr/mai., 2018.

GOIG, Ramon Llopis. **Fútbol postnacional transformaciones sociales y culturales del deporte global en Europa y América Latina**. Barcelona: Rubí: Anthropos



Editorial, 2009. 205p.

GOMES, Christianne Luce. Verbetes Lazer – Concepções. *In*: GOMES, Christianne Luce. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p.119-126.

GOMES, Lívio Rodrigues. **Entre campos e cantos**: para uma sociologia do futebol amador. 190 f. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Sociologia. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2013.

GONÇALVES, Alana Mara Alves. **Futebol amador**: campo emergente de sociabilidade. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará, UFC. Fortaleza, 2002.

GONÇALVES, Felipe Sobczynski. RECHIA, Simone. Espaços e equipamentos de lazer da Vila Nossa Senhora da Luz e suas formas de apropriação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Elsevier Editora. 2015.

HARVEY, David. O direito à cidade. **Revista Piauí**, n. 82, 2013. Tradução: Isa Mara Lando. Texto original: The Right to the City. New Left Review. n. 53. 2008.

HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**. São Paulo – SP: Ed. Hucitec, 1980.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação**: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ed. 7Letras, 2009. 588 p.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2013 – PNAD**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

ISAYAMA, Hélder Ferreira; GOMES, Christianne Luce. **O direito social ao lazer no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2015. Coleção Educação Física e Esportes.

LANSKY, Samy. **Na cidade, com crianças**: uma etno-grafia espacializada. 303 f. Tese (doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação. Belo Horizonte, 2012.

LEONELLO, João Carlos. **O associativismo como alternativa de desenvolvimento na dinâmica da economia solidária**. 147 f. Tese (doutorado). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de História, Direito e Serviço Social. Franca – SP, 2010.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. O (velho e bom) caderno de campo. **Revista Sexta-feira**, São Paulo, n. 1. Maio, 1997.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 1.ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 1998. v.1, p.166.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 17, n.49, p. 11-29, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O Circuito: proposta de delimitação da categoria. **Ponto Urbe - Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**. São Paulo, n.15, 2014.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. Campinas: Papyrus, 1987.

MARCELLINO, Nelson Carvalho; BARBOSA, Felipe Soligo; MARIANO, Stéphanie Helena. As cidades e o acesso aos espaços e equipamentos de lazer. **Revista Impulso**, Piracicaba, v.44, n. 17, p.55-66, 2006.

MARCELLINO, Nelson Carvalho *et al.* **Espaços e equipamentos de lazer em região metropolitana**: o caso da RMC - Região Metropolitana de Campinas. Curitiba, PR: Editora OPUS, 2007.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAYOR, Sarah Teixeira Soutto. **O futebol na cidade de Belo Horizonte**: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940. 358 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

MELO, Victor Andrade de. Educação estética e animação cultural: reflexões. **Licere**, Belo Horizonte, v.5, n.1, p.101-113, 2002.

MELO, Victor Andrade de. Animação cultural. *In*: GOMES, Christianne Luce (org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MELO, Victor Andrade de. "Projetos sociais" de esporte e lazer: reflexões, inquietações, sugestões. **Quaderns d'Animació i educació social**. quadernsanimacio.net. n. 7, jan. 2008.

MELO, Victor Andrade de. Lazer como ferramenta de ação social. *In*: MONTEIRO, Monica Borges; DIAS, Cléber. (orgs.). **Lazer e periferia**: um olhar a partir das margens. Rio de Janeiro: Inst. Usina Social, 2009.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MYSKIW, Mauro. **Nas controvérsias da várzea**: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre. 415 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-graduação em Ciências do

Movimento Humano. Porto Alegre, 2012.

NETTO, Gilberto da Motta e Silva. **Pertencimento clubístico**: uma avaliação da produção socioantropológica e novas possibilidades analíticas. ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 36. GT Esporte e Sociedade. **Anais...** Águas de Lindóia, 2012.

OLIVEIRA, Mariana Gomes de; MALDONADO, Daniel Teixeira. Análise midiática sobre o futebol feminino no Brasil: elementos didáticos para a Educação Física no ensino médio. **Motrivivência: Revista de Educação Física, Esporte e Lazer**. Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 01-21. jul/dez. 2020.

ORIGUELA, Milena Avelaneda; SILVA, Cinthia Lopes da. Jogos de futebol amador no clube: o ponto de vista dos espectadores. **Revista Licere**. Belo Horizonte, v.20, n.2, p.199-230. jun., 2017.

PAIVA, Maria Laura de Resende; GOLGHER, André Braz. Pobreza e desigualdade de renda em Belo Horizonte: uma análise para setores de habitação. **Revista de Economia**, v. 35, n. 2, p. 7-33, mai./ago. 2009.

PANOFSKY, Erwin. **Estudos de Iconologia**. Lisboa: Ed. Estampa, 1986.

PASSOS, Daniela. A formação do espaço urbano da cidade de Belo Horizonte: um estudo de caso à luz de comparações com as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. **Revista Mediações**, Londrina - PR, v.21 n.2, p. 332-358, jul./dez. 2016.

PEREIRA, Josemeire Alves. **O tombamento do “casarão da Barragem” e as representações da favela em Belo Horizonte**. 250f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História. Campinas – SP, 2012.

PEREIRA, Rafael Melo; CASTRO, Carolina Lescura de Carvalho; CHEIBUB, Bernardo Lazary. Favela ou comunidade? Como os moradores, guias de turismo e outros agentes sociais compreendem simbolicamente o “Morro” Santa Marta (RJ)? **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 6, n. 3, p. 23-36, set./dez. 2019.

PERSON, Elisangela. **Espaços de permanência e passagem**: contribuição para a elaboração de diretrizes ambientais e de acessibilidade para o desenho urbano. 156 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Brasília, 2006.

PIMENTA, Rosângela. Futebol amador na cidade e no sertão: o jogo das regras e a dinâmica figuracional elisiana. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, 12. **Anais...** Recife – PE. nov. 2009.

PNUD. **Atlas do Desenvolvimento Humano**. Ranking decrescente do IDH-M dos municípios do Brasil. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. jul. 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Esporte Esperança**. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/esportes-e-lazer/esporte-esperanca>.

PUGLIESE, Vera. A problematização do método Panofskyano na historiografia da arte. *In*: RANGEL, Marcelo de Mello; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; ARAÚJO, Valdeci Lopes de (orgs). Caderno de resumos & Anais. SEMINÁRIO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA, 6. **O giro-linguístico e a historiografia**: balanço e perspectivas. Ouro Preto. UFOP, 2012.

RECHIA, Simone; BETRÁN, Javier Olivera. Parques urbanos de Barcelona: relação entre usos principais e combinados, a diversidade nas formas de apropriação e a segurança. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 181-202, julho/setembro de 2010.

RIBEIRO, Adriana Miranda; GARCIA, Ricardo Alexandrino. Segregação socioespacial em Belo Horizonte: uma aplicação de modelos difusos. **Revista GEOgrafias Artigos Científicos**. Belo Horizonte v.1; n.1. p.86-97 jul-dez. 2005.

RIBEIRO, Raphael Rajão. Festivais esportivos varzeanos em Belo Horizonte: memória social da cultura futebolística popular. **Revista FuLiA**, Universidade Federal de Minas Gerais, v.3, n.3, p.10-36, set/dez., 2018.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A várzea e a metrópole**: futebol amador, transformação urbana e política local em Belo Horizonte (1947-1989). 484 f. Tese (doutorado). Fundação Getúlio Vargas. Escola de Ciências Sociais. Programa de Pós-graduação em História, política e bens culturais. Rio de Janeiro, 2021.

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um futebol sem fronteira**. 245 f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, 2001.

RIGO, Luiz Carlos. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. **Pensar a Prática**, v.10, n.1, p. 83-98, 2007.

RIGO, Luiz Carlos; JAHNECKA, Luciano; SILVA, Inácio Crochemore Mohnsan da. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. **Movimento** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v.16, p.153-177, 2010.

RUA, Maria das Graças. Análise de políticas públicas: conceitos básicos. *In*: RUA, Maria das Graças; VALADAO, Maria Izabel. **O estudo da política**: temas selecionados. Brasília: Paralelo 15,1998.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SANTOS, Bruno Hermes de Oliveira. Um sonho de pertencimento: o fenômeno comunitário à luz do pensamento de Zygmunt Bauman. **Revista Habitus: Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 113-120, dez. 2014.

SANTOS, Jefferson Sabino dos. **Do terrão ao society**: campos de várzea em São Paulo sofrem transformação. (entrevista). Portal Terra. Guilherme Amaro. Portal Terra/ Esportes; Futebol. dez. 2019. Disponível em:

<https://www.terra.com.br/esportes/futebol/do-terrao-ao-society-campos-de-varzea-em-sao-paulo-sofremtransformacao,6a0ef530df53b67ee31c2bde2f766486751otk0d.html>

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. **O arpão e o anzol**: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriçu, Amapá). 402 f. Tese (doutorado). Programa de pós-graduação em Antropologia Social. Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

SCHERER-WARREN, Ilse. Movimentos sociais e participação. *In*: SORRENTINO, Marcos. (Org.). **Ambientalismo e participação na contemporaneidade**. São Paulo - SP: EDUC/FAPESP, 2001.

SCIRÉ, Claudia D'Ipolitto de Oliveira. **Consumo popular, fluxos globais**: práticas, articulações e artefatos na interface entre a pobreza e a riqueza. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Sociologia. Universidade de São Paulo, USP, Brasil. 2009.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. **INFORMARE - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**. v.1, n.2, p.24-36, jul./dez. 1995.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Org. Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ed. Ática, 1983.

SIMMER, Henrique Freire; SILVA, José Geraldo Ferreira da. A importância dos projetos sociais desportivos para evitar a inserção do adolescente na criminalidade. *In*: SILVA Américo Junior Nunes da; SOUZA, Ilvanete dos Santos de; LIMA, Reinaldo Feio. (orgs.). **Educação e a apropriação e reconstrução do conhecimento científico**. Ponta Grossa – PR: Ed. Atena, 2020. 217 p.

SOUZA, Adriano Lopes. *et al.* Levantamento e análise do desenvolvimento da produção e do estudo sobre o futebol. *In*: COUTO, Ana Cláudia Porfírio *et al.* (Orgs.). **Políticas Públicas de Esporte e Lazer**: Centro MG da Rede CEDES. 1.ed. Belo Horizonte: Utopika Editorial, 2019. v. 1, p. 1-177.

SPAGGIARI, Enrico. **Tem que ter categoria**: construção do saber futebolístico. (Dissertação Mestrado) Pós-graduação em Ciência Social - Antropologia Social. Universidade de São Paulo, USP. Brasil. 2009.

SPAGGIARI, Enrico. **Família joga bola**. Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. (Tese Doutorado) Pós-graduação em Ciência Social - Antropologia Social. Universidade de São Paulo, USP. Brasil. 2014.

SPESSATTO, Marizete Bortolanza. Língua e identidade: o pertencimento à comunidade e a variação linguística em adolescentes descendentes de italianos. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID)**, 5, p. 35-52, Jan. 2011.

STIGGER, Marco Paulo. Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Revista Movimento**. UFRGS. Porto Alegre, Ano IV, n.7, p. 52-66, 1997.

TAVARES, Alessandra Kelly. **Ações culturais nas periferias de São Paulo: identidades e territórios em questão**. 2012.

TUAN, Yi-Fu **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Ed. DIFEL, 1980. 288 p.

VAINER, Carlos Bernardo. Cidades, cidadelas e a utopia do reencontro: uma reflexão sobre tolerância e urbanismo. **Cadernos IPPUR**, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p.33-46. 1998.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela**: do mito de origem à favela. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 204 p.

VASQUES, Ricardo Barbosa *et al.* **A carreira no futebol feminino no município do Rio de Janeiro – sucessos e fracassos**. Coleção Pesquisa em Educação Física - v.9, n.2, p. 15-22. 2010.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2002. 294p.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. 503 p.

## SITES CONSULTADOS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE FAVELAS (ANF). Disponível em: [www.anf.org.br/favelas-ou-comunidades/](http://www.anf.org.br/favelas-ou-comunidades/)

CASA DO BECO. Disponível em: <http://www.casadobeco.org.br/>

CIRCUITO GASTRONÔMICO DE FAVELAS. Disponível em: [circuitogastronomicodefavelas.com](http://circuitogastronomicodefavelas.com)

ESPORTE ESPERANÇA /PBH. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/esportes-e-lazer/esporte-esperanca>

FMF. **O histórico dos Campeonatos Mineiros de Futebol Feminino.** Disponível em: <http://fmf.com.br/Competicoes/ProxJogos.aspx?d=7>

FMF. Disponível em: [fmf.com.br](http://fmf.com.br)

IMAGENS inauguração do Parque. Disponível em: <https://arqgrama.com.br/projetos/item/56-barragem-santa-lucia>

JORNAL BRASIL DE FATO. **Levantamento de dados sobre raça e desigualdade de renda (2021).** Disponível em: <https://www.brasildefatomg.com.br/2021/06/16/opinioao-bh-487-bairros-e-enorme-desigualdade-de-renda-genero-raca-e-mobilidade>

JORNAL ESTADO DE MINAS. **Chuva intensa preocupa moradores do entorno da Barragem Sta Lúcia.** Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/01/24/interna\\_gerais,1116684/chuva-intensa-preocupa-moradores-do-entorno-da-barragem-santa-lucia.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/01/24/interna_gerais,1116684/chuva-intensa-preocupa-moradores-do-entorno-da-barragem-santa-lucia.shtml)

JORNAL ESTADO DE MINAS. **Saiba mais sobre a obra na Barragem Sta Lúcia, que deve ser concluída no fim do ano.** Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/09/20/interna\\_gerais,990211/entenda-a-obra-na-barragem-santa-lucia-objetivo-e-evitar-alagamentos.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/09/20/interna_gerais,990211/entenda-a-obra-na-barragem-santa-lucia-objetivo-e-evitar-alagamentos.shtml)

JORNAL HOJE EM DIA. **Programa Vila Viva.** Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/pbh-conclui-constru%C3%A7%C3%A3o-de-20-casas-populares-no-aglomerado-santa-l%C3%BAcia-1.688166> e no site do programa Vila Viva no portal da PBH: <https://prefeitura.pbh.gov.br/urbel/vila-viva>

JORNAL HOJE EM DIA. **Matéria sobre a troca de figurinhas durante a Copa do Mundo de 2018.** Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/colecionadores-trocam-figurinhas-do-%C3%A1lbun-da-copa-do-mundo-na-barragem-santa-l%C3%BAcia-1.608651/troca-de-figurinhas-na-barragem-santa-l%C3%BAcia-7.1267474>

JORNAL O TEMPO. **Matéria sobre a troca de figurinhas durante a Copa do Mundo de 2014.** Disponível em: <https://www.otempo.com.br/hotsites/copa-do-mundo->

2014/troca-de-figurinhas-une-colecionadores-1.847419

MÃOS DO MORRO / SEBRAE. Disponível em:  
<http://www.se.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/MG/gastronomia-do-morro-do-papagaio-sera-apresentada-durante-a-feira-do-empendedor,8fc74102eebcd610VgnVCM1000004c00210aRCRD>

PARQUE DAS NASCENTES / PBH. Disponível em:  
<https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-de-parques-e-zoobotanica/informacoes/parques/nascentes-barragem-santa-lucia>

PORTAL TERRA. **Matéria sobre futebol de várzea em São Paulo.** Disponível em:  
<https://www.terra.com.br/esportes/futebol/do-terao-ao-society-campos-de-varzea-em-sao-paulo-sofrem-transformacao,6a0ef530df53b67ee31c2bde2f766486751otk0d.html>

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Notícia sobre o projeto Várzea Viva** / PBH. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/dois-campos-de-futebol-da-regiao-leste-de-belo-horizonte-serao-requalificados>

PROGRAMA FICA VIVO/SEJUSP – MG. Disponível em:  
<http://www.seguranca.mg.gov.br/2013-07-09-19-17-59/centros-de-prevencao-a-criminalidade>.



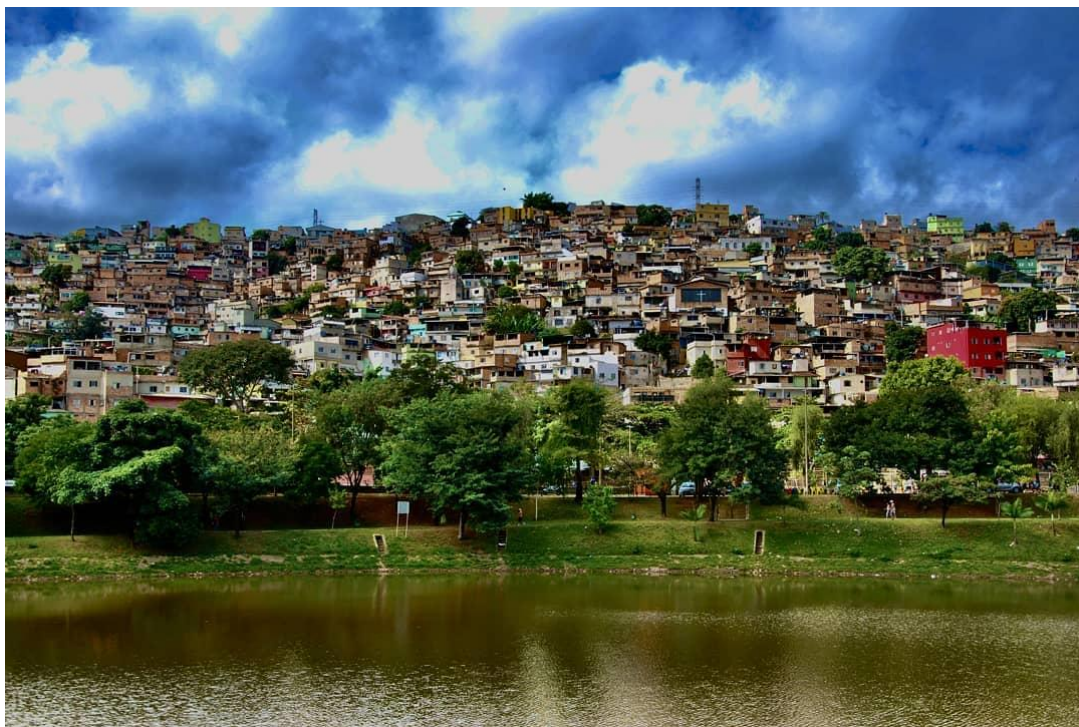
## **APÊNDICE A BANCO DE IMAGENS**

### **O MORRO**

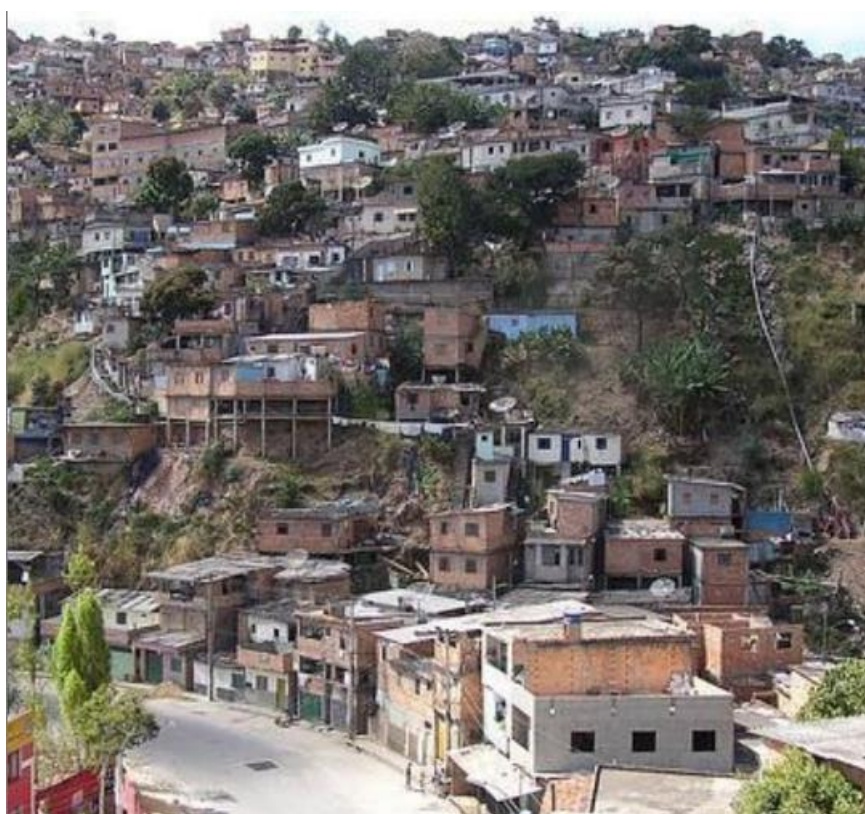
As duas primeiras fotografias apresentam a comunidade do Morro do Papagaio. A intenção ao selecioná-las foi mostrar a comunidade de uma forma ampla. A primeira delas detalha, além das casas, a lagoa e a pista de caminhada e a parte plana dos campos (atrás das árvores).

A segunda fotografia, mostra de forma mais aproximada a comunidade e o detalhe da entrada da comunidade via Av. Arthur Bernardes.

Ambas fotografias foram obtidas pela rede social Instagram.



1. Barragem Santa Lúcia e Morro do Papagaio ao fundo (2020). Foto: Júlio Fessô (Instagram).



2. Entrada do Morro pela Av. Arthur Bernardes. Batalhão do CBM no canto inferior eq. (2021).  
Foto: @favelasbrasil

## **O MORRO VISTO DO PARQUE E A VISÃO DO PARQUE**

As duas próximas fotos (3 e 4) mostram a comunidade do Morro do Papagaio. A primeira delas é a vista do Aglomerado a partir do Parque Jornalista Eduardo Couri.

A segunda fotografia é uma panorâmica da favela e do parque, dando destaque aos campos velho e novo, à lagoa e à comunidade do Morro do Papagaio.

A fotografia 3 tem como fonte a rede social (Instagram) do Júlio Fessô. A foto 4 é de autoria de Silvia Castro, presente no trabalho de Pereira (2012).





3. Morro do Papagaio vista da orla da lagoa da Barragem. (2020). Foto: Júlio Fessô (Instagram).



4. Vista do Morro do Papagaio, campos e barragem. Início dos anos 2000. Foto: Silvia Castro.  
Fonte: Josemeire Pereira (2012)

## **O PRINTER NA COMUNIDADE. O PRINTER É A COMUNIDADE**

As fotografias 5 e 6 mostram o Printer em duas situações distintas mas que reafirmam a importância dele para representação da comunidade.

A foto 5, registra uma partida contra o América em 2018. Jogando no campo novo. Diante da comunidade. Jogando NA comunidade.

A fotografia de número 6 é o campo sendo preparado para uma partida da Taça das Favelas. Também em 2018 e com o Printer representando o aglomerado. Ali, o Printer era a comunidade.

Aliás, nos dois casos ele era a comunidade...

Ambas fotos são registros de Felipe Abrantes



5. Pointer x América (2018). Foto: Felipe Abrantes



6. Campo do Complexo Poliesportivo do Vale do Jatobá. Momentos antes da partida do Pointer (representando o Aglomerado Sta. Lúcia). Taça das Favelas, 2018. Foto: Felipe Abrantes

## **CAMPO NOVO, O PALCO PRINCIPAL**

As fotografias (7 e 8) que seguem, mostram o campo do parque que recebe o maior número de partidas. O campo novo.

O registro da primeira foto foi durante uma ação em comemoração ao dia das crianças, realizada por uma rádio de Belo Horizonte. Algumas tendas com brincadeiras foram instaladas e recebiam um grande número de crianças. Ao fundo acontece o jogo amistoso entre Prointer e Atlético.

A foto 8, é uma partida disputada durante um festival organizado pela Associação Esportiva. O jogo entre a Associação Atlético Santa Lúcia e Papagaios, ambos times da comunidade.

Os dois registros foram feitos por Felipe Abrantes.





7. Oficinas e brincadeiras. Ação no dia das crianças. Jogo amistoso (feminino): Pointer x Atlético acontecendo no campo novo. Foto: Felipe Abrantes



8. Festival da Associação Esportiva: Associação Atlético Santa Lúcia x Papagaios. Foto: Felipe Abrantes



### **O CAMPO VELHO, A ALTERNATIVA PARA DIAS CHEIOS**

A foto 9, mostra um jogo “comunitário amador” acontecendo no campo velho. Ao fundo podemos ver um grupo de moradores acompanhando a partida próximo ao quiosque do Robertão.

Registro: Felipe Abrantes

### **AS BELAS CORES DE UM TOQUE EM P&B**

A fotografia (10), com esse toque certo de uma jogadora do Printer é o pontapé inicial de uma série de belas fotos de Taciana Santana. Fotógrafa que acompanha o Printer.

Foto: Taciana Santana



9. Torneio da Associação no campo velho. Ao fundo pessoas acompanham o jogo próximo ao bar do Robertão. Foto: Felipe Abrantes



10. Pointer (futebol feminino) - 2020. Foto: Taciana Santana.  
Instagram: tasantanna\_fotodesign

## **FUTEBOL NA PELE, UNIÃO E FÉ**

As fotos 11 e 12, mostram jogadoras do Prointer se preparando para jogos. A primeira fotografia evidencia a paixão pelo futebol gravada na pele. A segunda imagem detalha o momentos de união da equipe e a demonstração de fé das jogadoras.

Fotos: Taciana Santana



11. Preparação para o jogo. Prointer (feminino) – 2020. Foto: Taciana Santana.  
Instagram: tasantanna\_fotodesign



12. Preparação para o jogo. Prointer (feminino) – 2020. Foto: Taciana Santana.  
Instagram: tasantanna\_fotodesign

## **PREPARAÇÃO, PROTEÇÃO E COMEMORAÇÃO**

A fotografia 13 mostra a preparação das jogadoras do Prointer realizando um aquecimento para um jogo.

A foto seguinte (14) detalha a goleira da equipe encaixando a bola após uma defesa.

Na imagem 15, temos, coração para a torcida, alegria e sorriso na comemoração de um gol.

Fotos: Taciana Santana





13. Preparação Prointer (feminino) 2021. Foto: Taciana Santana.  
Instagram: tasantanna\_fotodesign



14. Prointer em ação (feminino) 2021. Foto: Taciana Santana.  
Instagram: tasantanna\_fotodesign



15. Prointer em ação (feminino) 2021. Foto: Taciana Santana.  
Instagram: tasantanna\_fotodesign

### **BOLA: O OBJETO DE DISPUTA**

As duas fotos seguintes (16 e 17) ilustram que o futebol também é uma “batalha” de força física.

As jogadoras do Prointer disputando a bola em um jogo no campo velho (16) e em um jogo no campo novo (17).

Fotos: Taciana Santana.



16. A bola em disputa. Prointer (feminino) no campo velho.  
Foto: Taciana Santana. Instagram: tasantanna\_fotodesign



17. A bola em disputa. Prointer (feminino).  
Foto: Taciana Santana. Instagram: tasantanna\_fotodesign



### **PORTAL DE ENTRADA DO PARQUE...**

A foto 18 mostra a entrada do parque quando chegamos pelo lado “dos bacana do asfalto”. O portal é uma moldura que coloca na “tela” a maior parte do parte que está abaixo, mas também tem o Morro do Papagaio como pano de fundo.

### **...E FIM DE FUTEBOL. HORA DE PENDURAR AS CHUTEIRAS (?)**

Fechando o Banco de Imagens temos o famoso “varal de chuteiras” que fica ao lado do campo novo. Vejo esse varal como um “outro portal de entrada” do parque. O portal de entrada para quem chega vindo do Morro. Um portal construído aos poucos e coletivamente.

Fotos: Felipe Abrantes



18. Portal do Parque Jornalista Eduardo Couri. Morro do Papagaio ao fundo. Foto: Felipe Abrantes



19. Fim de tarde. Pelada e chuteiras penduradas. Foto: Felipe Abrantes

**APÊNDICE B**  
**TCLE ENTREVISTA PESQUISA**  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “A BOLA NO PÉ DO MORRO”: o futebol como campo de possibilidades de lazer no Morro do Papagaio em Belo Horizonte – MG. Neste estudo pretendemos investigar como o futebol se manifestam e se apresenta como uma opção de lazer para a comunidade do aglomerado Sta. Lúcia (Morro do Papagaio) na cidade de Belo Horizonte.

O motivo que nos leva a estudar se alicerça na ideia de que um estudo do lazer, envolvendo especificamente o futebol em Belo Horizonte é de suma importância para uma melhor compreensão desta significativa atividade de lazer para a população belo-horizontina residente no Morro do Papagaio.

Sua participação neste estudo consiste na realização de entrevista. Na entrevista abordaremos como é o seu momento de lazer envolvendo o futebol na comunidade, qual a sua relação com outras pessoas que também estão envolvidas com o futebol; qual a importância e de que forma o futebol se manifesta na comunidade. **Não** existe nenhum risco a sua integridade física inerente a atividade que realizaremos e você poderá por qualquer motivo não responder ou abandonar a pesquisa sem que isso lhe cause ônus. Também não há nenhum tipo de ressarcimento por sua participação. A entrevista será gravada e tem duração de aproximadamente **15** minutos.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para aceitar ou recusar-se a participar da pesquisa. Poderá também retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. Por ser voluntária, a recusa em participar do estudo não acarretará em penalidades ou irá modificar a forma de tratamento por parte do pesquisador.

O pesquisador irá tratar a sua identidade com total sigilo. Sua entrevista e os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr(a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, na sala do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG e a outra será fornecida a você. Também será arquivada (em computadores) do GEFuT as gravações realizadas neste estudo.

Caso haja danos decorrentes dos riscos previstos, o pesquisador assumirá a responsabilidade pelos mesmos.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de identidade \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos do estudo “A BOLA NO PÉ DO MORRO”: o futebol como campo de possibilidades de lazer no Morro do Papagaio em Belo Horizonte – MG, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do voluntário

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

**APÊNDICE C**  
**TERMO DE ANUÊNCIA ASSOCIAÇÃO**

**DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO DA BARRAGEM SANTA LÚCIA NA PESQUISA:**

“A BOLA NO PÉ DO MORRO”: o futebol como campo de possibilidades de lazer no Morro do Papagaio em Belo Horizonte – MG

Eu \_\_\_\_\_, responsável pela **Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia** declaro que estou ciente e autorizo a realização da pesquisa "A BOLA NO PÉ DO MORRO": o futebol como campo de possibilidades de lazer no Morro do Papagaio em Belo Horizonte – MG no Parque Jornalista Eduardo Couri (Parque da Barragem). Declaro também que fui informado de todo procedimento a ser realizado com os moradores da comunidade e aos visitantes do parque (entrevistas e observação). Estou ciente que a participação neste estudo não acarretará custos, tão pouco vantagens financeiras para a associação, bem como a retirada desta anuência, que poderá ser feita a qualquer momento. Foi garantido ainda o sigilo de minhas identidades pessoais e profissionais, bem como dos voluntários que participarão do estudo.

Caso haja danos decorrentes dos riscos previstos, o pesquisador assumirá a responsabilidade pelos mesmos.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos do estudo “A BOLA NO PÉ DO MORRO”: o futebol como campo de possibilidades de lazer no Morro do Papagaio em Belo Horizonte – MG, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste documento e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do voluntário

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

**APÊNDICE D**  
**TERMO DE ANUÊNCIA PROINTER**

**DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA DO PROINTER FUTEBOL CLUBE NA PESQUISA:**

“A BOLA NO PÉ DO MORRO”: o futebol como campo de possibilidades de lazer no Morro do Papagaio em Belo Horizonte – MG

Eu \_\_\_\_\_, responsável pelo **Prointer Futebol Clube** declaro que estou ciente e autorizo a realização da pesquisa “A BOLA NO PÉ DO MORRO”: o futebol como campo de possibilidades de lazer no Morro do Papagaio em Belo Horizonte – MG no Parque Jornalista Eduardo Couri (Parque da Barragem). Declaro também que fui informado de todo procedimento a ser realizado com os moradores da comunidade e aos visitantes do parque (entrevistas e observação). Estou ciente que a participação neste estudo não acarretará custos, tão pouco vantagens financeiras para a associação, bem como a retirada desta anuência, que poderá ser feita a qualquer momento. Foi garantido ainda o sigilo de minhas identidades pessoais e profissionais, bem como dos voluntários que participarão do estudo.

Caso haja danos decorrentes dos riscos previstos, o pesquisador assumirá a responsabilidade pelos mesmos.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos do estudo “A BOLA NO PÉ DO MORRO”: o futebol como campo de possibilidades de lazer no Morro do Papagaio em Belo Horizonte – MG, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste documento e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do voluntário

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

## APÊNDICE E TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

### I. Entrevista Júlio Fessô (arte-educador e líder comunitário do Morro do Papagaio)

**1. Primeiramente gostaria que você falasse se aceita participar e que se apresentasse. Nessa apresentação você pode dizer as informações sobre você mais gerais, como nome, idade, profissão, onde mora...**

*Olá meu nome é Júlio César Evaristo de Souza, mais conhecido como Júlio Fessô. Sou líder comunitário aqui no Morro do Papagaio. Estou ciente e de acordo com a pesquisa. Vou responder as perguntas com prazer. Minha profissão... Eu sou impressor serigráfico, pintor, artista, poeta, rapper... Sou várias coisas... Arte-educador. Tenho 45 anos, nascido e criado no Morro do Papagaio na região centro-sul de Belo Horizonte.*

**2. E sua história com o Morro do Papagaio? Qual é?**

*Com eu disse, tenho 45 anos de morro do papagaio... E minha história com o Morro né é muito... Não tem como falar de Júlio Fessô sem falar do Morro do Papagaio né... É onde eu nasci fui criado, aqui eu tenho o respeito das pessoas e também tenho o respeito pelas pessoas. Tenho uma admiração enorme né aqui... Também tive momentos difíceis em um período em que eu me envolvi com o uso de drogas, mas tive o apoio da minha família e da comunidade pra sair dessa, graças a Deus. Hoje sou líder comunitário dessa comunidade que tanto me ensina.*

**3. Como surgiu o projeto Eu amo minha quebrada?**

*O projeto eu amo minha quebrada surgiu com o meu desejo de mostrar a favela como ela é de fato... Porque geralmente a mídia, no geral ela só mostra a parte triste das comunidades como um todo, né, por exemplo... A gente faz várias festas, várias ações, vários projetos dentro da comunidade e uma vez ou outra aparece alguém da mídia para dar uma ênfase, mas se soltar um foguete aqui um repórter acaba atropelando o outro achando que é tiroteio... Então, a mídia em si quer mostrar isso... Então, o movimento "Eu amo minha quebrada" surgiu com esse objetivo... e como a gente ia fazer isso? Usando né... no melhor sentido da palavra, os moradores, principalmente os adolescentes através de cursos e ações que mostrassem o morro como ele é de fato. Então a gente tem aqui... Agora não 'tá' tendo no momento por causa da pandemia, mas a gente tem aqui curso de serigrafia, curso de fotografia, curso de poesia, curso de youtuber, esse tanto de coisa... Né... Cursos vários... De designer, e a ideia é que os adolescentes principalmente sejam protagonistas de sua própria história e aí é colocar isso nas redes sociais, na mídia e por isso surgiu o movimento eu amo minha quebrada que acabou crescendo. Hoje a gente tem o apoio*

*de muitos voluntários de fora... a gente trabalha em várias áreas... Na cultura, na saúde, na educação, no esporte, no lazer... Inclusive você falando do esporte, eu criei o projeto que chama pontapé inicial e o projeto pontapé inicial é diferente de todos que tem aqui. Até mesmo porque a maioria dos projetos que tem aqui tem a mesma identidade. E eu fiquei vendo muitas crianças que só iam até os projetos, mas que ficavam de fora das quadras ou de fora dos campos, olhando... Aí eu procurei saber porque... Alguns eram porque já estavam no projeto, mas era bagunceiro e aí saíram por causa da indisciplina que outros porque era ruim de bola mesmo... Outros porque estavam fora do peso e não era o perfil do projeto... Então eu criei o pontapé inicial que hoje tem mais de 60 adolescentes e crianças... eu chamo eles de atletas, mas o objetivo não era ensinar o futebol, mas promover a cidadania e a inclusão social, então tem menino que tem distúrbio mental, tem pessoas e crianças acima do peso, tem os bom de bola, tem os ruim de bola, tem os menino que é considerado problemático pelas outras pessoas mas se dão super bem. Inclusive a gente foi selecionado para estar nas peneiras dos times grandes aí de Belo Horizonte. Então é... A gente atua no eu amo minha quebrada em várias partes, por exemplo, nesse momento de pandemia, o nosso espaço de ações de oficinas virou um quartel general onde a gente recebe doações e repassa. A gente criou também uma ação que chama calor humana que é um grupo de voluntários da assistência, da suade, enfermeiros e médicos que vem para a ruas do morro, em lugares específicos né fazendo um rodízio de lugares e aí a gente testa as pessoas, faz aferição de pressão, temperatura, glicose... E as pessoas que estão com o perfil para ser testada, a gente fez uma vaquinha para comprar testes... A gente testa e orienta sobre os perigos, sobre o risco... A gente também distribui máscara e álcool em gel.*

#### **4. Quais são os objetivos do projeto?**

*Então eu falei antes né, o Eu amo minha quebrada trabalha em diversas áreas com diversos projetos. Temos por exemplo o projeto de leitura que chama ponto de incentivo a leitura que a gente recolhe livros de doação, livros literarios e coloca nos comercios para que as pessoas possam estar pegando lendo e trazendo de volta. O objetivo desse projeto é incentivar a leitura dentro da comunidade. Tem também outro projeto de leitura que é a rua do livro, que é uma feira livre ne... além de levar varios livros literarios paras todas idades na rua, uma especie de feira gratuita, tem também outras atividades como grafite, poesia, sarau, tem também roda de conversa, aula de teatro... são 5 eventos no ano... por causa da pandemia não está acontecendo e a gente acabou tendo que reinventar... estamos fazendo a roda de conversa virtual onde a gente entrega livros para as crinaças lerem com a familia. Pra quem tem internet a gte gente manda o livro digital, aí as crianças e a familia leem fazem um resumo e manda para a gente, ao mandar o resumo elas ganham um brinde. Alem desses projetos tem muitos outros... além dos que a gente cria tem os que a gente participa como o favela bela que é um projeto do Pelé que é um artisita plástico aqui do morro, de colorir a comunidade.*

#### **5. Existem ações em conjunto ou em parceria com outros projetos?**

*Além de idealizador e gestor do movimento “Eu amo minha quebrada” sou co-fundador da ONG fa.vela, que trabalha o empreendedorismo social dentro das comunidades. Também sou co-fundador do pre-ênem Morro do Papagaio um cursinho ne, um pre vestibular que capacita, prepara moradores da comunidade que não tem condições de pagar para o ENEM. Sou representante da ONG norte-americana FTK - liberdade através do conhecimento que também trabalha na área da educação. Trabalhei no consultório de rua centro-sul que é um equipamento do SUS que trabalha com a população em situação de rua na área da saúde, por 6 anos e fui instrutor do Fica Vivo por quase 5 anos.*

**6. Como é a participação/envolvimento da comunidade com as ações do projeto?**

*Então, os projetos que a gente desenvolve aqui tem uma adesão grande, é bacana porque a gente não faz nada sozinho, né? A gente faz os questionamentos e solta dentro da comunidade através do boca a boca, das redes sociais, do whatsapp propondo as dinâmicas, o quê que eles acham que seria interessante ter dentro do projeto para a comunidade... aí as pessoas dão dicas, né? Aí a gente cria esse cronograma junto. A gente corre atrás de elaborar junto com a comunidade e a adesão é bacana... as vezes chega a não ter vaga o suficiente para todos e a gente tem que fazer mais oferta em outros turnos...*

**7. Quer acrescentar, dizer algo que julga importante e que não foi abordado?**

*Algo que julgo importante dizer e ainda não foi abordado é que a Vila Barragem Santa Lúcia é uma vila dentro do morro, a Vila Estrela é uma vila dentro do morro, a Vila Santa Rita de Cássia é uma vila dentro do morro, a Vila Carrapato, a Vila São Bento, o Gran Ville também são vilas dentro do morro... O morro do papagaio é um só... É uma favela maior que muitas cidades por aí... É uma favela quase centenária, e esse nome morro do papagaio acho que precisa ser considerado né, faz parte da história, dizer que o Morro do Papagaio é um lugar muito bom de viver, a convivência é bacana, os projetos aqui são maravilhosos, não só o meu, tem vários outros projetos também que são maravilhosos... É isso!*

**II. Entrevista Carolina (professora e dançarina integrante da CIA Casa do Beco)**

**1. Fale um pouco sobre você. Nome, Profissão, idade, formação e outras informações que julgar pertinente.**

*Eu sou Carolina Oliveira, tenho 26 anos, sou formada em Educação Física pela UFMG, e atualmente sou professora designada no Estado de Minas.*

**2. Você é moradora do Morro do Papagaio? Qual a sua história na comunidade?**

*Sim. Eu sou moradora do morro do papagaio. Desde que nasci. Vim ao mundo e vim direto pro Morro do Papagaio. Minha história com o morro é muito doida assim... eu costumo pensar e dizer que eu quase nasci dentro do morro. Porque eu nasci num hospital que antigamente chamava Hospital São Bento. Atualmente se chama Hospital São Francisco se não me engano e ele fica onde hoje é a Vila Predinhos né... que*



*onde eles fizeram... onde depois de um processo de desapropriação de casas aqui no morro, foi feito um conjunto habitacional de predinhos da prefeitura e que aí a gente entende né que hoje faz parte da comunidade e a gente apelidou carinhosamente de Vila Predinhos... e fica do lado da Vila Predinhos, antes não tinha nada era só mato mas hoje tem lá essa vila que a gente acredita fazer parte ainda do morro porque a maior parte dos moradores que foram desapropriados aqui a partir do programa vila viva, moram atualmente na Vila Predinhos... Então essa é um pouco da minha história assim com o morro... Estudei nas escolas... nas creches né... desde pequena estudei nas creches do morro e estudei também na escola Dona Augusta, que fica no pé... basicamente no pé do morro, divisa com a barragem Santa Lúcia.*

### **3. Você sabe como surgiu a casa do Beco? Como se deu a construção dessa iniciativa? Como se deu a sua entrada neste espaço cultural?**

*Então... sobre a Casa do Beco eu sei algumas coisas, né... porque desde quando me entendo por gente eu acompanho algumas coisas da Casa. Quando mais nova eu já entendia a importância e dimensão de algumas coisas, mas hoje com uma consciência melhor disso, mas já acompanho tudo desde muito nova. A Casa do Beco vai fazer 25 anos de existência. E a iniciativa partiu, da ideia de um grupo de moradores que faziam teatro e que na época se chamava Grupo do Beco. Que hoje inclusive é o grupo artístico da Casa do Beco. Então esse grupo pensou... porque não? Vamos fundar um espaço social no Morro do Papagaio... que a gente consiga levar cultura, né levar o acesso para o moradores da nossa comunidade. Então veio da ideia desses, se não me engano 5 ou 6 jovens. Aí a gente tem grandes nomes como o Nil Cesar, a Janete... que ainda fazem parte da Casa do Beco, principalmente a figura do Nil, que é uma pessoa que pode contar muito bem essa história, né? Porque basicamente é a história da vida dele, do grupo do Beco... então o que eu conheço da história e que consigo contar e que se iniciou dessa idealização de alguns moradores que queriam trazer cultura e isso há 25 anos atrás, né... Atualmente a Casa é composta por núcleos artísticos aí tem o grupo do Beco acabou sendo o pilar da Casa até hoje que deu início e continua fazendo parte da Casa, tem a CIA movimento do Beco, o grupo de teatro entre elas, que é um grupo de teatro para senhoras e tem o Cine Beco que é uma ideia de fomentar a cultura a partir do áudio visual. E eu atualmente faço parte da CIA movimento do Beco que é a companhia de dança da casa, tem aí basicamente 5 anos de existência e eu entrei em 2019, para fazer um espetáculo que chama laminas e estou na casa desde então, minha entrada foi via CIA movimento do Beco.*

### **4. Segundo sua visão, quais são os objetivos, o papel, que é desempenhado pela Casa do Beco?**

*Até já comecei a falar um pouco disso... na minha visão o principal objetivo é fomentar é trazer cultura e arte para dentro da periferia, principalmente falando do Morro do Papagaio. E para além disso levar o que a gente produz de arte e cultura para outros espaços na cidade através de iniciativas da casa a gente já apresentou em alguns centros culturais, na rua... então acredito que um dos principais objetivos da casa seja esse.. Fomentar a arte e cultura para a comunidade e levar nossa produção para outros lugares da cidade. O papel da casa é um papel social... porque a casa tem muito pra dizer sobre a própria trajetória do morro... de como a gente já conseguiu chegar em determinados espaços por causa da arte... alguns moradores só sabem o que é o teatro porque conseguiram ver uma peça na casa do Beco... e eu fico pensando no tamanho da importância que é ter um espaço cultural para o teatro*

*arte dança educação onde muitos moradores não se sentem pertencentes de espaços culturais que estão na cidade... os grandes teatros... muitos aqui não se sentem pertencentes a um teatro como o Palácio das artes... A cultura e a arte precisa chegar na comunidade... a casa também abre um horizonte para a cidade para mostrar que a favela também produz arte... também produz teatro... também produz dança e as vezes possibilita que nossas narrativas sejam ouvidas estejam representadas nos espaços da arte em BH.*

**5. O parque da Barragem Santa Lúcia é um importante equipamento de lazer da cidade e é vizinho da Casa do Beco. Vocês costumam utilizar este espaço para intervenções artísticas ou outras produções do grupo?**

*Sim. A gente costuma usar a barragem, mas a gente não usa todos os espaços... A casa tem alguns espetáculos que são feitos para fazer na rua... e aí os espaços que a gente costuma utilizar é o espaço que fica bem em frente a Casa e do lado dos campos. Porque a gente entende que... para além de um espaço de muita importância é um ponto de encontro, é um ponto onde a juventude se encontra com a galera mais velha da bola é um lugar que propicia um encontro geracional e um encontro da comunidade, de pessoas do morro. E além de ser um espaço muito importante para o que é o Morro hoje, sabe? Então a Casa utiliza faz muitas apresentações quando são apresentações que podem ser feitas em locais, que podem ser fora da casa do Beco, são feitas ali no parque, bem em frente à Casa do Beco mesmo.*

**6. A casa do Beco, além do trabalho de fomento cultural, tem atuação na formação profissional de crianças e jovens? Se sim, é dada prioridade aos jovens do Morro do Papagaio para ocupar este espaço?**

*Então... Sim. A casa tenta na medida do que a gente tem perna e consegue, fomentar uma formação profissional, assim mas, talvez nem diga que seja uma formação profissional, mas sim uma formação social, talvez mais do que profissional. A casa oferece algumas oficinas, devido a pandemia a gente acabou ano não conseguindo realizar nenhuma oficina. Mas a Casa tem uma oficina regular de capoeira que é para os meninos do Morro aqui... e a gente teve há uns dois anos a partir de um projeto de lei de incentivo, um projeto que se chamava multiplicando multiplicadores que tinha o intuito de formar crianças a partir do teatro. Aí alguns do integrantes do núcleo de teatro iam para determinados espaços e ficavam lá três ou quatro meses fazendo coisas de teatro, dialogando como teatro e no final fez-se uma peça de teatro com essas crianças... então foi um momento em que a Casa atuou mais intensivamente nessa formação. Mas sempre tem oficina de teatro para criança dentro da casa do Beco, já teve... as que eu consigo lembrar agora são as de teatro assim... Mas a gente sempre tenta buscar como que a gente vai atuar também nesse campo da formação é porque a gente vê se esse espaço como um espaço de potência... e pensar potência, né a partir do que a gente tem de potência no morro que são nossas crianças e nossos jovens. E sim, é geralmente sempre voltado para a juventude e para criançada do Morro.*

**7. Como é a aproximação e o envolvimento das pessoas da comunidade com a casa do Beco?**

*Então, a gente tem um público grande da comunidade que conhece a Casa do Beco, que vai à Casa do Beco que assiste as peças. Então a gente tem um movimento bom da comunidade. Eu particularmente entendo que a gente ainda não alcançou todas as pessoas da comunidade. Mas a gente tem um alcance bem legal... as nossas peças*

*costumam ter um público legal mas também é um público que basicamente é sempre o mesmo. Não diverge muito das peças da Casa. Mas por exemplo, quando a Casa promove algumas festas, alguns eventos sempre tem muita adesão. Agora eu acho que no início da pandemia a Casa desenvolveu um projeto para ajudar né, as pessoas que estavam precisando de cesta e a gente acabou alcançando um público muito grande na comunidade a partir dessa ação. Mas eu considero que a aproximação e o movimento da comunidade na Casa do Beco é bem legal porque a Casa acaba transitando né? A Casa transita muito dentro do Morro. A gente faz peça de rua no meio do Morro, a gente faz peças nas escolas... então isso faz com que a gente consiga se aproximar da comunidade que eu acho que é um intuito de um ponto de cultura dentro de uma favela é se aproximar da comunidade, é dialogar e é construir pontes e diálogo através da arte.*

### **III. Entrevista Robertão (Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia e Associação Atlética Santa Lúcia)**

#### **1. Bom dia Robertão. Poderia de apresentar por favor?**

*Meu nome é Paulo Roberto mas todos da comunidade me conhecem como Robertão, faço um trabalho aqui na comunidade do Santa Lúcia. Estamos aí na luta.*

#### **2. Qual é a sua história com a comunidade?**

*Eu moro aqui na comunidade há mais de 50 anos. E o trabalho aqui, foi um trabalho que eu mesmo quis fazer. Eu fui de colégio interno. E no colégio tinha esse trabalho, e chegando na comunidade não tinha isso aqui. Aí eu fiz esse trabalho no Sta. Lúcia, na época eu era treinador do amador, um rapaz me chamou para o Santa Lúcia e eu comecei a priorizar as categorias de base.*

#### **3. E como foi o processo para a comunidade ter os campos a disposição?**

*Tem muitas histórias boas, histórias ruins, nossa... Nós já brigamos já... pra fazer festival a prefeitura chegava e tomava o campo de nós. Aí tinha que pendurar as traves para fazer festival... Então era muita luta, mas graças a deus eles pararam de mexer com a gente aqui. Só as reformas que eles não ajudam... a prefeitura não liga pra gente nem nada aqui não. Então nós temos que correr atrás é nós mesmos. Esse campo novo tem mais de 15 anos. E foi uma luta para ganhar ele. Nosso campo era onde é o quartel e tivemos briga demais... passaram esse campo pra lá q, tivemos um festival lá... penduramos as traves com tijolo porque o festival já estava programado já e não dava para adiar e viemos para cá é deu até polícia... repórter aqui nesse campo aqui depois eles quietaram e fizeram esse campo pra nós.*

#### **4. Como foi sua aproximação da questão organizacional dos campos? Organização de horários...**

*Nós temos a Associação Esportiva né... e como eu fico aqui embaixo, antigamente ia lá na rua Rio de Janeiro marcar jogo, aí o presidente da Associação me colocou como diretor entendeu. Aí eu coordeno os horários a iluminação porque a conta nossa é alta né... e eu não quis ser presidente né? Eu quero ajudar por fora, porque eu já era presidente do Santa Lúcia (associação Atlética). Sou presidente até hoje, mais de 25 anos... aí não tinha como ser presidente da associação também.*

#### **4.1 É uma espécie de diretoria então?**

*Sim... um diretor de estrutura, né? Eu organizo campeonatos aqui... eu organizo,*

*patrocino, marco jogos pros times que não são filiados, entendeu? Tento ajudar o máximo possível.*

**5. Tem alguma dificuldade para organizar os horários? Tem problema quando a conflito de horários?**

*Pelo menos comigo não tem não. É bem tranquilo. Porque eles sabem que o que eu quero fazer quando organizo os campeonatos aqui, é para os times que não disputam nada... Santa Lúcia, Prointer e Principal já disputam a divisão especial, então eu falo com eles, o torneio e festival são feitos para os times da comunidade que não disputam nada. Então nesse ponto aí eu sou bem reconhecido, sou bem recompensado no negócio em termos de horário.*

**6. Qual a recorrência dos Festivais que a Associação Esportiva organiza?**

*Festival é aniversário de time... quando eu falo festival é aniversário de time. Com essa pandemia tem um tempo que a gente não faz... Eu faço um todo ano para as crianças, convido muitos times de amigos meus e a gente consegue colocar 2500 crianças aqui na comunidade, em festival que fica o dia inteiro.*

**7. Como foi o surgimento da Associação Esportiva e o objetivo dela?**

*Eu quando vim para a Associação... eu fui convidado né? Eu mexia com o Milan que era um time nosso... aí eu fui para o Galo de Ouro, um outro time de amigos nossos... até hoje existe. Mas a Associação Esportiva é de 1980... tem muitos anos já. E foi iniciativa do "Filin", João Resque e mais uma turma... e eu creio que dessa turma só o Filin que está vivo, né... os outros aí Deus já levou eles... E a Associação Esportiva foi importante pra gente não perder mais os campos... organizar mesmo o uso aqui...*

**8. E sobre a Associação Atlético Santa Lúcia, quais são as categorias que tem?**

*Nós temos todas as categorias de 7 a 100 anos... (risos). Nós temos todas as categorias. Quando vai ter algum campeonato a gente monta o Master, o veterano, o amador... tem os meninos aqui da base...*

**9. Como a Associação Atlético consegue recursos?**

*A gente não tem recurso nenhum não... aqui por exemplo a base a gente consegue levar... eu peço os meninos 30 reais por mês, né? Mas só em meses que tem campeonato. Quando só tem amistoso eu não peço para eles não. Quando é amistoso eu só peço para o transporte... peço 5 reais e pra inteirar o resto é do meu bolso... aí a gente vai jogar fora... é tranquilo. O lanche deles eu mesmo banco, né... eu peço para minha salgadeira que faz aqui para o bar e ela faz os lanches. Aí geralmente a gente sai de 15 em 15 dias. E a gente organiza desse jeito... Água e luz dos vestiários eu que pago.*

**10. E a história do bar? Como você fez para adquirir?**

*Esse bar aí um aluno meu que "me obrigou" a comprar ele... comprar não... alugar né? Na época eu aluguei... eu treinava os meninos aqui e ele ficava aqui... aí ele arrumou uma treta com uns menino aí e tal... e me falou Robertão tô passando o ponto aqui e é a sua cara... Falei assim: ô meu filho eu não tenho condições não... eu trabalho aqui com os meninos, eu tenho que trabalhar no prédio... eu não tenho recurso nenhum... ô sr. João eu não tenho condição nenhuma de pegar... aí ele falou: fica lá, quanto você me paga por mês de aluguel? Aí eu falei eu sou assalariado... aí*

*pagava para ele 150 reais por mês. Aí fiquei uns dois anos assim... aí ele chegou e falou; ô Robertão eu tô querendo vender mesmo, tô precisando do dinheiro e tal. Aí falei pode vender, que não tenho condição de comprar não. Aí ele passou para um outro colega nosso, que hoje o filho dele joga comigo... aí ele alugou pra mim... eu continuei ainda, pagando o aluguel. Aí depois de um tempo ele também falou ô Robertão... eu tenho que vender o quiosque tô precisando do dinheiro, aí eu falei pode vender que eu não tenho condições de comprar... Aí ele falou assim, vou vender pra você. Do mesmo que você paga o aluguel, você vai me pagando. Aí continuei pagando e graças a Deus consegui.*

#### **IV. Entrevista Evandro (Pelada dos Veteranos e Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia).**

##### **1. Primeiramente, gostaria que você se apresentasse. Falando seu nome, profissão, onde mora...**

*Meu nome é Evandro, sou funcionário público, trabalho como agente comunitário exclusivamente dentro da minha comunidade no Morro do Papagaio. E a gente via a necessidade de algumas pessoas que não jogam mais o futebol por competição não tinha o espaço pra jogar o futebol com pessoas de mais ou menos a mesma idade. Então a gente resolveu montar essa pelada no ano 2000... desde o ano de 2000 a gente trabalha com essa turma. O início o intuito era só brincar mas aí passou a ser tirar o pessoal dos bares que ficam só bebendo e tal... e voltar para o futebol... e graças a Deus a gente também passou a ressocializar pessoas que estavam saindo o do regime prisional e pediam oportunidade e a gente fazia esse trabalho junto com eles também.*

##### **2. Então desde o ano 2000, 21 anos?**

*Isso! Desde 2000 a gente tá com a nossa peladinha, que a gente trabalha com essa turma... todo final de ano a gente tem nossa festinha, dia 12 de setembro tem o aniversário da pelada e a gente faz a organização e faz uma festinha também... uma confraternização para a turma.*

##### **3. Todos que participam são da comunidade ou tem gente de fora?**

*O intuito era só pessoas daqui... mas como foi expandindo, o pessoal vai divulgando, as mídias... tem pessoas de vários lugares de BH... vários bairros. Tem um rapaz que mora em Ravena e vem pra cá, tem pessoal de Nova Lima... Barreiro... mas a maioria é daqui. E com um intuito nosso... tem 5 vilas que formam o aglomerado todo e a pelada é aberta para pessoas das 5 vilas então todas as pessoas tem o espaço pra brincar nela porque a nossa pelada não dá desavença com ninguém, com nenhuma das vilas. Então é um espaço aberto, um território neutro.*

##### **4. Em relação a organização? Pode ter dia que dá muita gente e como vocês organizam essas coisas mais funcionais?**

*No início a gente tinha dois responsáveis. Um pelo colete azul e um pelo colete verde. E um escolhia um outro escolhia outro... e a gente começou a perceber as vezes a pessoa ficava esperando para escolher um melhorzinho e deixava o outro com menos habilidade pro lado de fora. Aí com o tempo eu fiz uma lista... as pessoas que estão dando sequência chegam e assinam uma lista. Os 20 primeiros começam jogando. Do 21 pra frente fica do lado de fora e entram no segundo tempo. Se essa pessoa*

*faltar 2 domingos seguidos, ele tem que assinar depois do número 20... entrando no segundo tempo. Pra criar um compromisso. No intervalo a gente faz as substituições por tampinhas pra ver quem vai entrar e quem vai sair, pra não ficar desigual.*

**5. Em relação ao horário? Como vocês conseguiram ficar com o horário nobre dos domingos?**

*Então esse horário... antigamente não tinha muita demanda por ele não... a nata do futebol amador costumava jogar as 14h até as 16... 18h mais ou menos... como não tinha muita demanda foi justamente o horário que firmamos nosso compromisso. O bom foi que tiramos eles de ir pra bar no sábado, senão ele não aguenta vir para pelada... ou então acordar e ir pro bar no domingo. Então foi um horário estratégico por esse motivo também. E com o passar do tempo que esse horário voltou a ser mais procurado. O amador passou para as 10h... 11h... e as vezes tem jogo de júnior a gente facilitava e liberava o campo mais cedo, mas agora o júnior passou para o sábado ou no domingo a tarde... aí a gente mantém nosso horário, ficou fácil de organizar.*

**6. E a resenha após a pelada? O pessoal fica depois que acaba?**

*A gente tem um truço aqui que já está rolando, que você pode ver... todo domingo é tradicional e tem um junta junta aqui que é a inteirinha do churrasco. A maioria dos domingos a gente fica aqui para a resenha... a maioria fica... toma uma cervejinha, tem um pessoal que vai para a arquibancada... Tem a cantina do Prointer também que ajuda a gente, que o pessoal pode comprar uma cerveja... às vezes trazer para gelar também e o pessoal ajuda a gente. A gente tem várias parceriazinhas que ajuda a gente. Tem uma pequena cozinha também aqui na Associação Esportiva que a gente pode fazer alguma coisa para comer... e juntou o útil ao agradável porque eu sou o atual presidente da Associação Esportiva da comunidade a gente tem espaço da sede da associação que a gente pode fazer uma coisinha e tal... a associação é para organizar o futebol dentro da comunidade, nossos torneios, a manutenção dos campos que a prefeitura não ajuda, controlar a energia... que é muito cara para a gente e quem paga é a gente não é a prefeitura, a gente não tem contribuição... e paga uma taxa comercial também... então a gente já uniu tudo e graças a Deus está dando certo.*

**7. Por falar em questão financeira como é em relação à pelada?**

*A pelada tem de gasto, bola, os coletes e a lavagem de roupa. Eu acho que é um espaço que a gente tem que tem um custo mais barato que tem no mundo. A pessoa paga 10 reais por mês para essa pelada... para lavar o colete, uma ajuda de custo... mas eu banco a lavagem por minha conta... aí eu junto os 10 reais e faço um churrasco no aniversário da pelada e no final do ano o restante que sobra eu completo e compro cerveja carne e dou pra galera com o restante do dinheiro. Tudo que eles gastam os dez reais durante o ano volta tudo pra eles... é mesmo para formar um grupo, fazer essa união e graças Deus melhorou muito quando o pessoal começou a entender isso.*

*Eu agradeço por que a comunidade precisa desse tipo de trabalho porque muita coisa acontece dentro da comunidade, a gente faz muita coisa dentro da comunidade e as pessoas não sabem... e muitas coisas são feitas por trabalho, ajuda ou até mesmo lazer...*

## V. Entrevista Sr. José Evaristo (Printer)

### 1. Sr. Evaristo poderia falar um pouco da sua história aqui na comunidade?

*Eu moro aqui na comunidade desde 1975. Vim para cá em 75 e graças a Deus estou aqui até hoje.*

### 2. Você se lembra como foi a construção a conquista dos campos pela comunidade?

*Antes deu chegar aqui... lá pela década de 60 e poucos... 70, o campo era aí onde é a lagoa hoje. Eles acabaram com o campo aí da lagoa e fizeram onde hoje é o quartel... aí ficamos muito tempo ali usando o campo onde hoje é o quartel... Aí eles resolveram fazer o quartel e acabaram com o campo de novo e fizeram um campo para nós na beira da lagoa em frente aqueles predinhos ali... na quina da quadra ali... ali foi um campo. Aí nós ficamos mais ou menos um ano... mas ali ele era muito baixo na beira da taboa, aí quando chovia aí ele ficava muito alagado, ficava cheio d'água, a gente tinha que entrar dentro da taboa toda hora para pegar bola... aí com muito custo eles pegaram e fizeram esse aqui pra nós... fizeram esse aí e acabou com aquele lá... esse aí foi feito na década de 80... 89 por aí... e em 1994 ele fizeram esse aqui para a gente. Aí nós ficamos com os dois.*

#### 2.1 E quando esse campo de 1994 não existia? O que tinha aqui nesse espaço?

*Aqui era a quadra. Aí eles acabaram com a quadra, fizeram o campo e passaram a quadra lá para onde ela é hoje.*

### 3. Existe alguma dificuldade ou disputa de horário para poder usar o campo?

*Isso! Tem uma demanda muito grande é muito time. Infelizmente a demanda é muito grande. O Printer por exemplo tinha 2 horário no sábado e dois no domingo. E hoje o Printer se ele brincar ele fica até sem horário para jogar... e com dois campos hein?*

#### 3.1 E essa organização do horário é feita pela associação?

*Essa organização dos horários aí era pela associação esportiva... essa aí do aglomerado santa Lúcia. Aí depois trocou de presidência aí o Robertão que ficou com essa tarefa de horário aí... aí ele organiza os torneios. Mas ele que marca jogo para a maioria dos times aí... os times todos da comunidade... tem que procurar ele... o Robertão.*

### 4. Como é a relação entre a comunidade e os times amadores?

*É boa! É ótima a relação, não tem problema não. Dia de domingo o campo enche a arquibancada fica lotada aí gente dia de todo domingo*

### 5. A comunidade usa o parque de maneira ampla?

*Usa mais aqui perto dos campos mesmo.*

### 6. E como o Printer surgiu?

*Justamente quando eu me mudei para cá. Quando eu vim para trabalhar aqui em 1975... o Printer já existia, não era Printer, era internacional... ele já existia desde o início da década de 1970... e até 75 era internacional. Mas aí quando a gente foi registrar no cartório... registrar na federação mineira ele passou a se chamar Printer,*

*porque quando a gente chegou lá para fazer o registro, Internacional já existia... Era ali do bairro São Gabriel aí não pode ser registrado como internacional... aí foi registrado como Prointer. Na hora lá chutou né? Vamo por Prointer então e pronto!*

**7. Prointer além do feminino tem outras categorias?**

*Tem todas as categorias de base. Masculino e feminino.*

**8. Na sua opinião... pela sua observação porque você acha que o feminino tem um destaque maior?**

*Antes era muito difícil né? Era muito pouco time feminino, mas agora graças a Deus como os times profissionalizando aí igual o Atlético... o atlético já teve antes, bem antes... eu já cheguei a disputar Mineiro contra o Atlético... Aí acabou o Atlético e surgiu o América... Mas antes tinha o atlético e o cruzeiro na década de 2000... O atlético acabou mesmo em 2012... com o Kalil... acabou. Voltou em 2019... que fez a parceria e eu levei as menina tudo do Prointer pra lá nisso voltou o atlético. Mas aí tinha só o américa nessa briga aí todo tinha o campeonato mineiro... o único time profissional que tinha era o américa e aí ele ia jogar com quem? Jogavam com nós, os nossos times amadores... depois que tinha atlético, cruzeiro e américa aí eles bateram o pé... “agora tem que ser só profissional” Aí só tem campeonato com quatro time né... porque aí o Ipatinga entra dá 4 time... não tem time mais... A gente disputava com 8, 12... o mineiro...*

**8.1 então você acha que esse destaque que o Prointer tem é porque ele disputava com américa... atlético?**

*Isso! Eu fiz final da taça BH contra o América lá no Independência*

**8.2 eu lembro até mesmo antes do atlético ter o time feminino, no mineiro ele começaram a exigir ambulância e você teve uma postura de contestar um pouco isso... conta como foi?**

*Isso! O último ano antes de ter os times profissional já teve que ter ambulância... Exigiu dos amadores também... a gente teve um problema danado para conseguir ambulância, médico... e de lá para cá aí acabou tudo mesmo...*

**9. Como a relação da comunidade com o Prointer especificamente?**

*É ótima! É ótima a relação. O pessoal fala que o Prointer representa a comunidade... com os clubes também é tudo tranquilo... tem uma rivalidade com Associação Atlética Santa Lúcia mas é só dentro do campo... fora do campo todo mundo é amigo, todo mundo é irmão.*

**10. Os desafios para o Prointer conseguir recursos... como é isso?**

*Nossa mãe isso é muito difícil... a gente tem que lutar... tirar do próprio bolso, fazer rifa. Que ajuda mesmo a gente não tem não... é muito difícil. Não tem patrocínio...*

**11. O espaço da cantina do Prointer... como funciona?**

*Esse espaço é do Prointer mesmo. O Prointer fez essa cantina para dar um lanche para as meninas e pros meninos... tanto faz se é o time feminino ou masculino... a gente faz aqui em lanche um mini almoço e dá para o pessoal não ir embora com fome.*



## VI. Entrevista Bárbara Paçoca (ex-atleta do Prointer).

### 1. Fale um pouco sobre você. Nome, Profissão, idade, formação e outras informações que julgar pertinente.

*Meu nome é Barbara da Silva Machado, mais conhecida como Paçoca. Tenho 26 anos e ensino médio completo. Atualmente estou trabalhando em um estoque e de motorista.*

### 2. Você é moradora do Morro do Papagaio? Qual a sua história com a comunidade?

*Não moro no Morro. Moro no bairro Santa Maria em Belo Horizonte. Eu ia no Morro porque tenho amigas que moram lá.*

### 3. Como você conheceu Prointer? E como foi seu processo de entrada nesse time?

*Uma vizinha minha, amiga minha, que jogava comigo em outro time de futsal, jogava no Prointer, que é a Carol Vieira, que me chamou pra ir lá. Aí eu cheguei no time e tinha uma semana que nosso técnico Sidney tinha chegado lá. E fui bem recebida pelas meninas e criei amizade muito fácil as meninas são muito abertas e comunicativas muito disponíveis para amizades foi muito tranquila minha chegada no Prointer.*

### 4. Segundo sua visão, qual o papel que o Prointer desempenha em relação ao futebol feminino da cidade?

*Na minha opinião o Prointer é um time pioneiro. Um dos pioneiros de Minas. É um dos times amadores mais conhecidos em Belo Horizonte... Prointer, Santa Cruz, Manchester. Tem história, tem currículo, tem muita passagem. É um time que dá a porta de entrada para as meninas que não tem oportunidade, porque ele joga torneios que até times profissionais disputam. Então eu acho que é um time que dá oportunidade para a menina se conhecer, praticar um pouco mais, lapidar o seu talento no futebol.*

### 5. Qual foi o impacto que a parceria com o CAM causou no Prointer e nas jogadoras de forma geral?

*Trouxe visibilidade para o Prointer... a parceria trouxe uma visibilidade. A gente não pode negar que teve, mas eu acho que faltou um pouco mais de apoio do Atlético em questão da parceria, no meu ponto de vista... dar um suporte para o Prointer, acho que deixou o Prointer um pouco de lado. A instituição Prointer, né... Agora a questão individual de cada atleta trouxe oportunidade para as atletas que foram lá, de se lapidar de trabalhar mais no futebol... o individual de cada uma. E quem quis e quem não teria talvez uma oportunidade, teve... Agora algumas meninas continuaram... outras não... foi uma experiência muito boa para as meninas assim... eu acho que trouxe um esclarecimento maior sobre o que elas realmente querem com o esporte, com o futebol.*

### 6. O parque da Barragem Santa Lúcia é um importante equipamento de lazer da cidade e os campos onde o Prointer atua ficam dentro deste parque. Existe/Existia algum tipo de uso deste espaço, para além dos campos?

*O parque onde o campo fica, a gente também utilizava ele para fazer alguns testes físicos, a gente tinha dois ou três treinos na semana e alguns desses treinos eram de*

testes e a gente corria no parque. A gente fazia nossos exercícios, nossos testes, nossos tiros lá no parque. Além do campo a gente usava o parque também pra fazer os nossos treinamentos.

**7. Como era a organização do Prointer no dia a dia? Quais os principais desafios e dificuldades que enfrentavam?**

*A gente tinha uma comissão técnica ne.. Tinha nosso presidente Sr. Evaristo. O Sidney e o Luciano na comissão técnica. Eu a Evelyn e a Carol dávamos um suporte também além de jogar. A Carol ficava na parte de comunicação com as atletas, Eu ficava por conta das redes sociais do Prointer e a Evelyn ficava com uma parte mais burocrática de documento, inscrição, fazer algum argumento, algumas coisas assim... e nossas maiores dificuldades era no dia a dia... a questão de passagem que era o que a gente tinha mais dificuldade. Muitas vezes as meninas não tinham dinheiro para ir para o treino, algumas iam direto do trabalho e chegavam com fome por não terem conseguido se alimentar. Então nossas maiores dificuldades era a alimentação, passagem e material de treino... sempre foi.*

**8. Na sua visão, como é a aproximação e o envolvimento das pessoas da comunidade com o Prointer? Elas se sentem representadas pelo clube?**

*A comunidade sempre apoiou o Prointer então todos os nossos jogos dentro de casa tinha torcida né? O povo ia levava foguete, final de campeonato o povo também ia e levava foguete a gente colocava o bandeirão, a galera ia sim... era mais difícil quando o jogo era fora, mas mesmo assim tinha alguns que iam nos jogos fora também. Eles diziam que se sentiam representados sim. Muitas vezes eles falavam que se sentiam mais representados pelo time feminino que o time masculino, então a galera acompanhava e ficava orgulhosa da gente, sim.*

**VII. Entrevista Carol Vieira (Estudante, atleta universitária de futebol e ex-integrante do Prointer).**

**1. Fale um pouco sobre você. Nome, Profissão, idade, formação e outras informações que julgar pertinente.**

*Meu nome é Caroline Vieira, tenho 22 anos. Eu sou estudante e atleta nos EUA eu jogo futebol pela universidade e curso Educação Física. Vou me formar em 2022. Tenho intuito de trabalhar como coach, né... treinadora de condicionamento físico. Eu vim pra cá há 3 anos atrás, vou entrar no meu 4º ano de estudo. Penso em estender o máximo possível de anos aqui, tanto para jogar quanto para estudar.*

**2. No Brasil onde você reside? Qual a sua história com a comunidade do Morro do Papagaio?**

*Eu moro em Belo Horizonte, moro no bairro Camargos, bem próximo de Contagem. E a minha história com a comunidade do morro do papagaio se iniciou com o Prointer que é uma equipe amador ade futebol feminino que me abraçou quando eu tinha de 14 para 15 anos. Eu iniciei basicamente minha vida esportiva atlética com mulheres, principalmente, porque até então eu jogava somente com homens, eu iniciei lá e um lugar assim... uma comunidade que te abraça mesmo que sempre vai lá apoiar o Prointer, apoiar as meninas. A gente tinha realmente tudo que a gente precisava ali, nas devidas proporções e é uma história de carinho, eu diria.*

**3. Como você conheceu Prointer? E como foi seu processo de entrada nesse**

**time?**

*Eu estava jogando uma pelada com uns amigos, em uma quadra perto da minha casa e tinha um rapaz... que me viu jogando e falou que eu jogava bem e perguntou se eu já jogava em algum time... falei que não que era só da escolinha mesmo e ele me falou “tenho filhas gêmeas e elas jogam por uma equipe feminina e se você quiser eu posso te levar lá”. Eu ainda não sabia muito do futebol feminino em BH e fiquei com um pouco de dúvida um pouco de meda até... aí falei para ele “tudo bem, fala com meu pai” ele foi e levou várias fotos das filhas dele um monte de coisas e me chamou... aí eu fui fiz um teste e entrei. Desde então virou uma família pra mim... e sempre estava lá todo domingo fazia parte por inteiro, me entreguei por inteiro pra esse time.*

**4. Segundo sua visão, qual o papel que o Prointer desempenha em relação ao futebol feminino da cidade?**

*Eu diria que o Prointer foi um dos pioneiros do futebol feminino em Belo Horizonte a gente conseguiu construir um história no futebol feminino amador que dificilmente se pode ver igual, né? A gente conseguiu alcançar esse espaço através das redes sociais, também pelo carisma, pela vontade... o Evaristo sempre propondo ligas, campeonatos pra gente estar disputando pra realmente juntar mais meninas e ser visto... então eu acredito que o Prointer na cidade de Belo Horizonte ele representa, ele é sinônimo de futebol feminino, ele representa muito para a história no futebol.*

**5. Acompanhando a distancia como você avalia o impacto que a parceria com o Atlético causou no Prointer e nas jogadoras de forma geral?**

*Eu acredito que foi uma oportunidade única para muitas meninas. Consegui ver pela proximidade, que elas estavam muito felizes pela oportunidade, com toda situação de profissionalizar, de fazer o que elas gostam, uma coisa que elas sempre sonharam e ver isso acontecer, se tornar uma realidade mas ao mesmo tempo eu acho que não foi tão bem sucedido na prática. Porque pegar meninas que a vida inteira cresceram no amador, se desenvolveram no amador e de uma hora para outra exigir um profissionalismo em todas as áreas sem um preparo é um pouco mais complicado, então eu acho que foi uma mudança muito repentina e que talvez algumas meninas não conseguiram se adaptar talvez pelo fato de não ter esse background. Eu acho que elas ficaram muito felizes, impactou na vida de muitas meninas que hoje em dia estão tendo oportunidades que jamais teriam se estivessem jogando apenas no Prointer... no amador... tem meninas que estão jogando em outros estados estão tendo uma visibilidade merecida... grandiosa... mas algumas outras sofreram um impacto não muito positivo.*

**6. O parque da Barragem Santa Lúcia é um importante equipamento de lazer da cidade e os campos onde o Prointer atua ficam dentro deste parque. Quando você jogava por lá, vocês faziam uso deste espaço, para além dos campos?**

*De certa forma sim... a gente chegou usar bastante a área do entorno da barragem para correr e tudo isso, mas no geral era mais para lazer e menos para treinamento.*

**7. Como era a organização do Prointer no dia a dia? Quais os principais desafios e dificuldades que enfrentavam?**

*A gente enfrentava bastante dificuldade no Prointer pelo fato da gente ser um time feminino e ter que enfrentar muito preconceito e ter que enfrentar a falta de apoio... essas duas são as principais pilares que sustentam essa questão da gente não conseguir evoluir como futebol feminino, como mulheres no esporte no Brasil... e no Prointer não foi diferente como não é em qualquer lugar que você for aí a gente tem*

*essa dificuldade a gente tentava treinar pelo menos duas vezes na semana na quarta e na sexta, com a chegada de muitas outras pessoas e de profissionais mais preparados a gente conseguiu evoluir o máximo com as ferramentas que a gente tinha para desenvolver realmente para tentar preparar as meninas para uma possível preparação delas... eu falo delas porque eu dava mais suporte também... eu dava um suporte porque, eu já tinha meu planejamento de vir para os EUA, tudo que a gente procurava fazer era para as meninas que estavam vindo e trabalhando em cima disso... as vezes não tinha grana para as meninas virem... tinha que tentar carro... quem tinha carro a dificuldade de quem morava longe, algumas que moravam em outras favelas e tinha que ir em bora mais cedo porque no local que moravam tinha toque de recolher, questão de uniforme, questão de alimentação, ambiente para trocar de roupa, as vezes as dificuldades eram imensas.. Posso falar aqui 5 minutos que não vai ser o suficiente, mas a gente sempre tentou fazer o máximo possível com as ferramentas que a gente tinha. A gente jogava todos os domingos e quem tinha compromisso estava lá todo domingo, Evaristo com o uniforme lavado com a água que a gente conseguia comprar... que meu pai comprava as vezes se alguém estava com fome a gente se ajudava e bancava... e foi ajudando uma a outra que a gente conseguiu se manter*

**8. Na sua visão, como é a aproximação e o envolvimento das pessoas da comunidade com o Prointer? Elas se sentem representadas pelo clube?**

*Eu acredito que a comunidade sim abraçou bastante principalmente na Taça das Favelas você via que o campo ficava bastante cheio e você via o interesse das meninas que ficavam lá batendo bola, crescendo ali... então a gente teve muito apoio da comunidade do Morro do Papagaio. A Taça das Favelas reuniu um grande número de comunidades... foi um grande evento... é difícil de se ver mas é uma coisa que a gente tem que se agarrar... é bastante famosa no RJ e em BH tiveram agora os primeiros anos.*

**9. De que maneira sua passagem no Prointer contribuiu para sua ida para o futebol nos EUA?**

*O Prointer abriu as portas pra mim entrar no mundo do futebol feminino eu consegui ter a oportunidade de disputar campeonatos ter a visibilidade de jogos... eu consegui fazer o meu highlights video também com lances de jogos pelo Prointer e só foi crescendo e isso foi muito importante para mim como base pra me desenvolver como jogadora que eu sou hoje e lutar pelo espaço que eu tenho aqui no time da minha faculdade. Foi minha abertura e foi minha sorte de vida... Deus me abençoou porque foi sem dúvida nenhuma minha base para poder conseguir vir aqui para os EUA.*

**VIII. Entrevista Marcelly Inara (Atleta de futebol e ex-integrante do Prointer).**

**1. Gostaria de pedir que se apresentasse. Dizendo nome, idade e profissão.**

*Meu nome é Marcelly Inara, sou atleta profissional de futebol. Tenho 25 anos e ensino médio completo.*

**2. Qual a sua história com a comunidade do Morro do Papagaio? Você é moradora de lá?**

*A minha história com a comunidade é desde quando eu entrei no Prointer que foi em 2017. Um amigo meu me levou para ver um jogo para eu ir para uma equipe e eu*

*acabei gostando do Prointer que tava jogando contra, então eu preferi ficar no Prointer. E desde lá começou minha história no Morro do Papagaio, né? Conheci o Evaristo, conheci as meninas que moram no Morro... Mas eu não moro no morro. Eu sou do Nova Cintra perto do Betânia, Vista Alegre. Mas eu praticamente é a minha segunda casa... todo domingo eu tava lá... toda quarta e sexta eu também estava para os treinos, então eu conheço bastante gente... Uns 4, 5 anos da minha vida foi praticamente toda dentro daí do Morro, da comunidade, e assim começou uma história... em 2017.*

### **3. Como foi o seu processo de entrada no time do Prointer?**

*Eu conheci através de um amigo e gostei... E o meu processo de entrada no time foi até tranquilo. Sim foi um pouquinho difícil para mim porque eu nunca tinha jogado campo. Sempre joguei em quadra, então eu conversei com o treinador Sidney e minha adaptação foi um pouco difícil, mas as meninas me receberam muito bem. E foi um pouquinho difícil só essa transição da quadra para o campo, porque tem muita diferença, mas foi super tranquilo. O povo da comunidade abraça bastante, então era sempre legal o carinho que eles tinham com a gente. Então, acho que isso para mim deixou mais fácil.*

### **4. Segundo sua visão, qual o papel que o Prointer desempenha em relação ao futebol feminino da cidade?**

*O Prointer pra mim ele... em relação ao futebol feminino é muito importante. Porque eu tenho certeza que todos os outros times que conhecem o Prointer sabem o peso que é poder jogar com a camisa do Prointer, porque tem muita história... E eu acho que o Evaristo, ele essencial nessa luta. Por que o Evaristo ele sempre lutou foi atrás, né? Sempre quis que o time tivesse em todos os campeonatos e tudo... e as meninas conseguiram, né... colocar o Prointer em um outro patamar. Pois o Prointer conseguiu ser reconhecido, né? A gente conseguiu levar o Prointer para fazer uma final dentro do Independência... e isso foi muito importante... então eu acho que o Prointer é uma referência no futebol feminino, todas as meninas que esperam poder jogar um futebol feminino profissional ou amador, acho que têm a opção de jogar no Prointer.*

### **5. Como você avalia a parceria feita entre o Atlético e o Prointer?**

*Acho que foi muito bom. Tanto para nós atletas que fomos com o Atlético por poder realizar nosso sonho e vê como é, tanto para o Prointer porque se tornou um time referência no futebol amador, né? Para as meninas que almejam esse sonho de conseguir ir para uma equipe profissional, passar pelo Prointer. Então acho que foi muito bom, deu uma visibilidade bem maior para o Prointer, e espero que continue dando.*

### **6. Além dos campos vocês usavam outras partes do parque?**

*Como a gente treinava na parte da noite no meio de semana a gente não podia usar muito, né? Porque a gente já chegava treinava e ia embora porque ficava muito tarde. Mas a gente já conseguiu fazer alguns testes físicos em volta da Lagoa aos domingos... A gente conseguiu usar aquela parte para ficar brincando, jogando bola mesmo, aí podia levar sobrinha, primo, né? Enfim, e ficava lá brincando no parquinho... A gente conseguiu fazer... vender as coisas, né? Usar a Cantina do Prointer para poder recadar dinheiro. Então sim, a gente usou esse espaço bastante... E é muito bom, a comunidade sempre apoia tudo... e sempre tá cheio e é muito bom de ver.*

**7. Quais eram os desafios/dificuldades que o Prointer enfrentava?**

*Então quando eu entrei no Prointer era um pouco desorganizado, porque o Evaristo se preocupava bastante com a questão dos jogos e dos campeonatos, mas não o pessoal das atletas... não pensava em como a menina ia pro jogo... Se ia comer ou não... então era um pouquinho desorganizado, mas depois fizeram uma comissão e conseguiram organizar um pouco essa parte, né? Consegui deixar tudo certinho... dificuldades para ir aos jogos sempre tinha porque muitas vezes os jogos eram longe, né? Questão de van, questão da menina não ter dinheiro para ir... questão de alimentação e um ambiente machista, né? Então questão de patrocínio, de alguém para ajudar sempre é muito difícil... essas dificuldades tem até hoje. Mas as meninas da comissão conseguiram um patrocínio, tinha um supermercado que doava frutas, a gente conseguia arrecadar dinheiro. Na minha época no Prointer era desorganizado mas depois começaram a organizar... foi aí que o Atlético entrou quando já estava mais organizado. E eu não sei agora esse últimos dois anos eu não sei como está... mas antes era desse jeito.*

**8. Na sua avaliação as pessoas da comunidade se sentem representadas pela equipe?**

*Então, as pessoas se sentem representadas pela equipe feminina do Prointer eles têm lá equipes masculinas como Santa Lúcia como a equipe do Prointer mas eu acho que o feminino tem um pouquinho mais... Porque eu acho que a equipe feminina do Prointer consegue ter mais nome que a equipe masculina, em questão de título, em questão de visibilidade, depois que o Atlético fez a parceria. Mas sim, as pessoas de lá elas se envolvem bastante quando a gente pede ajuda, na rádio... as pessoas sempre procuram ajudar e é bem legal, eu acho assim, que eles se sentem representados pela equipe feminina do Prointer.*

**IX. Entrevista Pretinho (Futebol de rua)**

**1. Gostaria que você se apresentasse nesse início... Nome, profissão, idade...**

*Meu nome é Ronaldo Rodrigues Matos. Dentro da comunidade aqui... eu sou conhecido como Pretinho e sou monitor escolar. Tenho 46 anos.*

**2. Qual a sua história com o Morro do Papagaio?**

*Moro no Morro do Papagaio, contando tudo... uns 30 anos... mais ou menos... tem uns 30 anos, né? A minha infância, eu estudei em um colégio em regime de internato que se chama Caio Martins, situado no município de Esmeraldas. Lá eu fui da 1ª série até a 3ª série do ensino médio. Eu cursei lá o curso de magistério.*

**3. Como você vê a relação da comunidade e o futebol?**

*Falar sobre o Morro, futebol, samba... necessariamente você tem que falar sobre a favela né? Sobre uma expectativa de mudança de vida, tem que falar sobre... sabe? De tudo que é mágico... porque o futebol... ele é mágico né? Ele trás momentos assim incríveis... Incríveis mesmo. Você vê a molecada dentro de campo aqui na favela praticamente o dia inteiro... o dia inteiro... você respira futebol, você se alimenta de futebol. É o tempo inteiro a molecada né, pensando em futebol, pensando em ser os grandes astros que existem hoje dentro do futebol, né... Ainda não tivemos um rapaz*

*aqui dentro do morro que estourasse para o futebol mundial mas eu creio que vamos sair com um craque daqui ainda...*

#### **4. Como surgiu o projeto do Futebol de rua?**

*Eu tenho... eu sou oficinairo também do programa Fica Vivo do estado de Minas Gerais há mais ou menos uns 12 anos já... por aí. O primeiro projeto meu foi na Rua H. A Rua H tem os seus mistérios, tem uma comunidade muito ativa, são pessoas hiper-receptíveis... amorosas e quando eu fui pra lá, para trabalhar com esse projeto, pelo Fica Vivo, eu fui meio receoso, sabe? Da forma como eu seria recebido. E foi totalmente o contrário daquilo que pensei. Eu fui acolhido, eu sou respeitado, eu tenho conceito, que a gente costuma a falar aqui dentro da favela, eu tenho conceito aqui dentro da Rua H. É um lugar que eu aprendi a amar, aquelas pessoas que estão no entorno aqui desse lugar aqui... é uma outra família que eu tenho hoje. E esse projeto não existe a preocupação de ter atletas de alto rendimento, né? Nesse projeto a gente preocupa com o cidadão, com o ser humano e a gente fica muito satisfeito de as vezes você ter um jovem que tá dentro da criminalidade e você consegue ir "trampando" com esse jovem sabe, e esse jovem acaba abandonando essa vida que pode levar para a morte ou para o cárcere e o cara larga tudo isso... É claro que tem família... é um conjunto de coisas... eu já participei de situações assim, sabe? Então não existe preocupação com alto rendimento... apenas com o ser humano sabe? De mostrar um rumo, um norte para o jovem... que o mundo tá aí e que existem N possibilidades. Eu tinha um espaço também pelo fica vivo lá no parque, na quadra da barragem santa lúcia com o futsal funcionava na segunda e quarta-feira. Eu tinha um projeto também para treinamento só para goleiros... era uma coisa inovadora aqui dentro da comunidade, porque não tinha... mas aí veio a pandemia, você arruma mais um trabalho e limita seu tempo... fica mais complicado... Eu também trabalho em escola, trabalho com adolescentes. Trabalho na área de... eu mexo com nota, trabalho com futsal, mil e uma utilidades, né? Arbitragem... essas coisas assim, sabe? Então a gente tá sempre trampando dentro da comunidade.*

#### **5. A comunidade tem conhecimento sobre o projeto?**

*A comunidade... a comunidade sabe que tem projeto, participa de uma forma direta, né? Os pais dos jovens que estão participando, são pessoas mais presentes, né? Tem um vínculo de amizade maior. E existe essa participação, sabe? da comunidade. Dentro desse projeto, a gente consegue fazer com que a rede funcione, né? Então ali, além de atendimento ao jovem e a gente acaba atendendo também a família dos jovens. Porque às vezes a rede não funciona e atravessa o projeto. Aí a gente funciona como um facilitador para fazer com que os serviços funcionem melhor.*

#### **6. Qual a relação do projeto com a comunidade?**

*A comunidade abraçou o projeto. A comunidade respeita o projeto. É tranquilo... às vezes dá uma porrada no portão, as vezes quebra um portão, a gente vai lá e arruma... mas o diálogo, ele é constante. A gente sempre tá alinhando alguma coisa com a comunidade. A gente consegue muito mais coisa com os meninos hoje, sabe? E também tem um entendimento seguinte: que quando um jovem está no projeto, o cara tá extravasando... tá jogando todas as angústias fora a partir da adrenalina. Mais tarde quando ele sai do futebol, e se tiver algum problema quando ele chegar lá, ele já chega baixo para resolver esse problema, sem querer bater, brigar... o cara só conversa e fica nervoso, xinga e deixa aquilo para lá, sabe? O principal de tudo é o respeito... o respeito mútuo. O respeito de forma geral, sabe?*

## **7. O que você gostaria de acrescentar? Algo que não foi perguntado e gostaria de falar.**

*Assim... eu posso falar da minha experiência e daquilo que eu vi sabe? Mas esse projeto essa aproximação a gente tem... a gente tá lá na ponta conversando com os jovens sabe? a gente sabe dos anseios né? a gente sabe dos sonhos que não são realizados, a gente a gente tenta desempenhar melhor papel né? a gente sabe da importância daquele momento dentro das oficinas, a gente sabe que... que são 5 horas semanais, sabe? São 2 horas e meia no dia da quarta-feira e mais às 2:30 na sexta. Mas a gente sabe que não é só isso... a gente sabe que o cara quando sai de casa ela já tá nervoso com alguma coisa ou tá faltando alguma coisa dentro de casa ou o cara tá desempregado né? Então... aquilo ali é um momento que o cara ele vem fazer uma comunhão, de aproximar... de naquele momento esquecer os problemas. De viver aquele momento com muitas risadas... é um momento ímpar e que na vida de algumas pessoas pode chegar até a questão de viver ou não viver... eu tô querendo procurar uma forma de falar isso... Assim... para alguns jovens, o projeto é uma oportunidade de uma mudança... uma mudança de 180 graus. É questão de vida ou morte mesmo, sabe? Eu trabalho aqui hoje com jovens que tem homicídios, com jovens que já foram detentos... Eu trabalho com pessoas que tem homicídios e que em sua maioria as pessoas têm disciplina, as pessoas entendem que tem que respeitar o próximo... as pessoas entende que quando eu estou lá no local, embora eu tenha muito cuidado com isso, mas que eu tenho papel de liderança e as pessoas aceitam. Aceitam porque o que eu faço ajuda outras pessoas... ajudam os jovens né? E que a sociedade às vezes não tá nem aí... O projeto, quando acontece principalmente, pelo Fica Vivo é de suma importância. Ele é muito importante. Porque se você procurar as vezes você não consegue ver... porque na maioria das vezes o Estado só está presente com a polícia. Só está presente com repressão... e quando eu estou lá eu sou um representante do Estado... então o Estado consegue se aproximar do jovem... aproximar para saber quem é o José... quem é o Adailton... quem é o Pedro...*

## **X. Entrevista pelada dos veteranos (peladeiro\_1)**

### **1) Qual seu nome, idade e profissão?**

*Meu nome é peladeiro\_1. Mas me chamam de Piolho, que é o meu apelido. Tenho 51 anos e sou representante comercial, trabalho com representação no meu dia a dia. E a participação nossa, que a gente tem de pelada aqui é uma coisa que faz parte da vida da gente. A gente vive isso aqui aos domingos, com minha esposa às vezes, com a minha filha que sempre vem. Isso é uma coisa que faz parte da vida de quem está no futebol amador. O futebol amador é um meio de interagir com as pessoas, para socializar com o pessoal, a resenha... São coisas muito legais que a gente não pode abrir mão disso nos finais de semana. Então, todo domingo nós “tamo” aqui. Eu, como muitos outros pais que estão aí trazemos a nossa família. E é uma coisa que a gente espera a semana toda para estar aqui. A semana toda no trabalho, a gente conta dia para chegar o final de semana, pelo futebol amador. O futebol amador é isso. A gente precisa ter mais ajuda do governo, da prefeitura... incentivar o futebol amador, incentivar os clubes né... porque ajuda muito a gente isso. Ajuda nossa família e nossos amigos...*

### **2) Há quanto tempo já participa da pelada?**



*Eu participo aqui da pelada há mais ou menos 11 anos consecutivos... de futebol amador eu já tenho mais tempo. Aqui na pelada já tem esse tempo... 11 anos já... é muita história...*

**3) Qual é a sua principal atividade de lazer no fim de semana?**

*Hoje é essa pelada sim. É minha principal atividade de lazer. Essa pelada que a gente bate. A gente chega aqui às 7h da manhã e passa o dia todo praticamente aqui. Faz um churrasco, toma uma cerveja... tem o pessoal do carteadado também...*

**4) Você vem sozinho para a pelada ou alguém te acompanha?**

*Sim. Eu trago minha filha principalmente. Ela acorda cedo e fala “pai eu quero ir com você” e eu não posso abrir mão né? que é família, né... E junta com o pessoal aqui também e forma outra família. Isso aqui é uma família, né?*

**5) Se não houver a resenha depois do futebol você ainda vem para jogar?**

*Sim. O futebol primeiro, né? O principal é o futebol. A resenha é consequência do futebol. Eu não deixo de participar não.*

**6) Se for o contrário, por algum motivo você não puder jogar, você ainda vem somente para a resenha?**

*Sim! Inclusive, quando eu tive um problema, eu já fiquei 47 dias sem poder jogar e vinha sempre. Vinha porque é um compromisso que a gente tem né... E faz parte do domingo da gente... Pra gente que é trabalhador faz parte. Não deixo de participar não. Eu vinha para a resenha e ver o pessoal jogar.*

**XI. Entrevista pelada dos veteranos (peladeiro\_2)**

**1) Qual seu nome, idade e profissão?**

*Meu nome é peladeiro2, eu tenho 63 anos e sou aposentado.*

**2) Há quanto tempo já participa da pelada?**

*Tem muito tempo, estou na pelada desde quando ela começou... foi no ano 2000. Então tem uns 20 anos... por aí...*

**3) Qual é a sua principal atividade de lazer no fim de semana?**

*É essa pelada aqui! Com certeza ela é a minha principal atividade de lazer... porque a gente vem se tiver com ou sem dinheiro... e encontra o pessoal aqui... que a gente não vê durante a semana. Faz o jogo aqui para dar uma suada... é muito bom.*

**4) Você vem sozinho para a pelada ou alguém te acompanha?**

*Normalmente eu venho sozinho... mas agora meu filho está começando a me acompanhar. Chego aqui cedo com junto com ele. Umás 7h... 8h da manhã.*

**5) Se não houver a resenha depois do futebol você ainda vem para jogar?**

*Olha jogar... ficou pra mim uma palavra difícil né... hoje eu com 63 anos eu tenho mais prazer na resenha do que com o próprio futebol. Então acho que cai bastante a participação do pessoal aí se não tiver essa resenha no final...*

**6) Se for o contrário, por algum motivo você não puder jogar, você ainda vem somente para a resenha?**

*Com certeza... a resenha, como eu falei... a resenha hoje pra mim ela é mais importante que o futebol. A resenha é tudo... Amizade... a gente se encontra... faz o churrasquinho aqui, troca uma ideia, é isso aí que você tá vendo.*

## **XII. Entrevista pelada dos veteranos (peladeiro\_3)**

**1) Qual seu nome, idade e profissão?**

*Meu nome é peladeiro3, eu tenho 39 anos e sou professor*

**2) Há quanto tempo já participa da pelada?**

*Aqui... eu participo desde 2010. Então vai completar agora, nesse ano, 11 anos de pelada...*

**3) Qual é a sua principal atividade de lazer no fim de semana?**

*É a única! [Risos] Tem o futebol e depois tem uma biritinha.... Mas no domingo é a minha única atividade mesmo.*

**4) Você vem sozinho para a pelada ou alguém te acompanha?**

*Eu venho sozinho... mas de vem enquanto meu pai vem e fica aqui pelo menos a parte da manhã aqui no campo, né... Ele também mora aqui perto, aí ele vem às vezes.*

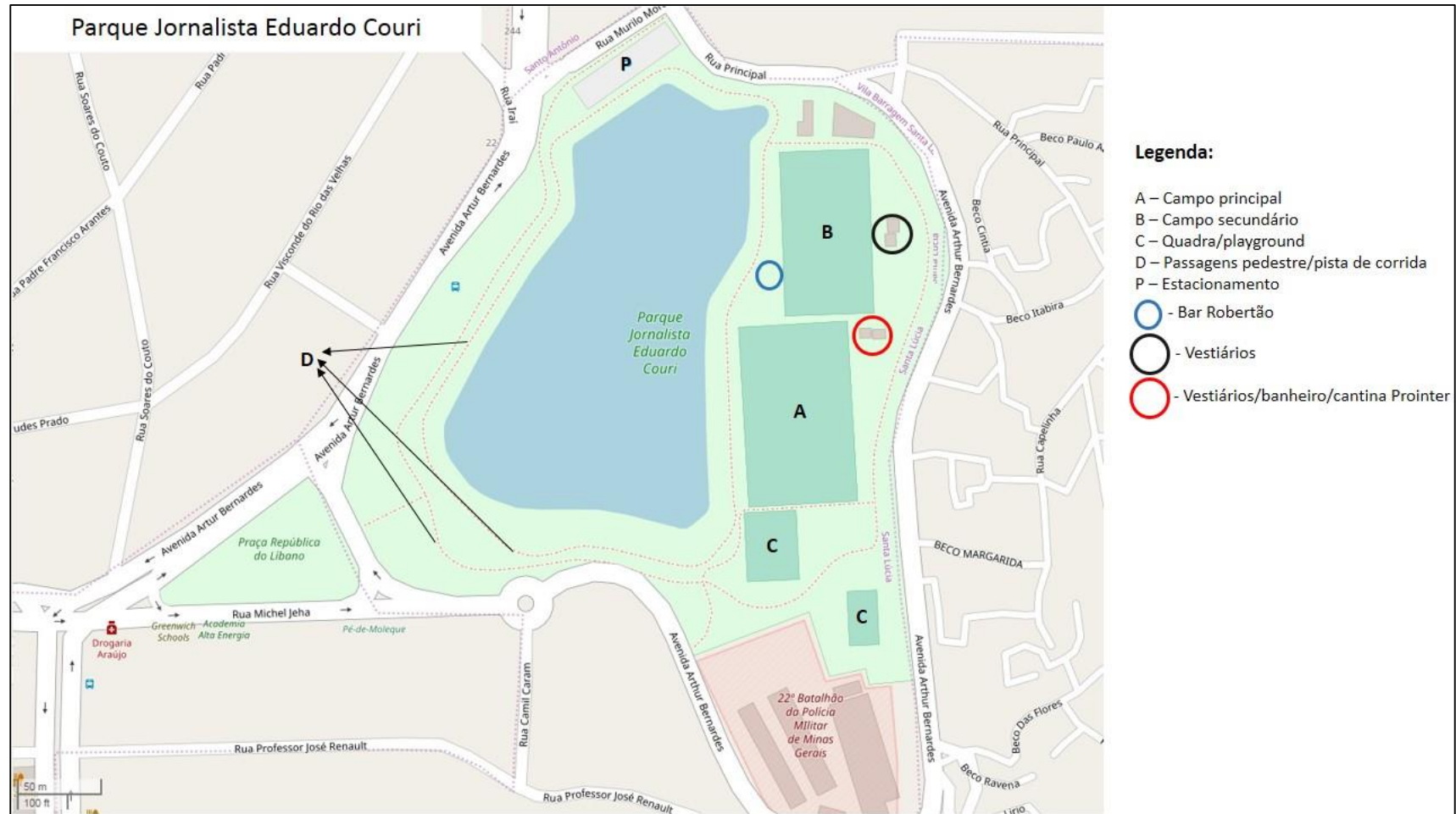
**5) Se não houver a resenha depois do futebol você ainda vem para jogar?**

*Venho! Assim... a gente coloca que resenha é o principal, mas pra mim o principal é jogar. Se não tiver a resenha eu venho jogar do mesmo jeito...*

**6) Se for o contrário, por algum motivo você não puder jogar, você ainda vem somente para a resenha?**

*Venho! Venho porque... assim... jogar é bom. A gente vem pra jogar bola, mas reunir com a turma depois vale a pena... a gente sai de casa é pra isso também.*

## ANEXO A MAPA PARQUE JORNALISTA EDUARDO COURI



**ANEXO B**  
**DOCUMENTAÇÃO DE APROVAÇÃO JUNTO AO COEP/UFMG**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** A bola rola no Morro: o futebol como possibilidade de lazer na periferia de Belo Horizonte

**Pesquisador:** Silvio Ricardo da Silva

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 02471818.3.0000.5149

**Instituição Proponente:** PRO REITORIA DE PESQUISA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.340.242

**Apresentação do Projeto:**

Versão do projeto de pesquisa que apresenta respostas às diligências do parecer de número 3.085.477. Projeto, conforme apresentado pelos pesquisadores:

"O futebol se apresenta atualmente no Brasil não somente como um importante objeto de estudo dos campos das ciências humanas e sociais com também uma relevante atividade de lazer para uma significativa parcela da população brasileira. As diferentes formas de organização e manifestação do futebol, principalmente na periferia das grandes e médias cidades do país. Em Belo Horizonte essa realidade também é observada e uma das comunidades onde o futebol é a principal atividade de lazer é o Morro do Papagaio, também conhecido como a Vila da Barragem Santa Lúcia. [...] Sendo o futebol uma importante atividade para esta comunidade apresentamos esta proposta de estudo que tem como objetivo central, investigar de quais maneiras o futebol se apresenta na comunidade do Morro do Papagaio e como ele se manifesta enquanto uma opção de lazer e sociabilidade destes moradores. Assim como, os fatores que levam a forte presença deste esporte na vida desta comunidade. Como objetivos específicos apresentamos a intenção de compreender a relação que os moradores do Morro do Papagaio tem com o futebol em suas diferentes matrizes; Analisar a dinâmica de funcionamento dos clubes de futebol amador que estão presentes no Morro do Papagaio; Pesquisar como são organizados jogos e torneios destes times amadores, bem como a relação da comunidade com os mesmos; Investigar se existem e

**Endereço:** Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad Sl 2005

**Bairro:** Unidade Administrativa II

**CEP:** 31.270-901

**UF:** MG

**Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 3.340.242

como funcionam projetos sociais de esporte na comunidade, bem como, qual é o público dos mesmos. Para tanto faremos um estudo etnográfico da comunidade do Morro do Papagaio em Belo Horizonte, de forma que lançaremos mão de ferramentas científicas afeitas a esse campo da antropologia, como o caderno de campo, a observação e entrevistas com os atores interessantes para atingir os objetivos do trabalho e também para uma melhor compreensão da realidade estudada".

Conforme apresentado no projeto completo, participarão da pesquisa: "[...] crianças, jovens, coordenadores de projetos sociais e esportivos, coordenadores de projetos de lazer, donos de bares e outros comércios, pessoas ligadas a associação de moradores, jogadores, jogadoras e organizadores dos times amadores. Enfim, todos aqueles que possam oferecer elementos interessantes para um melhor entendimento dessa dinâmica cultural, e do grau de envolvimento das pessoas da comunidade com o futebol, podem se tornar sujeitos de pesquisa".

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Conforme formulário de informações básicas atual:

Objetivo Primário: O objetivo central que este trabalho apresenta é de investigar quais maneiras o futebol se apresenta na comunidade do Morro do Papagaio e como ele se manifesta enquanto uma opção de lazer e sociabilidade destes moradores. Assim como, os fatores que levam, a presença (ou ausência) deste esportena vida desta comunidade.

Objetivo Secundário: • Compreender a relação que os moradores do Morro do Papagaio tem com o futebol em suas diferentes matrizes; • Analisar a dinâmica de funcionamento dos clubes de futebol amador que estão presentes no Morro do Papagaio; • Pesquisar como são organizados jogos e torneios deste times amadores, bem como, a relação da comunidade com os mesmos; • Investigar se existem e como funcionam projetos sociais de esporte na comunidade, bem como qual é o público dos mesmos; • Conhecer quais são as opções e possibilidades de atividades de lazer que são os moradores do Morro do Papagaio possuem. • Mapear os espaços na comunidade que são utilizados por seus moradores para momentos de lazer e sociabilidade.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos: Não existem riscos para a integridade física dos voluntários da pesquisa inerentes a sua participação no estudo, uma vez que serão realizadas apenas entrevistas com os sujeitos. Assim, os únicos riscos são de ordem psicológica, como: possibilidade de constrangimento ao ser

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad Sl 2005

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.270-901

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 3.340.242

entrevistado e/ou eventual situação de estresse emocional ao recorrer as lembranças de fatos que por ventura venham a ser questionados na entrevista. Em relação as fotografias, elas serão coletadas de modo que não sejam capazes de identificar os sujeitos que ocasionalmente aparecerão nas imagens. As fotos visam primordialmente mostrar os usos e desusos dos espaços do Parque Jornalista Eduardo Couri (Parquedda Barragem Santa Lúcia).

Benefícios: Como exposto anteriormente, a importância de estudo do lazer, nas periferias de Belo Horizonte se dá no momento em que o lazer como um direito social ainda não é garantido (pelo poder público) satisfatoriamente, assim como uma série de outros direitos constitucionais, nestas comunidades. Assim penso ser profícua uma melhor compreensão dos modos de vida e de vivência do lazer desta significativa parcela da população belo-horizontina, entender seus anseios e demandas. Partindo da hipótese da existência de uma forte relação existente da comunidade do aglomerado Santa Lúcia com o futebol esta Outro aspecto que pode ser importante conhecer é a forma com que os moradores se organizam, com o intuito de suprir a falta governamental no oferecimento de possibilidades de cultura e lazer. Ao termos este tipo de conhecimento, acredito que políticas públicas de esporte e lazer possam ser pensadas de formamais aproximada da comunidade. No que se refere ao estudo em grandes cidades, Magnani (2002) ressalta o valor que a pesquisa antropológica no contexto urbano possui. Segundo o mesmo, a grande riqueza é possibilidade de estudar a cidade, não a tendo apenas como um pano de fundo, mas sim ampliando as interpretações sobre ela a partir de um conhecimento e um diálogo com seus mais diferentes atores sociais em suas interações, trocas e conflitos. Cabe ressaltar que são vários os fatores que tornam investigações como esta importantes. Primeiramente, para consolidação do campo científico dos estudos sobre futebol. E também pela pertinência e relevância que o futebol e o torcer possuem em nosso país, em nossa sociedade. Vale lembrar, por exemplo, o fato do futebol ser uma importante atividade e uma opção de lazer de grande parcela da população. Assim, penso ser necessários e urgentes mais estudos, investigações e discussões acerca do tema. Os estudos sobre futebol nos campo das ciências humanas, e do lazer vem ganhando espaço atualmente e este estudo buscará dialogar com os mesmos. Tornar o conhecimento sobre o futebol mais amplo e complexo, dialogando além dos aspectos do futebol espetáculo, também a função do futebol amador, do futebol comunitário e do torcer em todos eles. É necessário também entendermos melhor a cidade como um equipamento de lazer (MARCELINO et al, 2006) e como os cidadãos nela inseridos a ocupam e a transformam. Compreender a cidade resulta em compreendermos melhor as pessoas que nela vivem, suas demandas.

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad S/ 2005

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.270-901

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 3.340.242

Foi incluído termo de autorização para uso de imagens/fotografias para reduzir um dos riscos apontados pelo CEP-UFMG relativos à execução da pesquisa. O risco da entrada no campo é também endereçado por meio de modelo de carta de anuência anexado à Plataforma. Relação risco x benefício adequada.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pendências elencadas pelo CEP-UFMG foram atendidas de maneira satisfatória, a saber:

Pendência 1: Pesquisadores afirmam que terão o cuidado de não identificar os participantes que porventura sejam registrados em imagens durante a observação, o que é adequado. No entanto, eles podem ser questionados eventualmente pelas pessoas que estão sendo fotografadas. Recomenda-se que seja produzido um termo de uso de imagens para o caso de abordagens fotográficas que possam constranger sujeitos participantes e o pesquisador. E aos que não conseguirem coletar o Termo de Cessão de Imagem para fins acadêmicos, deve-se resguardar a não identificação nas fotos, através de filtros.

Pendência 1 ATENDIDA: foi inserido termo de cessão de imagens.

Pendência 2: pesquisadores informam que muitas pessoas podem fazer parte da pesquisa, pois se trata de uma pesquisa etnográfica. Pedem-se que o pesquisador esteja atento às possibilidades de observar situações que possam envolvê-lo em situações de risco e também os participantes. Esclarecer os cuidados que serão tomados junto aos coletivos do bairro para entrada no campo de pesquisa. Uma boa alternativa é que se providencie modelos de carta de anuência das instituições envolvidas (como associações de bairro, projetos sociais).

Pendência 2 ATENDIDA: há modelo de carta de anuência para entrada no campo de pesquisa.

Pendência 3: Deslocar, no TCLE, as informações sobre os pesquisadores e seus contatos para o final do documento. Ao se colocar no cabeçalho, estas informações podem constituir argumento de autoridade, o que não é aconselhado pela resolução CNS 466/2012.

Pendência 3 ATENDIDA.

Pendência 4: Necessário fazer adequações no TCLE 4.1. Numerar as páginas; 4.2. Inserir campos de rubrica do pesquisador e pesquisado em todas as páginas (exceto quando a página contiver campo de assinatura); 4.3. Informar que o participante será observado em suas práticas; 4.4. Informar o tempo médio de realização das entrevistas; 4.5. Informar que a entrevista será gravada, se for o caso, e a forma com que os dados de entrevista serão armazenados.

Pendência 4 ATENDIDA, conforme modificações no TCLE.

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad Sl 2005

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.270-901

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br



Continuação do Parecer: 3.340.242

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Termos considerados adequados.

**Recomendações:**

Sem recomendações.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Como as pendências do parecer de número 3.085.477 foram atendidas de maneira satisfatória, aprova-se o projeto de pesquisa.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P	26/04/2019		Aceito
	ROJETO_1232175.pdf	14:13:43		
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_ver3_Felipe.doc	26/04/2019	FELIPE VINICIUS	Aceito
		14:13:09	DE PAULA ABRANTES	
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_ver2.docx	26/04/2019	FELIPE VINICIUS	Aceito
		14:12:30	DE PAULA ABRANTES	
Outros	Anuencia_Assoc_StaLucia.doc	17/12/2018	FELIPE VINICIUS	Aceito
		16:08:10	DE PAULA ABRANTES	
Outros	Uso_Imag_Felipe.docx	17/12/2018	FELIPE VINICIUS	Aceito
		16:07:01	DE PAULA ABRANTES	
Folha de Rosto	FolhadeRosto.pdf	06/11/2018	FELIPE VINICIUS	Aceito
		13:29:30	DE PAULA ABRANTES	
Parecer Anterior	parecer_Sarah.pdf	01/11/2018	FELIPE VINICIUS	Aceito
		14:20:01	DE PAULA ABRANTES	

**Situação do Parecer:**

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad Sl 2005

Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901

UF: MG Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 3.340.242

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BELO HORIZONTE, 22 de Maio de 2019

---

**Assinado por:**  
**Eliane Cristina de Freitas Rocha(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Presidente Antônio Carlos,6627 2º Ad Sl 2005

**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

Este trabalho contou com financiamento público por meio de bolsa da CAPES.